FLÁVIO GIKOVATE

VÍCIO DOS VÍCIOS

VÍCIO DOS VÍCIOS

UM ESTUDO SOBRE A VAIDADE HUMANA

FLÁVIO GIKOVATE

3.ª edição

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

G391v Gikovate, Flávio, 1943-
Vício dos vícios : um estudo sobre a vaidade humana / Flávio Gikovate. -- São Paulo : MG Editores Associados, 1987.

1. Exibicionismo 2. Orgulho e vaidade 3. Vícios I. Título. II. Título: Um estudo sobre a vaidade humana.

87-2014 CDD-179.8
-157.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Exibicionismo : Psicologia clínica 157.7
2. Vaidade : Psicologia clínica 157.7
3. Vaidade : Vícios : Ética 179.8
4. Vícios : Ética 179.8

Produção Editorial: Florentino Marcondes D'Angelo
Capa: Antonio Maioral
Foto: Rosa Gauditano/Fotograma
Supervisão: Gertrudes Ursztajn
Composição: Linoart Ltda.

Rua Santo Antonio, 1263 — 2.º andar
CEP: 01314 São Paulo — SP
1.ª Edição: Outubro de 1987

FLÁVIO GIKOVATE

VÍCIO DOS VÍCIOS

UM ESTUDO SOBRE A VAIDADE HUMANA

ÍNDICE

I

A vaidade está em toda a ação humana

Quando uma criança, com 7 ou 8 anos de idade, ganha de presente uma correntinha de ouro com a imagem de um santo pendurada nela, a sensação que ela tem ao colocar o objeto sobre o seu corpo é de natureza erótica. Ela se sente diferente, excitada — uma sensação de nervosismo percebida como agradável; ela se sente, por alguns minutos, especial, única. Não sossega enquanto não mostrar sua nova propriedade — ou sua nova sensação? — a todos os que a cercam. Se sente gratificada, e reforçada na sensação de extravagância, a cada olhar de admiração e em cada expressão de elogio. Isto é vaidade.

A sensação erótica se expressa mesmo quando se pendura no pescoço a imagem do santo mais austero; não deixa de ser curiosa a aparente contradição. Mas o que desperta a excitação é a coisa nova; é o possuir uma "jóia". Depois de algum tempo a mesma criança se acostuma com o fato de ter junto a si o colar e não sente mais nada de especial. Mas aí ganha um relógio e a sensação se renova. Isto é vaidade. Porque a sensação é extremamente prazerosa, ela aprende a gostar de ter coisas novas para colocar sobre o seu corpo: roupas, sapatos, fita no cabelo, brincos, tudo enfim que ela considere capaz de chamar a atenção das outras pessoas, atrair olhares de admiração. Isto é vaidade. Todos nós, quando adultos, continuamos a

experimentar sensações parecidas e isto nos leva a perseguir sempre novas aquisições.

A sensação se estende para tudo o que nos pertence; mesmo para as coisas que não são usadas sobre o nosso corpo. Um carro novo nos provoca enorme prazer do mesmo tipo. Nos sentimos, por algum tempo, especiais; olhamos para os outros, de dentro dele, para ver se estão nos olhando. Isto é vaidade. Gostamos que elogiem nossa casa, a comida que servimos, o vinho que oferecemos. Isto é vaidade. O prazer que sentimos é sempre de natureza efêmera; precisamos de novas coisas para que a sensação se repita. Precisamos de cada vez mais coisas para sentirmos a mesma emoção; é como se fosse um vício no qual vamos nos afundando cada vez mais.

A sensação que já se estendeu para as coisas que não estão no nosso corpo, aos poucos se expande para as pessoas às quais estamos ligadas. Precisamos nos orgulhar de nossos pais, de nossos filhos, de nossos cônjuges, de nossos amigos. Isto é vaidade. Não podemos aceitar com serenidade nada que não provoque olhares de admiração; nossos filhos terão que ser lindos e benquistos; terão que ser inteligentes e educados não apenas porque isto é bom, mas para nos provocar a sensação erótica agora chamada de orgulho. Isto também é vaidade. Um homem poderá preferir cobrir sua esposa de jóias e depois desfilar ao lado dela ao invés de colocar as jóias em si mesmo. Todos olharão para ela e isto provocará a sensação erótica também nele. Isto é vaidade. Ele se orgulhará de "ter" uma mulher atraente e de ser rico o bastante para lhe dar presentes caros. Ela se orgulhará de ter casado com um vencedor. Isto é vaidade.

Com o passar do tempo o processo erótico da vaidade vai se estendendo para todas as direções, do mesmo modo que se expandem os tentáculos do polvo. Nada fica excluído, nem mesmo a atividade intelectual. O fato de uma pessoa ter boa inteligência e ter acumulado uma certa

quantidade de conhecimento também lhe traz a sensação. Será olhado com admiração quando citar algum autor importante. Isto é vaidade. Exibirá poemas ao invés de pedras preciosas. O prazer derivado da admiração é o mesmo. Poderá se tornar um acumulador de conhecimento não apenas em virtude de sua curiosidade, mas também para ser admirado. Será pouco — ou nada — diferente daquele que acumula dinheiro com o mesmo fim. A vaidade que já havia "contaminado" todas as coisas agora penetra também no mundo das idéias, perturbando todo o funcionamento da razão humana.

A mulher apaixonada diz para o seu amado: "você é a criatura mais incrível que eu conheci; não sei o que eu fiz para merecer tanto". O homem se sente o máximo. Isto é vaidade. A vaidade participa, e de forma bastante importante, no mundo do amor, passando assim a influir também no nosso processo emocional. Se uma pessoa com a qual tenho um relacionamento amoroso me abandona, não choro apenas a sua perda, mas também a ferida provocada no meu "orgulho". Isto é vaidade. Orgulho é uma palavra que pouco se distingue de vaidade, a não ser pelo fato de que a ouvimos como sendo muito mais digna.

Orgulho ferido corresponde à dolorosa sensação de humilhação, que é o oposto da gratificação erótica da vaidade. É o que sentimos quando não nos olham, não nos dão importância, não querem mais nos ter por perto. Humilhação é a dor derivada da não satisfação da vaidade. É a sensação negativa derivada da ausência da sensação positiva, da não realização de uma dada expectativa que eventualmente se tinha. Uma pessoa poderá me humilhar profundamente sem que tenha feito nada de mau contra mim. Basta que eu me compare com ela e a veja como mais bela, mais rica, ou mais inteligente. Me sentirei por baixo. É desta sensação desagradável que deriva a inveja. Isto é vaidade.

O religioso percebe o ridículo de tudo isto, percebe

que a busca de satisfações materiais é crescente, que o processo é insaciável e se opõe a este caminho. Despreza as coisas materiais e se propõe a uma vida austera, "espiritualizada". Isto também é vaidade, pois ele passa a se sentir superior, mais próximo de Deus. Se considera melhor do que os ridículos materialistas e exibe o seu desprendimento; isto também chama a atenção e também faz surgir a sensação erótica. Por este caminho, entre outros, a vaidade penetra também no mundo da reflexão moral e nos processos psíquicos que fazemos com o intuito de construirmos nossos valores. A renúncia aos prazeres materiais é também um tipo de prazer e "vicia" do mesmo modo.

A partir destes poucos exemplos — pouquíssimos, de fato — fica fácil concordarmos com a afirmação do Velho Testamento (Eclesiastes): "Vaidade das vaidades. Tudo é vaidade". A questão é essencial para fins da busca de um certo equilíbrio humano; ainda mais essencial para um aprimoramento e harmonização das sociedades humanas. E quem se ocupou de estudar a vaidade humana nestes milênios que nos separam do "Eclesiastes"? Ninguém. Nem os filósofos, nem os sociólogos, nem os médicos, nem os psicólogos e nem os psicanalistas. O que se tem de escrito sobre o assunto? Nada. Nenhum livro, nem um simples trabalho de algumas páginas. Será isto possível? Pois o é. E é evidente que teremos que encontrar uma explicação para este lamentável equívoco, para esta lacuna no *nosso* conhecimento de nós mesmos.

São as pessoas mais intelectualizadas e principalmente aquelas que exercem a inteligência de um modo mais reflexivo e introspectivo, as que pensam e escrevem sobre a condição humana. Este tipo de criatura vive um sem número de complicações internas. São mais conscientes de algumas das mais desagradáveis peculiaridades da vida; sabem, por exemplo, que temos inteligência suficiente para fazer perguntas do tipo: "donde viemos"? "para onde vamos"? "qual o sentido da vida"? Sabem também que não temos inteligência suficiente para encontrar as respostas a estas mesmas perguntas. Não se satisfazem com as explicações tradicionais do pensamento religioso, que são suficientes para que o homem comum pare de se atormentar com tais questões.

Saber perguntar sem saber responder gera uma enorme dor; suportar a dúvida é uma das coisas mais sofridas para o nosso mundo interior. A sensação de abandono e de insignificância que resta é, em certo sentido, insuportável. Têm que encontrar algum paliativo para este sofrimento. Têm que encontrar uma forma de se colocar no mundo que lhes pareça mais suportável, menos desesperadora. Terão que aceitar os benefícios da vaidade, da mais terrível de suas versões, que é a vaidade intelectual; terão que aceitar os gozos de se sentirem espíritos superiores, se orgulharem de sua capacidade intelectual e da sofisticação de suas reflexões. Isto os faz portadores de maiores sofrimentos mas também lhes provoca a sensação erótica de superioridade, de serem especiais. Não poderiam suportar a dor das dúvidas sem estas vantagens.

Acredito que seja importante também, em muitos casos, para que se reforcem estes aspectos de superioridade, a comparação que o intelectual faz de si mesmo com outras criaturas igualmente inteligentes e mais dedicadas ao mundo prático, às glórias terrenas. Estes resolvem o seu desespero interno através do trabalho e através do exercício direto das satisfações eróticas derivadas da riqueza material que eles lutam para obter. O "vício" da vaidade material neutraliza parcialmente o desgosto derivado da consciência da condição humana que estas pessoas também têm, mas que buscam esconder através do trabalho e do usufruto dos prazeres materiais, do álcool e de outras drogas, das conquistas eróticas, etc.

O intelectual se compara com este outro tipo de pessoa que se dedica à conquista dos prazeres terrenos e poderá

se sentir profundamente incomodado, invejoso. A inveja, nestes casos, é recíproca; pois os ricos também invejam o conhecimento, a cultura e "desprendimento" daquele que prefere estudar e saber. Como o "desprendimento" não é tão verdadeiro, o intelectual terá que se achar, de fato, superior como criatura, superior por não usar recursos tão comuns para atenuar seus desconfortos. Isto reforça ainda mais sua vaidade, além de construir uma guerra invisível entre estes dois tipos de pessoas inteligentes que disputam entre si a primazia das melhores escolhas de modo de vida. A própria luta entre o grupos reforça mais ainda a vaidade de ambos e a busca da verdade vai cedendo lugar a este jogo mesquinho.

Desta forma, as criaturas que poderiam ter compreendido a importância da vaidade em nossas vidas individuais e grupais ficaram escravas desta emoção, "viciadas" nela mais do que qualquer outro sub-grupo; e isto em qualquer tipo de comunidade que tenhamos construído. Ninguém é mais vaidoso do que o intelectual. E a vaidade aqui é mais grave, pois afeta a própria reflexão sobre a vida, a subjetividade e a organização social da nossa espécie. Não é exagero pensarmos que quase todas as considerações feitas pelos filósofos, cientistas sociais e psicólogos terão que ser "purificadas" da intromissão desta sensação erótica, deste "erro nas contas" em um problema extremamente complexo que é o homem.

O homem é o objeto de estudo do próprio homem. O estado de alma daquele que é o estudioso poderá influir terrivelmente sobre o que ele será capaz de ver. A vaidade toma conta do cérebro do pesquisador e ele não é capaz de se aperceber da sua importância, não é capaz de isolá-la, analisá-la; estudá-la, enfim. Se usam palavras vagas, especialmente na linguagem coloquial: "o elogio de fulano faz bem para o meu ego"; "a maneira do siclano me olhar levantou minha moral". Tudo é vaidade. Só se fala nisso o tempo todo: as coisas que nos colocam "para cima" e as

que nos puxam "para baixo" quase sempre têm a ver exclusivamente com reforços ou não da nossa vaidade. Quando não é só isto, ao menos em parte tem sempre a ver com a vaidade. E os estudiosos não puderam ver e estudar isto direito porque a percepção da importância da vaidade em nossas vidas é um enorme puxão "para baixo" na nossa própria forma de nos julgarmos. Ficamos mais mesquinhos quando nos vemos desta forma; perdemos cotação aos nossos próprios olhos se nossos objetivos heróicos e messiânicos têm mais a ver com a vaidade do que gostaríamos de supor. Ficamos muito parecidos com as pessoas que nós vivemos a criticar e isto nos faz mal; gostamos tanto de nos sentirmos superiores e teremos que perceber que isto não é verdade. É melhor deixar o assunto para lá e continuarmos a pensar do mesmo modo que sempre — e Deus sabe há quanto tempo eu mesmo venho adiando este trabalho, quantas tensões e desconfortos têm me causado. Quantos argumentos já usei para postergá-lo!

Os homens gostam de coisas que os façam sentir especiais, únicos, pois a nossa vaidade assim o exige. Não é difícil perceber, pois, que todos os conceitos que nos rebaixem sejam muito mal recebidos, mesmo pelos cientistas e intelectuais. Que os contemporâneos de Darwin tenham ficado enfurecidos com ele, porque demonstrou nossa falta de originalidade como espécie não é de se estranhar. Que agrade mais aos nossos ouvidos frases como: "você é ótimo", "para você tudo será bom e dará certo com facilidade", do que as verdades tipo: "você não suporta sua insignificância e falta de originalidade e usa qualquer meio para se destacar" também não é para se ter dúvidas. Poucas pessoas têm a coragem de saber a verdade quando ela pode abalar a vaidade; poucas têm força suficiente para suportar este tipo de golpe. É para elas que se endereça este livro. E isto é vaidade novamente, pois estamos criando a "classe superior" de pessoas que suportam estudar a vaidade humana!

II

A origem sexual da vaidade

O trabalho de análise, ao qual um profissional da minha área se dedica quase que o tempo todo, é extremamente difícil na nossa espécie. Tudo se interrelaciona, todos os processos biológicos, psicológicos e racionais se imbricam de tal forma que se tornam muito pouco evidentes os contornos de cada ingrediente. E com a vaidade a coisa é pior ainda, pois ela está presente em tudo. Porém, pela natureza da sensação que sua satisfação provoca, creio que podemos localizá-la originalmente como uma das manifestações do instinto sexual.

Tenho usado o termo instinto para os desejos que surgem espontaneamente no nosso corpo. Desejo se distingue da necessidade pelo fato de que sua não realização determina apenas a sensação de tristeza e não a morte. Reconheço dois instintos: o sexual e o instinto do amor; sobre o amor escreverei mais para adiante. No homem estes processos, biologicamente determinados, rapidamente sofrem a influência da cultura onde cada um de nós nasce, de sorte que se pode dizer que os instintos humanos são bastante mais flexíveis do que os que se encontram em outras espécies animais. O fato de sermos os observadores de nós mesmos nos deixa com extrema dificuldade para observarmos os fenômenos fisiológicos independentemente do que

aprendemos a viver e principalmente do que aprendemos a pensar. Porém, apesar das ressalvas, é necessário tentar.

Acredito que as primeiras manifestações sexuais da criança, ainda no primeiro ano de vida, demonstram a natureza auto-erótica deste impulso. Ao pesquisar o seu corpo, a criança encontra certas partes dele — as chamadas zonas erógenas — onde o toque provoca uma sensação peculiar. Poderíamos tentar descrevê-la, tomando por base nossas reminiscências posteriores ou relato de crianças mais velhas, como uma sensação de excitação, um desconforto percebido como agradável. Em termos médicos, um desequilíbrio homeostático prazeroso. Todos os outros desequilíbrios homeostáticos — fome, sede, frio, etc — são registros desagradáveis. Estes determinam apenas um esforço para reencontrar o equilíbrio; e a sensação, quando isto acontece, é a da recuperação da paz, da serenidade. Como o desconforto sexual é agradável, não deverá provocar a tendência para a busca do equilíbrio; seu objetivo é o próprio desequilíbrio; e se o prazer for maior à medida em que o desequilíbrio se estende, a coisa tenderia para uma busca de perpetuação deste estado. É provável que a partir de um certo ponto o processo se torne incômodo e desagradável e aí surgiria a busca de um pouco de paz. O que me parece essencial é que se perceba que este é o único impulso que empurra para a ação, o movimento; os outros buscam apenas o fim das tensões. Por isso Freud o chamou de instinto de vida, e me parece que ele tinha boas razões para isso.

O fenômeno inicial de excitação se dá sem a intermediação de qualquer outra pessoa. Não existe um objeto do desejo. De fato, nestes processos iniciais não existe sequer o desejo, pois esta palavra reflete a busca ativa de uma situação agradável. O que existe é a excitação derivada do toque e massagem em certas partes do corpo. O fenômeno é claramente pessoal e não tem nada de interpessoal. É auto-erótico. O que é interpessoal por excelência é o amor

e a maioria dos autores não o distingue do sexo como impulso autônomo; isto, além de ser, a meu ver, um erro grave, nos conduz a uma lastimável confusão cada vez mais difícil de ser desfeita. É como se, ao tentarmos resolver um complexo problema de matemática, cometessemos um engano logo numa das primeiras contas; à medida em que se desenvolvem as operações seguintes, o erro tenderá a aumentar e a comprometer tudo o que se seguir.

É só lá pelo 7-8 anos de idade que surgirá o interesse pelas trocas de carícias, ainda assim claramente relacionado com fenômenos culturais, com a imitação daquilo que as crianças vêem — ou ouvem falar — que interessa aos adultos. Não há nenhuma discriminação de quem seja o parceiro, nem qual o seu sexo. Apenas a vontade de experimentar a sensação de excitação derivada da troca de carícias, nada diferente do que se sente ao se fazer a carícia em si mesmo. O brinquedo envolve um parceiro, mas o caráter essencialmente auto-erótico persiste. O termo consagrado pela psicanálise para descrever a disposição para a troca de carícias com parceiros dos dois sexos é o da bissexualidade constitucional. Não creio que ele seja necessário, pois implica em desejo por ambos os sexos e eu creio que não existe por nenhum, ao menos no período infantil. Existe o desejo de sentir a sensação agradável e não o desejo desta ou daquela pessoa. Isto do ponto de vista sexual; é claro que do ponto de vista amoroso existem desejos fortes, claros e difinidos desde o nascimento.

Penso que é pelos 5 anos de idade que surgem as primeiras manifestações do que nos interessa descrever e compreender. A coisa é mais observável no menino: ele sente prazer — de natureza erótica — ao exibir o seu genital! Nas meninas não se pode constatar este processo por razões óbvias. É estranho tentarmos refletir sobre esta questão, uma vez que não existem fenômenos similares nos mamíferos dos quais somos aparentados. O que leva uma criança a ter prazer em se exibir, em ser olhada por

outra pessoa? Não creio que possamos explicar nada por hora; mas podemos constatar a coisa com facilidade. Não é improvável que o fenômeno já dependa de variações culturais, onde a exposição dos genitais é coisa já proibida; o prazer resultaria, pois, da própria transgressão. Ou será que o menino se orgulha, outra vez por isso ser valorizado pela cultura, de possuir um pênis, coisa que o coloca em "superioridade" em relação às meninas? Ou estará orgulhoso de não ter sido "castrado" pelo pai?

O fato indiscutível é que o prazer derivado de se exibir é de natureza erótica. É uma sensação de excitação similar à que se obtém pelo toque das zonas erógenas. Mas é uma sensação mais difusa; um calor e um arrepio generalizado; é coisa agradável e que por isso mesmo tende a se perpetuar, a ser buscada. O prazer sexual de se exibir é persistente e é a mais forte sensação de excitação nos adultos chamados exibicionistas. Eles adoram assustar as meninas desavisadas; depois disto, correm para algum canto e se masturbam estimulados pelo susto que provocaram. É realmente curioso o ser humano! É importante também percebermos como estas condutas pouco usuais nos ajudam a entender certas peculiaridades de nossos impulsos primários.

O exibicionismo exige alguém para olhar, mas não creio que apenas por isso devamos considerar o fenômeno como sendo efetivamente interpessoal. Isto porque o observador é uma figura muito impessoal, muito genérica e indiscriminada. Conta pouco para o menino quem é que o está olhando. O mesmo se dá com o exibicionista adulto, totalmente desinteressado em saber a quem está assustando. Mas é necessário que alguém esteja olhando para que a excitação surja. Não é uma dada pessoa, mas o processo exige observadores. Poderíamos chamar a isto de "quase interpessoal" ou "interpessoal indiscriminado". É uma coisa mais ou menos assim: não gostamos de jantar num restaurante que esteja vazio; mas muitas vezes nem presta-

mos atenção às pessoas que estão lá durante a nossa refeição. Tem que ter gente para olharmos e sermos olhados; mas pouco importa quem sejam elas.

À medida em que a criança cresce também se sofistica a sua razão, sua relação com o mundo real e também começa a ser possível imaginar. Imaginar é uma operação psíquica abstrata, capaz de provocar sensações de todo o tipo mesmo que nada esteja ocorrendo na realidade. Assim, lá pelos 8-9 anos de idade uma menina pode colocar sobre o seu corpo peças do vestuário da sua mãe, se olhar no espelho e imaginar a reação de eventuais observadores. Isto lhe provocará as mesmas sensações eróticas prazerosas e o fenômeno é outra vez apenas pessoal. É a este processo que chamamos de vaidade humana, o prazer erótico de se exibir, de atrair olhares de caráter positivo para si, de ser admirado, desejado, de ser visto como uma pessoa especial, única. Enfim, a agradável sensação de chamar a atenção.

Sempre que uma criança — e depois o adulto — espera atrair olhares e expressões de interesse e isto não ocorre, a sensação é horrível e a frustração muito forte. Não é uma emoção qualquer e a ela poderíamos chamar de humilhação. Não é necessário que nos olhem de uma maneira negativa; basta que não nos dêem atenção e já nos sentimos humilhados. A sensação é a de estarmos por baixo, de não valermos nada aos olhos da outra pessoa, de sermos criaturas insignificantes e desinteressantes. Enfim, tudo o que se puder pensar em termos de visão negativa de si mesmo. E isto ocorre em virtude da atitude do outro, que é sentido, portanto, como um agressor; é agressor mesmo que não tenha feito nada; é agressor justamente porque não nos levou em consideração.

E assim passamos a vida todos nós, provavelmente desde sempre: nos sentindo engrandecidos e erotizados quando nos olham, nos dão atenção; e por baixo e humilhados quando não nos notam ou nos notam de modo pejorati-

vo. Gastamos a maior parte do nosso tempo procurando coisas que nos façam destacados e fugindo das que nos diminuam. Vivemos para sermos julgados pelos olhos dos outros; a maior parte das vezes, por "outros" que não nos interessam e que nem sequer conhecemos. Nada significante.

O caráter erótico do processo exibicionista se obscurece com o passar dos anos em virtude de tantas outras variáveis que vão se acoplando a este fenômeno, e aos quais tentaremos nos referir nas páginas seguintes. Ele é apenas mais facilmente perceptível nas suas formas simples, infantis. Vale registrar também que, nesta fase da vida, a vaidade tem uma importância insignificante por comparação com o que vai acontecer depois. A criança, mais direta e sem disfarces, força as pessoas que a cercam para que olhem para ela quando está usando uma roupa nova. Exige os olhares e os aplausos e se assim o faz é porque isto certamente lhe provoca prazer (e não apenas seguindo a sugestão dos adultos que, é claro, estimula tal procedimento; estes agem assim porque já são escravos da vaidade e acham que as crianças não devem perder nenhuma oportunidade de se exibir). Chamar a atenção de pessoas às quais não está intimamente ligada não interessa à criança pequena, muito mais interessada nos prazeres amorosos e na sua segurança. O prazer exibicionista cresce com a independência da criança e se torna plenamente dominante a partir da puberdade, quando começa o jogo erótico adulto.

Nas vaidades físicas dos adultos, o aspecto erótico é melhor observável. Quando uma mulher usa uma jóia pela primeira vez ela se sente claramente erotizada. Quando um homem sai da agência com seu carro novo, a sensação erótica é indescritível. Se sente observado e admirado. Creio que a sensação erótica era também o objetivo buscado pelos grupos humanos primitivos quando se pintavam de modo extravagante para as festas; ou então quando colocavam sobre seu corpo colares, brincos, braceletes, etc.

Pelo que eu sei, sempre houve esta tendência das pessoas gostarem de se enfeitar; ou seja, as pessoas sempre se sentiram excitadas com isto, com a coisa em si; é evidente que muitos enfeites são sinal de poder, de liderança no grupo; mas eu creio que aí já existem intromissões culturais no prazer exibicionista que todos nós temos.

Volto a insistir na dificuldade quase que intransponível que existe ao tentarmos separar o biológico do cultural. Porém, acredito que seja mais sensato considerarmos uma base biológica sobre a qual a cultura age. Em caso contrário, é muito difícil explicarmos a disseminação e a perpetuação dos padrões eróticos ligados à vaidade, assim como se dá em outras peculiaridades do nosso comportamento. A principal fonte de inspiração da cultura deve residir na nossa própria biologia: a pessoa sente uma dada emoção, a registra, a interpreta, modifica e sofisticada os meios para voltar a sentí-la em caso de emoções agradáveis; quando as sensações são desagradáveis, a modificação será no sentido de evitá-la ou de atenuá-la. Nossa razão existe para este fim; para tentar melhorar a qualidade da nossa vida. Às vezes lança mão de recursos duvidosos, foge da verdade, inventa explicações mais agradáveis; mas o objetivo é quase sempre o de atenuar a dor e aumentar a intensidade do prazer. "Quase sempre" e não "sempre" porque existem também processos psíquicos que podem nos levar a fugir do prazer, aos quais tenho chamado de medo da felicidade (vide "Em busca da Felicidade" e "Ser Livre").

Nossa cultura estimula o exibicionismo físico feminino e até há pouco tempo reprimia ostensivamente o exibicionismo físico masculino. Hoje o faz de modo mais discreto, mas na mente da maior parte das pessoas ainda é viva a associação do exibicionismo do menino com a homossexualidade. O menino que goste de movimentos delicados, que goste de dançar e de se vestir com aprumo é desencorajado e estimulado na direção dos movimentos bruscos, da violência de certos esportes. Acredito que estes temores têm

algum fundamento e voltaremos ao assunto ao tratarmos brevemente das questões sexuais da adolescência. Desde cedo os meninos são estimulados na direção de encontrar outras formas de destaque, especialmente aquelas derivadas do sucesso em atividades competitivas — trabalho, estudo, esportes, etc...

A busca de sucesso em outras áreas que não sejam as do exibicionismo físico correspondem a uma transferência do prazer erótico da vaidade para outros domínios onde a razão é que está em comando. A partir daí a vaidade passa a ser um elemento integrante permanente da nossa forma de pensar. Esta transferência de domínio do corpo para a razão se faz gradativamente, ao longo de anos de aculturação. Se faz de modo mais evidente nos meninos, mas também se dá nas meninas, ao menos hoje em dia. Porém, estas são induzidas a não abandonar de modo algum o exibicionismo físico, sua arma secreta a partir da puberdade. Mesmo nos meninos, e depois nos homens, o exibicionismo não abandona de modo completo o domínio do corpo a não ser em casos excepcionais. A clássica austeridade na forma de se vestir dos homens de antigamente têm relação estreita com a vaidade física; mas ela deverá ressaltar a posição social dos homens e não as formas de seu corpo. Tudo isto está sendo revisto nos tempos atuais, governados por uma convicção mais igualitária; mas os resíduos deste modo tradicional de ser são fortes e ainda estão muito presentes em nosso cotidiano.

A vaidade não saí do seu território original, o corpo, o prazer de exibir suas partes proibidas e seus acessórios e adornos, apenas porque sua expressão é reprimida nos meninos. Acredito que isto facilita, abre os caminhos para uma expansão quase que inevitável. A nossa razão detecta e interpreta tudo o que se passa no nosso corpo. Não deixaria de registrar e ficar ciente do fato de que atrair olhares nos provoca uma agradável e difusa sensação de excitação. Não deixaria de pesquisar todas as formas possíveis de

atrair olhares. Não poderia deixar de perceber que o destaque, derivado de se ser mais capaz do que a maioria em uma dada atividade, atrai olhares. Não poderia deixar de perceber que a prática de certas condutas tidas como negativas pela maioria atrai olhares de desprezo, censura ou ironia; e que isto é vivido como grande desprazer, reforçando sensações de inferioridade que todos nós carregamos desde o início da vida. A razão trataria, pois, de nos levar a agir de modo a evitarmos a humilhação e a buscarmos a admiração ds outras pessoas.

Não se deve confundir este processo com o seu similar vinculado ao fenômeno amoroso. Isto porque no amor a rejeição derivada de condutas não aprovadas vem de uma pessoa que nos interessa de modo especial. A humilhação é diferente da rejeição porque me faz sentir inferiorizado quando não agrado a pessoas que não me interessam em particular. Me envaideço com aplausos de uma platéia que desconheço. Isto é muito diferente de me sentir querido e amado por minha mãe. Por amor, busco agradar a determinadas pessoas. Por vaidade, quero agradar a qualquer um e a todo o mundo. Se não agrado à pessoa amada, me sinto rejeitado, abandonado, desamparado. Se não agrado a todo o mundo, me sinto humilhado, por baixo. Na prática da vida adulta, ser admirado e ser amado caminham juntos muitas vezes; voltaremos ao assunto no capítulo correspondente ao amor.

Na medida em que o prazer erótico de se exibir, de atrair olhares, é apropriado pela nossa razão, ele se estenderá para tudo o que viermos a fazer. Será pelo menos um dos ingredientes de todas as nossas ações; em muitos casos passará a ser a mola propulsora original. Ficará cada vez mais difícil reconhecermos sua conotação essencialmente sexual, especialmente em virtude da razão tentar disfarçar este instinto. Isto, entre outros motivos, por causa de nossos valores culturais, que não atribuem à vaidade nenhuma dignidade. A ausência de dignidade fará com que

tentemos expressá-la de modo camuflado, o que é um paradoxo; teremos que ser discretos na nossa ânsia de chamarmos a atenção!

O outro aspecto que vai se tornando relevante com o passar dos anos de formação é o fato de que nos aborrecemos cada vez mais com o fato de não chamarmos a atenção. No início isto pouco nos importa; os anseios amorosos predominam largamente durante os primeiros anos de vida, de modo que queremos apenas ser amados pelas pessoas que nos são significativas. Na medida que experimentamos os prazeres da vaidade — atrair olhares de admiração — passamos a sentir uma falta cada vez maior de novas situações assim prazerosas. Assim sendo, a simples ausência de destaque poderá nos fazer infelizes, tristes, por baixo. A partir daí nossa ânsia de chamar a atenção cresce muito, e vai se tornando um importante remédio para os nossos sentimentos de inferioridade. Este remédio vai substituindo o outro, ligado ao aconchego amoroso, que nos ajuda a crescer e a ficarmos mais independentes. Porém é um remédio paliativo; só tem eficácia no momento em que ele é tomado; exige doses cada vez mais frequentes e cada vez maiores...

III

A vaidade na puberdade

A forma que estou tentando dar a este texto é a descrição de como as coisas se passam nas nossas mentes nos tempos de hoje e numa cultura como a nossa. Acredito que este seja um caso particular de um processo que é geral. Penso também que, talvez em trabalhos posteriores, sejamos capazes de particularizar e detalhar alguns dos ingredientes deste processo psíquico fundamental que é a interferência da vaidade em todos os meandros de nossas vidas. Também estou deixando de considerar aquelas criaturas que são menos vaidosas; usar como exemplo descritivo as condições em que uma dada peculiaridade de destaque é mais relevante pode parecer caricatural mas é bastante útil para a compreensão adequada do que se pretende mostrar.

A mim me parece cada vez mais ingênuo considerarmos como relevantes para a nossa formação apenas os primeiros anos de vida. Nada mais certo do que atribuirmos ao período do nascimento e aos primeiros meses de vida grande significado; o mesmo vale para os anos que se sucedem. Mas e a adolescência? Será apenas uma repetição de vivências infantís? Não acredito. O simples crescimento rápido do corpo provoca transtornos indescritíveis; a razão do jovem tem que se acostumar com cerca de 20 cm a mais de estatura em menos de 2 anos. É complexa até mesmo a

adaptação para gestos simples: se o braço cresce rapidamente, ao tentarmos alcançar um dado objeto provavelmente iremos derrubá-lo; ficamos estabanados porque não nos acostumamos ainda com nossas novas dimensões. Isto sem falar nas alterações da forma derivadas da maturação sexual. É tudo muito original, e não repete experiências já vividas nos anos anteriores. Daí sua importância como fenômeno impar.

Acredito que se pode considerar a adolescência como o momento do fim da vida "de brincadeira"; a partir de agora a pessoa terá que se preocupar com o seu destino e também com o destino do seu grupo social. Na tradição judáica, a data marcada para isto é a dos 13 anos de idade; a responsabilidade civil poderá se dar posteriormente, mas as crianças sabem que terão que começar a pensar "a sério" sobre si mesmas desde a puberdade. Sobre a necessidade de se preocupar com sua vida, uma criança de 10 anos poderá dizer coisas do seguinte tipo: "eu ainda sou criança, posso brincar despreocupada, mas logo terei que me interessar pelas coisas dos adultos; terei que pensar em trabalhar, ser independente". E estes pensamentos se mesclam com a brincadeiras infantís e aos poucos vão predominando sobre elas. O adolescente ora fala como criança, ora como adulto. Aos poucos, só fala como adulto. Vai se tornando mais triste, mais preocupado, mais interessado nas notícias dos jornais, mais atento à escolha de uma carreira para si, mais comedido nos divertimentos e mais sério nos seus deveres. Aos poucos vai acabando a festa infantil; o processo é gradual e quase que imperceptível para os que convivem diariamente com o jovem.

Em paralelo à esta familiarização progressiva com a necessidade de passar a pensar no seu futuro como criatura independente, surgem as tensões ligadas ao amadurecimento da sexualidade. E neste particular as vivências são completamente diferentes para os rapazes e as moças. E é neste ponto que as intrigantes peculiaridades da nossa bio-

logia interferem de novo, criando o substrato para as reflexões da razão, de onde derivarão os padrões culturais. As normas culturais são, a meu ver, as soluções encontradas pela razão para adequar peculiaridades biológicas a uma dada ordem. Não creio, pois, que, como regra, a biologia e a cultura estejam em oposição; ao contrário, padrões culturais estáveis se constroem respeitando ao máximo os anseios biológicos; mas estes são modificados, dentro dos limites de sua plasticidade, para se adequarem a outras necessidades, tanto de ordem prática como moral. Vejamos o que ocorre no caso da sexualidade.

A menina se transforma em mulher quando os seus seios crescem, seus quadris se arredondam, a cintura se afina, crescem os pêlos pubianos. O corpo se altera antes da razão; esta terá que se adequar ao novo corpo. E a principal consequência deste novo corpo é que ele passa a atrair olhares especiais, olhares de desejo. Atrair olhares já era coisa conhecida e percebida como eróticamente agradável; olhares de desejo é coisa nova e provoca uma resposta em termos de excitação sexual muito maior. A razão da menina terá que se familiarizar agora com uma intensidade de excitação nunca antes experimentada. Outra vez é bom registrar que este processo não é propriamente interpessoal, uma vez que conta pouco quem é o que está olhando com desejo.

Na medida em que a menina se excita ao se perceber assim desejada, ela fica, em princípio, receptiva para a abordagem sexual daquele que a está olhando com desejo. Aceitar esta abordagem seria o padrão biológico, mas ele foi modificado ao longo de nossa história. A moça não "deve" ceder a todas as tentativas de abordagem porque isto a faria "promíscua" e "sem virtudes"; esta seria a fórmula "moral" da proibição. Mas ela poderia ser escrita de outra forma: a moça vai ficar grávida sem saber quem é o pai e isto a deixará em más condições para iniciar a vida adulta; se a moça é atraente — e quase todas o são

para um número grande de rapazes — ela não poderá fazer outra coisa na vida a não ser ceder às suas excitações sexuais que serão constantes; tal conduta erótica entra em franca oposição com os anseios românticos que sonham com um vínculo único e estável; e assim por diante. Há lógica na repressão que sempre se tratou de impor ao impulso sexual; não se trata apenas de uma norma religiosa ligada à interdição de prazeres; esta é uma síntese breve que subentende as várias razões de ordem prática envolvidas.

No menino surgem os pêlos no rosto, no pubis, nas axilas. O pênis cresce, se entumesce e ejacula. A voz engrossa e a musculatura ganha consistência e força. Surge uma compulsão irresistível no sentido de olhar com desejo as mulheres; uma vontade incrível de tocar nelas, de roçar o pênis nelas, de penetrá-las. A razão, aqui também perplexa, constata a vontade. No mundo primitivo, em virtude da supremacia muscular, o desejo se realizava; após a ejaculação, uma pausa para que o indivíduo possa se ocupar de outros temas. Com o desenvolvimento da vida social, o desejo teve que ser reprimido e submetido à regras, que nos nossos dias implicam no consentimento da mulher (vide "O homem, a Mulher e o Casamento"). A razão constata mais uma coisa: as mulheres não olham os homens da mesma forma, com igual desejo; na maior parte das vezes, olham para ver se estão sendo olhadas. Ser olhado é o objetivo da vaidade. É um grande revés, uma enorme humilhação desejar sem ser correspondido; é triste ser apenas o que olha e só de olhar constatar a erecção. O rapaz se sente por baixo, irritadiço e agressivo; se sente traído, pois a suposta superioridade masculina na qual foi educado não corresponde aos fatos.

A educação que louva as vantagens da masculinidade provavelmente se estabeleceu justamente para equipar o adolescente em algum tipo de argumento capaz de fazer esta constatação suportável. A pouca tolerância para isto

que a razão registra como flagrante inferioridade poderá abrir com facilidade as portas do encaminhamento homossexual. Os rapazes, especialmente os mais bonitos, podem ser objetos do olhar de outros homens que já se encaminharam para esta direção. Na medida em que não se sentem olhados de modo igual pelas moças, podem preferir a confortável condição "passiva" de serem desejados. Isto determina a inibição do desejo na direção da frustração — a heterossexual — e sua consequente expressão na linha homossexual. Desta forma, o temor familiar ligado ao exibicionismo físico infantil dos meninos está justificado; eles deverão aprender que quem "deve" se exibir é a mulher e que o homem, "superior", não faz estas coisas. Transforma a inferioridade em "virtude", através de uma operação racional não muito correta mas capaz de atenuar, ao menos superficialmente, o sofrimento. São estes "erros nas contas" que vão complicando cada vez mais a nossa vida interior e nos fazendo estranhos para nós mesmos. Os mais difíceis de serem descobertos são exatamente os deste tipo, ou seja, os que se perpetuaram através dos séculos sob a forma de normas culturais e educacionais.

A moça deverá aprender a se satisfazer apenas com o prazer erótico de atrair olhares de desejo. Isto já corresponde a uma grande intensidade de excitação e não são raras aquelas que desenvolvem um excesso de repressão em relação à sua própria sexualidade, excesso este que poderá criar problemas mesmo quando a sexualidade, como troca de carícias, se der nas condições estabelecidas e tidas como adequadas pela cultura. Desta forma, a principal causa para as inibições sexuis posteriores tem, a meu ver, origem nas dificuldades de adaptação da razão a este instinto durante a puberdade e adolescência.

A vaidade física da mulher é estimulada pela nossa cultura da forma a mais direta possível e isto basicamente por razões econômicas. Como as moças derivam grande prazer de se exibir e nisto deverá residir a maior parte de

sua expressão sexual adulta (as trocas de carícia só devem acontecer em condições especiais), é fácil compreender como elas serão sensíveis aos apelos consumistas dirigidos para a sua aparência. Quanto mais se fazem atraentes, mais olhares elas recebem, e mais a vaidade se satisfaz. O período é gratificante para a moça, que gasta a maior parte do tempo livre no espelho, sonhando impressionar a todos os homens e também a um em especial, o "príncipe encantado" cheio de "qualidades". Qualidades significam aqui as propriedades masculinas valorizadas pela cultura: inteligência, destaque em atividades competitivas, força protetora, sucesso econômico, posição social, elegância e beleza, etc... A este ela poderá permitir a aproximação; os outros só deverão desejá-la de longe. Este será o objeto do seu amor e ela o amará porque poderá admirá-lo. E poderá admirá-lo porque quanto a estas outras "qualidades" ele será mais dotado do que ela; com isto estaria neutralizada a sua "superioridade" erótica derivada do fato de ser mulher e atraente. Sentirá nele uma força maior e poderá se entregar a ele do ponto de vista físico porque ele vai ajudá-la a proteger-se dos outros homens. O homem assim sonhado a possuirá e a protegerá ao mesmo tempo. Será o seu parceiro na aventura sexual proibida (as trocas de carícias) e o seu guardião simultaneamente.

O príncipe encantado, com o qual a moça sonha, a liberta para as experiências sexuais efetivas, por um lado, e a aprisiona, por outro, pois ela deverá ser só dele. Fica difícil sabermos se este desejo de exclusividade é essencialmente masculino ou se está mais de acordo com as necessidades de solução dos dilemas e contradições da condição feminina. Sou tentado, por meu lado, a supor que, neste caso, o homem — ao longo de séculos, é claro — se sujeitou à vontade feminina. É como se o cinto de castidade fosse, de fato, um invento feminino; a mulher pede ao homem para cuidar de sua vida sexual porque ela não sabe

se segurar sozinha nesta corda bamba complicada que é o se fazer atraente e não poder ser tocada.

Se as mulheres sonham com o príncipe encantado, os homens que tanto as desejam terão que tratar de ser a realização dos seus sonhos. É o único modo que têm de chegar a se aproximar efetivamente delas. Assim, os rapazes percebem desde cedo que as moças se interessam por aqueles que têm algum tipo de destaque social; para estes elas olham. E eles querem ser olhados, pois este é o anseio da vaidade; querem ser olhados também em virtude de ser este o sinal de que poderão tentar a abordagem sexual tão ansiada. As duas gratificações eróticas se aproximam de modo muito sólido e o caminho é um só: conseguir reunir as "qualidades" valorizadas pelas mulheres. A frustração por não serem desejados fisicamente do mesmo modo que desejam se atenuará na medida em que forem capazes de chamar a atenção por outras vias. Esta é a proposta cultural, com a qual a maioria dos rapazes acaba "concordando".

A grande maioria dos moços não tem consciência clara de que sua sensação de inferioridade derivada de não ser desejado, tem base biológica. Quase todos acham que esta é a sua condição particular; ele não é atraente, mas outros homens o são. Ele não é atraente porque é muito baixo, muito magro, muito gordo, tem nariz muito grande, etc. Em virtude desde erro de interpretação dos fatos, o sentimento de inferioridade se agrava e a necessidade de se empenhar para atingir as outras "qualidades" se acentua. No fundo da alma de quase todos os homens sobra um espaço cativo ocupado por uma certa mágoa; uma mágoa contra as mulheres em geral, que o desprezaram na mocidade. O fato de acabarem conseguindo sucesso no jogo da vida e serem olhados com admiração em etapas posteriores só faz acentuar a mágoa. A sua presença é denunciada por atitudes agressivas gratuitas especialmente quando têm convívio íntimo com alguma mulher.

De todo o modo, é difícil avaliarmos o grau de sofrimento e de perplexidade em que vivem os jovens, nós que já passamos deste período há tempos. Nossa memória nos trai e muitas vezes tendemos a lembrar com mais insistência das coisas boas; ainda mais que somos induzidos a pensar na mocidade como um período bom, livre e descomprometido. Não creio que seja assim. As moças andam às voltas com sua sensualidade, com a descoberta dos privilégios de sua nova condição. Tomam consciência mais clara, por outro lado, das desvantagens de sua condição: têm que se controlar muito mais do que os rapazes no que diz respeito à administração da sexualidade; sua liberdade de locomoção é permanentemente ameaçada pelos riscos de uma abordagem sexual indevida; se sentem fisicamente mais fracas e carentes de proteção masculina; percebem que o mundo adulto privilegia os homens na questão profissional e que o jogo da vida foi construído por eles e para eles. Numa frase: não podem deixar de desenvolver uma certa inveja dos homens e de suas vantagens.

Os rapazes estão humilhados com a inferioridade sexual — ao menos é assim que interpretam a diferença biológica — e não esperavam por esta dificuldade, eles que foram criados dentro da tese de que a masculinidade era constituída apenas de vantagens. Percebem que terão que se esforçar muito para conseguirem os destaques necessários para chamar a atenção das mulheres; e mais, que para estas serem olhadas com desejo basta que coloquem sobre o corpo uma roupa sensual. O que o homem terá que conseguir com esforço a mulher tem pelo simples fato de ser mulher. Não podem deixar de invejá-las. Este inveja é mais difícil de ser detectada justamente porque a ideologia da nossa cultura é a da superioridade masculina: como pode o "superior" invejar o "inferior"? De fato, isto é impossível; mas acontece que o "superior" não é superior e, ao contrário do que afirma, se sente é inferiorizado.

Em psicologia humana não é conveniente que sejamos

simplistas. Ou seja, nunca deveríamos buscar uma única explicação para condutas ou maneiras de pensar estáveis, duradouras. Quanto maior for o número de variáveis que interferem numa dada postura, maior será sua estabilidade. Assim, uma das tendências fortes durante o período da mocidade, especialmente por parte dos homens, é no sentido de rebeldia. Rebeldia contra a família e também contra as instituições sociais. Não há a menor dúvida de que estas atitudes de crítica e de inconformismo diante de uma realidade injusta e, em muitos aspectos, hostil tem base racional lógica. O mundo que temos encontrado, geração após geração, é suficientemente mal construído e carente de bom senso para que esteja justificada a ânsia de rebelião e a vontade de interferir para mudá-lo.

No entanto, não creio que se devam desprezar as motivações individuais que também interferem neste processo. Acredito que os rapazes — e principalmente eles — se sentem traídos pelos seus pais e pelo seu grupo social; não lhes foi dito com sinceridade as dificuldades de sua condição. Não esperavam estar submetidos à humilhação sexual durante os anos em que a sua ânsia de intimidade física era máxima. Não imaginavam que teriam que se esforçar tanto para ter direito às mulheres; que teriam que ser competitivos em grau máximo e vencedores a qualquer custo. Não esperavam ter que pagar — direta ou indiretamente — para serem recebidos sexualmente pelas mulheres. E, na minha geração, a iniciação com prostitutas não deixava margem a dúvidas: o que paga está por baixo; o que paga tem um desejo que o outro não compartilha; o outro concede apenas em troca do dinheiro.

A humilhação é enorme e a ânsia de obter sucesso segundo as regras do jogo entra em concordância com a vontade de mudar o mundo, botar fogo neste sistema assim doloroso. Fazer justiça, lutar pela igualdade social e econômica dos povos; este é um desejo derivado da constatação da injustiça e é também uma vontade de se salvar da

condição indigna de ter que viver segundo uma ordem social que tanto nos ofende. Se colocar contra os padrões familiares e sociais mais imediatos seria uma forma menos sofisticada e menos organizada de rebelião. Chocar é, ao mesmo tempo, extravasar a mágoa e atrair olhares. Ser contra o modo consumista pelo qual se organiza nossa vida coletiva é se colocar contra a busca de sucesso para ter acesso às mulheres e é também uma nova forma de se destacar e atrair a atenção delas. A revolta não exclui a vaidade; ela apenas muda de lado, uma vez que chama a atenção das pessoas; é claro que neste período, além de atrair olhares, os rapazes querem atrair olhares femininos; isto está de acordo com suas vaidades e também com os fortes desejos de aproximação sexual efetiva.

Menos sofisticados ainda são aqueles que transformam as suas frustrações em uma atitude cínica, sem motivação para nada a não ser pararem com tudo. A agressividade contra a família e o meio em geral é máxima nestes casos e se manifesta sob a forma de apenas serem contra tudo e, até mesmo por preguiça, se dedicarem ao uso de drogas. Estas atenuam as suas iras, tornam mais fáceis as horas de ócio para as quais o homem não foi feito, e aborrecem bastante os seus familiares. Como sempre, passam a se considerar uma "casta" superior, especial, que teve acesso a certas "luzes" através do uso de drogas. Eles sim é que descobriram o verdadeiro caminho. E isto é vaidade.

IV

A vaidade e a razão

Nada me parece mais difícil de entender do que o funcionamento da razão. A razão é a parte de nosso processo de pensar com a qual convivemos o tempo todo. É ela que está escrevendo este texto sobre ela mesma. É a parte do nosso mundo psíquico que se relaciona com os anseios e necessidades do corpo. É a que recebe, através dos órgãos dos sentidos, as informações do meio externo. É onde os princípios e os valores chegam para influir com seus julgamentos. É onde se dão as operações lógicas que correlacionam fatos entre si. É onde são geradas idéias, ou seja, pensamentos não relacionados diretamente com fatos. É o nosso Eu. É um dos frutos misteriosos do funcionamento do nosso cérebro.

Para tentarmos entender alguma coisa, termos uma vaga idéia de como operamos este equipamento, talvez seja útil imaginarmos como as coisas podem ter acontecido desde o início. É provável que já tenhamos nascido com todos os componentes prontos para o seu funcionamento. Antes do parto o cérebro já está completamente formado em suas estruturas fundamentais. Não é impossível que guarde registros da situação uterina; registros agradáveis e de grande estabilidade, ao menos quando comparados com o que virá depois. Não há grandes atividades no equipamento, pois não existem nem os desconfortos que cha-

mam sua atenção, nem os dados acumulados necessários para as correlações. Está tudo pronto para operar e nada se passa porque não há necessidade.

Talvez o primeiro grande — e dramático — registro seja o do nascimento. A homeostase se rompe; são sentidas as primeiras dores, os primeiros desconfortos. A sensação de desamparo deriva essencialmente da perplexidade diante do desconhecido. Dores que não podem ser relacionadas com coisa alguma; apenas dores sentidas. O aconchego materno é o primeiro atenuante; por um tempo, talvez o único. Não é improvável que sejam necessários meses para a criança se reconhecer como independente da mãe, destacada dela; e percebe isto com desgosto, talvez com sensações mais nítidas de abandono. A dependência é total, mas talvez isto nem seja percebido com clareza, ao menos como coisa aflitiva e ameaçadora; com o tempo, é provável que se perceba os riscos derivados desta condição. Acredito que destas primeiras experiências sobrem registros profundos e difíceis de serem evocados; porém, fáceis de serem detectados em muitos dos aspectos da nossa vida adulta, só explicáveis pelo trauma do nascimento e pela terrível condição emocional dos primeiros tempos da vida.

Na medida em que se superam — ao menos em parte — estas primeiras tensões, vai sobrando energia para as primeiras expansões do equipamento. Surgem os primeiros reconhecimentos: a mãe, e outros adultos significativos ganham um sorriso indicativo do prazer de estarem sendo vistos.

Ruídos são percebidos, alguns como agradáveis, outros como ameaçadores. Certos alimentos são rejeitados e outros recebidos com prazer. O choro reflete os desconfortos físicos e são a forma de reivindicar a satisfação das necessidades físicas (comidas, líquidos, cobertas, etc.) São as primeiras interações com o meio, os primeiros registros da memória — este prodígio inexplicado do nosso cérebro.

Começa também o processo de conhecimento de si

mesmo. A criança brinca com suas mãos, seus pés, seus dedos. Parece que conhecer nos primeiros tempos tem muito a ver com colocar na boca, experiência que completa as informações tácteis. Da mesma forma, são reconhecidos alguns objetos, brinquedos como o chocalho; se aprende extrair ruído dele através dos movimentos da mão. Aos poucos, muito devagar, o mundo "absurdo" que cerca uma criança recém chegada à terra vai ganhando sentido. O cérebro vai registrando dados e o reaparecimento dos elementos já conhecidos provoca uma sensação de apaziguamento; as coisas são reconhecidas e com isto ela se sente orientada, protegida. Talvez sejam estas as nossas primeiras gratificações "intelectuais".

O equipamento, vazio no início, vai se abastecendo de informações. E estas vão se acumulando através da memória. Está iniciado o processo de aculturação; cada grupo social age de um modo muito especial e influi sobre seus novos membros de uma forma típica e muito intensa. Não é por acaso que vamos ter depois tanta dificuldade em distinguir nossos processos biológicos dos culturais. E é muito importante também registrarmos desde logo que o aprendizado e o registro na memória de certos dados não se dá de um modo "frio" e mecânico, como seria o caso do abastecimento de um computador (obra humana, sem dúvida muito aparentada com nossa razão). Há conotações emocionais para os registros: são agradáveis ou desagradáveis; são prazerosos ou dolorosos; são apaziguantes ou inquietante; provocam ou atenuam o medo; e assim por diante. A chupeta não é um objeto simples, feito para ser colocado na boca; é algo aparentado com o seio; a sucção determina sensação apaziguante; é a mãe que, com carinho ou raiva, dá o objeto para a criança; em geral é um atenuador da sensação de medo e desamparo. Numa frase: nossos registros psíquicos são "coloridos" de emoções; nisto se distinguem do registros "em preto e branco" do computador. Os objetos são típicos de uma dada cultura; as "cores emo-

cionais" têm mais a ver como nossa biologia, com a nossa forma peculiar de ser; e têm a ver também com as peculiaridades da nossa experiência individual. No exemplo da chupeta, a relação da criança com este objeto é fortemente influenciada pelas peculiaridades e pelo modo de agir de sua mãe; pela forma como o objeto é dado. No fim, o registro dependerá de três variáveis: o objeto — culturalmente determinado — é registrado por um cérebro — biologicamente determinado — e o registro depende da forma como o objeto é apresentado — determinado pelas peculiaridades específicas de um dado ambiente interpessoal.

Pelo fim do primeiro ano de vida se dá outro acontecimento extraordinário, que é o início do aprendizado da linguagem. Sons específicos são associados a objetos; os sons passam a denominar objetos. Outros sons significam movimentos e atitudes. Outros denominam pessoas. Outros evocam sensações, emoções. Outros ainda qualificam pessoas, objetos e ações; com estes surgem os primeiros juízes de valor: a mamãe é "bonita"; o irmão é "feio". As possibilidades do cérebro, a partir destes sinais que passam a representar tudo o que existe e tudo o que se faz, se ampliam brutalmente. A comunicação entre a criança e as outras pessoas se expande terrivelmente. Através do aprendizado da linguagem também se forma um dado sistema lógico de pensar, de correlacionar; a lógica está contida nas próprias regras da língua. Ao menos aquilo que nós conhecemos como lógica.

É através da linguagem, especialmente da linguagem escrita, que os conhecimentos acumulados por uma geração podem ser transmitidos à seguinte. Desta forma, ao chegarmos à Terra, somos postos ao par de tudo o que nossos ancestrais fizeram e pensaram. Este é, na essência, o objetivo da educação escolar. Aprendemos em alguns poucos anos tudo o que a nossa espécie demorou milhões de anos para acumular com conhecimento. Assim, a formação de cada um de nós — ontogênese — corresponde à

aproprição da história da nossa espécie — filogênese. Nós demoramos uns poucos anos para dominar a linguagem; nossos ancestrais precisaram de milhões de anos para conseguirem estabelecê-la.

Acredito que a história do ser humano sobre o planeta começa com a aquisição da linguagem; e não deixa de ser difícil imaginarmos que mesmo dispondo do equipamento, tenhamos tardado tanto para conseguir este aproveitamento de nosso potencial. (Às vezes me pergunto se não existem, hoje em dia, outros potenciais em nosso cérebro cujos desdobramentos ainda não temos acesso porque desconhecemos ou não conseguimos sistematizar suas "linguagens". Será que já sabemos tudo a respeito de nossa razão? Não será esta idéia pura pretensão?). Através das operações psíquicas que a linguagem nos permitiu, conseguimos fabricar conceitos, idéias. Conseguimos gerar idéias cuja execução permitia atenuar a fragilidade da nossa espécie diante de um habitat adverso e difícil. Conseguimos criar a roda, a alavanca; conseguimos saber como se produz o fogo; conseguimos aprender a semear, a organizar criações de animais. Conseguimos, enfim, ao longo de milênios, melhorar muito as condições objetivas dos humanos sobre a Terra. Nos últimos séculos, conseguimos nos apropriar de certos conhecimentos que foram os responsáveis pelas fantásticas e rápidas transformações na nossa qualidade de vida. E esta é, sem dúvida, uma das funções essencias da razão; pode se exercer graças às perspectivas que se abriram, para o uso de nosso potencial, com a aquisição da linguagem. A transformação de objetos, ações e conotações em símbolos permitiu operações psíquicas rápidas, além de ter aberto as portas para o pensamento criativo, abstrato, para aquilo que vai além da simples descrição dos fatos concretos que nos cercam.

A apropriação da linguagem não está a serviço apenas de uma melhor compreensão do mundo objetivo e da criação dos meios de adequar a realidade material às necessidades

dos homens — nossa história é a da transformação do habitat, para ele se adequar à nossa natureza! Aprimora, sofistica, e também confunde, nossa compreensão de nós mesmos, de nossa subjetividade; nos permite compreendermos nossa condição.

Temos sensações interiores desde o início da vida. Elas correspondem a reações físicas inatas e suas repercussões no nosso cérebro. O medo, por exemplo, é a repercussão psíquica derivada das modificações orgânicas de preparo para a luta ou a fuga (taquicárdia, relaxamento dos esfíncteres, respiração ofegante, etc); é a resposta instintiva diante de algum perigo, parte dos mecanismos de auto-preservação com os quais nascemos. No início, são apenas sensações agradáveis ou não; aos poucos vamos sendo capazes de atribuir um nome à sensação e, desta forma, podemos nos comunicar com outros humanos. Podemos saber se estes também experimentam sensações similares. Podemos nos identificar com eles, o que provoca uma agradável sensação de calor, de aconchego. Podemos nos sentir únicos, solitários, o que nos provoca a dolorosa sensação de desamparo.

Nós, que já aprendemos a manejar a linguagem, podemos chamar de desamparo à terrível sensação de abandono e desproteção que vivenciamos nos primeiros tempos de vida; é claro que experimentamos esta emoção também durante a fase adulta, mas talvez de uma forma atenuada em relação à sensação do recém-nascido. Totalmente dependentes, apavorados com a ausência de cuidados imediatos, perplexos diante de dores que não compreendemos, assim são nossas primeiras sensações. Não temos lembranças pessoais, posto que é bem provável que a memória também dependa da linguagem para sua plena expressão e estas sensações são máximas antes de podermos aprender a falar e a entender. Porém, se observarmos um recém-nascido quando ele chora podemos ter uma idéia de seu sofrimento: ele está em pânico, se mexe em todas as direções, procura alguma posição que o console; e nada o apazigua.

Acredito que o desamparo infantil se atenue muito com a aquisição da linguagem. A criança pode se comunicar com maior facilidade. Se sentir compreendido é uma forma de se sentir aconchegado. Porém, a sensação dolorosa volta de tempos em tempos durante toda a infância. Nos deixa em pânico em qualquer fase da vida, mas especialmente na infância. Muitas pessoas — especialmente as crianças — tendem a responsabilizar a outras criaturas — especialmente as mães ou substitutas — pela sua dor. Têm reações agressivas. Se sentem prejudicadas em seus "direitos" à proteção. Outras reagem de modo depressivo, ficando tristes e quietas; talvez compreendam melhor a inexorabilidade da dor. Mas acredito que todas as pessoas acabem por se sentir de alguma forma inferiorizada, com um juízo de si negativo, em virtude de tantas sensações dolorosas de desamparo. É como se não estivessemos sendo adequadamente protegidos, amados. Sentimos, de alguma forma, o desamparo; e o interpretamos, de alguma forma, como rejeição.

A possibilidade de nos comunicarmos através de palavras atenua o desamparo; e esta mesma aquisição da linguagem nos permite operações internas mais complexas responsáveis pelas interpretações dos fatos. Assim, nossa razão constata fatos, através da senso-percepção, e depois os interpreta. E mais, conforme a interpretação que damos aos fatos, estamos sujeitos a novas sensações. Sim, porque somos capazes de sentir emoções, como o subproduto de nossas interpretações e também de nossos devaneios. Se as interpretações que dermos ao nosso desamparo forem negativas, isto poderá aumentar a nossa dor. Se interpretarmos o abandono como rejeição, sentimos tristeza e desamparo maior. Assim, as palavras podem atenuar nossos sofrimentos e também podem nos fazer sofrer mais. Como regra, ocorrem as duas coisas; ora uma, ora outra. Quando

nos sentimos compreendidos, ficamos mais aliviados. Quando divergem de nós, sentimos rejeição, abandono. Se converso sobre o desamparo com alguém, me sinto melhor. Se interpreto o desamparo como desamor de minha mãe por mim, me sinto péssimo. E assim por diante.

O desafeto real ou suposto — interpretado segundo cada razão — pode provocar uma sensação íntima de menor valor, de inferioridade. Esta sensação à qual estou me referindo aqui tem um sentido absoluto e depende apenas da rejeição. Através de operações mais sofisticadas, da correlação dos dados que a razão vai acumulando, surgem também as possibilidades de comparação entre criaturas. Aqui podemos passar a nos sentir inferiorizados quando tomamos como padrão de referência o outro; a sensação de menor valor nestes casos tem um sentido relativo. Se um menino percebe que uma outra criança é capaz de correr mais depressa do que ele, que é mais hábil em alguma atividade, ou é mais alto apesar de ser da mesma idade, etc., poderá se sentir inferior a ela. As comparações entre humanos começam desde cedo, estimuladas pelos pais — e pela nossa cultura como um todo — e não param nunca mais. São responsáveis pela perpetuação de sensações de inferioridade em todos nós. Sempre encontraremos pessoas que têm propriedades que não temos e se nos compararmos teremos que nos sentir com menos valor do que elas.

Uma razão mais sofisticada, capaz de criar idéias que se transformarão depois em objetos que nos permitirão viver melhor do ponto de vista prático, é também geradora de inevitáveis tensões internas. A partir de um certo grau de informações acumuladas em nossa mente, passamos a ter uma inquietação quase que inexorável. Podemos fazer planos para o futuro; mas podemos também nos preocupar com nossa situação no futuro. Podemos estar com boa saúde, mas sabemos que poderemos ficar doentes a qualquer momento. Sabemos que podemos morrer de uma hora para outra. Isto nos deixa permanentemente inseguros, que é a

nossa condição efetiva. Não temos garantia de nada. Estamos ricos e podemos ficar pobres. Estamos felizes no amor e poderemos ser abandonados mais para adiante. É muito difícil que consigamos conviver com estas realidades sem nos afligirmos, sem ficarmos tensos e amedrontados. A sensação desagradável se atenua quando temos nossa atenção voltada para algum tema concreto, quando estamos ocupados em resolver algum problema objetivo, quando estamos trabalhando.

Se o trabalho é inerente à condição humana, ele o é por duas razões: porque temos que resolver os nossos problemas de sobrevivência e porque temos que manter nossa mente ocupada com outras coisas que não a incerteza de nossa condição. Assim, as pessoas que não têm porque temer em termos de sobrevivência quase sempre continuam a trabalhar pela segunda razão. Quando falamos em sobrevivência, falamos na busca de satisfação das necessidades do corpo. É bastante óbvio que a questão do trabalho é de extrema complexidade e de importância fundamental, pois a ele dedicamos cerca de um terço de nossas vidas. Tentarei analisar melhor este tema no próximo capítulo.

Nossa necessidade de ocupação deriva do fato de que experimentamos sensações internas desagradáveis quando usamos os dados acumulados em nossa razão para pensarmos sobre nós, nosso futuro, nossa condição. Nos percebemos como muito fraco, desprotegidos, sem garantias, ameaçados. Percebemos também, à medida que vamos crescendo, que fomos abandonados também pelos deuses. Não só nossos pais nos rejeitaram — segundo nossa interpretação para o fato de não terem podido ser onipresentes — mas parece que fomos rejeitados também por eles. Justamente quando nos preparamos para aceitar melhor o desamparo físico — infantil — somos forçados a nos deparar com o desamparo metafísico! E mais, teremos que nos familiarizar com a consciência clara de nossa insignificância cósmica. Nós, que temos nome, que somos reconhecidos pelos nos-

sos parentes, vizinhos e amigos, nós não somos nada além de um grão de areia se pensarmos em nossa posição no universo; somos tanto quanto a formiga que distraidamente nós massacramos ao andar.

De uma forma geral, podemos dizer que, durante os anos de crescimento físico e de abastecimento da razão, experimentamos vários revéses, várias sensações de interpretações que nos levam a uma visão negativa sobre nós e nossa vida. Por causa dos desamparos, todos nos sentimos menos amados do que gostaríamos de ter sido, o que nos faz sentir inferiorizados em valor absoluto. Além disso, à medida que somos capazes de fazer comparações, a inferioridade se reforça também por esta via. Ao percebermos que fomos desamparados pelos deuses, percebemos que nosso papel no universo é insignificante e que nossa existência, em termos absolutos, é irrelevante. E mais, percebemos a incerteza e a insegurança de nossa condição e a impossibilidade de nos defendermos dos riscos futuros de dor e também da morte; somos e seremos sempre inseguros e impotentes diante das coisas que mais nos são relevantes. Em paralelo com estas constatações intelectuais, fruto da inter-relação e combinação das informações que acumulamos até os 8-10 anos de idade, percebemos cada vez mais claramente como nos sentimos excitados, alegres e gratificados, quando nos exibimos, quando chamamos a atenção de outras pessoas, quando atraímos olhares para nós.

Não me parece difícil imaginar que a razão, através de sua capacidade de correlacionar e também de interpretar — encontrar suas próprias explicações, nem sempre muito de acordo com os fatos — usando os dados que dispõe e sua competência intrínseca, perceba as tristezas da vida como algo que nos faz sentir por baixo e os prazeres exibicionistas como algo que nos faz sentir para cima. A nossa real insignificância fica momentaneamente atenuada pela sensação positiva de sermos admirados por outras pessoas. Nosso desamparo e a sensação de menos valor derivado de

desafetos supostos ou reais são recompensados pelo prazer que sentimos ao sermos objeto de olhares que nos fazem sentir especiais. Esquecemos, por alguns instantes, que somos perecíveis e que estamos permanentemente ameaçados quando nossa chegada é tratada pelos outros como algo que lhes impressiona. Em uma frase, podemos dizer que os sentimentos de inferioridade pedem destaques compensatórios e que o prazer de se exibir rapidamente passa a estar a serviço desta função. A vaidade inunda a nossa razão e, a partir de um certo ponto impreciso das nossas vidas, não há mais nenhuma reflexão ou interpretação dos fatos e de nossa condição que não esteja contaminada com esta vontade de nos atribuirmos significado especial, ímpar.

A partir do momento em que nos acostumamos com uma certa dose de prazeres derivados de nos destacarmos, de chamarmos a atenção das pessoas em geral, é possível que a simples inexistência desta condição já seja percebida pela nossa consciência como coisa desagradável, triste. Ou seja, o fato de não nos destacarmos por um certo período de tempo deixa de ser vivenciado como ausência de prazer e passa a ser sentido como desprazer. Assim, à medida em que nos viciamos com a vaidade — como meio de neutralizar nossas dores — a sua não realização faz reaparecer as sensações de inferioridade que ela trata de esconder; desta forma, a ausência de satisfação exibicionista passa a ser geradora da dolorosa sensação de humilhação; de estarmos por baixo de novo. Neste caso, a sensação de inferioridade tem base absoluta. Se, por outro lado, estamos numa fase discreta e outra pessoa de nosso convívio se destaca e atrai as atenções poderemos nos comparar a ela e nos sentirmos humilhados por tomarmos a ela como padrão; aquí a sensação de inferioridade é relativa. Quando a humilhação é percebida por comparação com uma situação de maior destaque do outro, ela poderá gerar ressentimentos contra a pessoa em evi-

dência e esta é a raiz do que se chama de inveja. Voltaremos ao tema em capítulo especial.

Mais ou menos rapidamente nossa forma de raciocinar vai se contaminando com a tendência de avaliar tudo e todos como estando por cima de nossa condição ou então para baixo. As pessoas — e nós mesmos — passam a ser julgadas segundo "valores" do meio. Ou seja, as coisas que chamam a atenção como geradoras de admiração passam a ser chamadas de "qualidades"; e aqueles que despertam desaprovação e perda da admiração são chamados de "defeitos". A preocupação dos homens em se destacar e ser admirado transfere ao sistema social um poderoso e eficiente meio de controle sobre a atitude e o modo de pensar de todas as criaturas. Todos querem ser admirados e para isso terão que agir conforme os padrões em vigor; as outras pessoas são os nossos juízes e nós somos os que julgam os outros. Todos somos juízes ao mesmo tempo e, de alguma forma, passamos a nos temer reciprocamente; e nos tememos porque podemos nos impor a dor da humilhação, sensação desagradável agora associada a não sermos admirados, a sermos desprezados como portadores de defeitos e modos de ser que não impressionam os outros.

Não apenas os conceitos de "qualidades" e "defeitos" são construídos desta forma primária e sem consistência; tais "valores" se transmitem sem que os novos membros de um dado grupo social tenham a oportunidade de refletir sobre eles. É fácil perceber também como estes "valores" são culturalmente determinados e como são, até certo ponto, fáceis de serem alterados segundo os interesses de cada momento, especialmente no mundo moderno onde os meios de comunicação são incrivelmente eficientes. Outros conceitos que usamos com freqüência e que são impregnados de sentido "moral" também têm base mais nos prazeres eróticos da vaidade do que na sua efetiva significação. A palavra "importante", por exemplo,

é usada para nos referirmos a pessoas que têm atividades "destacadas". "Destacada" não tem a ver com a efetiva contribuição para o bem estar da comunidade e, no mais das vezes, significa ser muito conhecido (reconhecido por muitas pessoas, olhado com admiração por milhares de criaturas anônimas), ser rico e desfilar com roupas e automóveis que chamam a atenção, ser tratado com deferência por ter poderes que instigam o oportunismo dos meios "favorecidos".

Segundo este critério de importância, ou seja, ser conhecido, reconhecido, admirado e temido, um político corrupto é uma criatura "importante" e sua atividade é chamada deste modo; segundo o mesmo critério, um professor secundário que forma a mentalidade de novas gerações não tem "importância" alguma. As atividades "importantes" são bem remuneradas e as "sem importância" não o são; este pode ser um indicador para sabermos o que uma dada comunidade valoriza e admira e o que ela despreza. Este exemplo nos mostra como o conceito de "importância" se afasta da noção de utilidade social da função e se aproxima do fato de uma pessoa ser assim considerada apenas em virtude de ocupar um cargo pouco comum. Ou seja, o conceito fica associado apenas à capacidade de chamar a atenção; e é evidente que as peculiaridades mais raras são as que atraem mais olhares. Em qualquer país há mais professores do que deputados; pelo modo de funcionar da razão contaminada pela vaidade, deputado é mais importante do que professor. E será assim, mesmo se o professor for uma criatura com atividade efetivamente mais útil.

Através de conceitos deste tipo, a razão fica colorida de juízos de valor que, ao longo de nossas vidas, vão competir com outros julgamentos mais sofisticados do tipo: certo e errado, bom e mau, justo e injusto. Pensamos no valor intrínseco de nossas ações e, ao mesmo tempo, em sua repercussão aos olhos dos outros. Nenhum dos pro-

cessos racionais fica livre da ânsia de se destacar, de atrair olhares positivos de admiração; e também do pavor de atrair a ironia e a crítica que nos provocam a dor da humilhação. A razão, com seu papel de mediador entre as necessidades e desejos internos e as possibilidades da realidade exterior e os valores da reflexão moral, dificilmente conseguirá exercer sua função de modo puro; estará sempre influenciada pela ânsia de destaque e pelo pavor da humilhação. Isto poderá levá-la a terríveis erros na reflexão e decisão acerca das várias atitudes que temos que tomar ao longo da vida. A busca do destaque poderá nos levar a importantes e irrecuperáveis desvios de rota; quando isto ocorre, a perda da coerência interna, geradora de infelicidades e outras tensões, poderá ser mais grave do que os momentâneos prazeres derivados do destaque. Ou seja, compreender tudo que pudermos acerca da vaidade e seus perigos pode ser de extrema vália para podermos evitar muitos focos de infelicidade.

V

A vaidade e o trabalho

A atividade essencial da nossa razão adulta se dirige para o trabalho. Esta palavra significa, para nós hoje em dia, um dispêndio de energia física e psíquica relacionado ao ganho de dinheiro com o qual podemos adquirir as coisas que necessitamos ou desejamos. Dispendemos mais ou menos a terça parte de nosso tempo em atividades chamadas produtivas; a maior parte das pessoas não gosta do que faz, de modo que o trabalho passou a ter conotação negativa; é coisa percebida como penosa, exercida apenas em virtude da recompensa que traz. Uma vez que fomos expulsos do paraíso, ficamos condenados a "ganhar o pão com o suor do nosso rosto". Como o nosso planeta não nos fornece espontaneamente as coisas de que necessitamos, somos forçados a interferir sobre suas peculiaridades com o intuito de obtermos o que nos falta.

A interação do homem com a natureza é, pois, indispensável para a sobrevivência da espécie. E o trabalho corresponde ao esforço humano neste sentido. Inicialmente era regido por fórmulas simples, que ainda podem ser vislumbradas por trás das complexas distribuições de funções que nossas sociedades geraram. Ainda podemos imaginar um pequeno proprietário rural que produz os alimentos que necessite e mais um certo excedente que será trocado por outras mercadorias indispensáveis a ele; para

o outro indivíduo envolvido na troca, as mercadorias em questão serão seu excedente e os alimentos obtidos são indispensáveis, uma vez que não os produz. As trocas simples, os valores atribuídos aos vários tipos de excedentes, sua objetivação sob a forma de dinheiro (uma dada mercadoria, ouro ou prata, que passa a ser um instrumento de medida de valor de esforço humano necessário para a obtenção de uma dada mercadoria) foram estudados, desde suas versões mais elementares até as complicadas interrelações da economia do mundo industrial, pela inteligência genial de K. Marx em "O Capital".

Se pensarmos neste aspecto essencial do trabalho como dispêndio de tempo e energia com a finalidade de obtermos o necessário para a nossa sobrevivência, podemos entendê-lo como uma função adulta (e não é que as crianças, especialmente nas classes sociais mais baixas, não tenham participação nesta função; a chamo assim porque a participação infantil tem sido presente apenas em decorrência da miséria; isto segundo os padrões de nossa cultura) lógica e indispensável à perpetuação da espécie. Porém, a experiência nos ensina que esta atividade, racional e com propósitos tão claros e definidos, rapidamente sofre a influência de emoções que alteram a singeleza e a objetividade do seu curso.

Algumas pessoas podem, por exemplo, tratar de trabalhar muito mais do que necessitam para fins de sobrevivência. Se forem eficientes no seu esforço, tenderão para acumular mercadorias ou dinheiro. Poderão fazê-lo com o intúito de se protegerem contra adversidades possíveis no futuro. Poderão temer pela velhice, pela doença, pelas adversidades práticas que as impeçam de produzir e ganhar. O homem, do mesmo modo que possui memória capaz de remetê-lo para o passado, possui imaginação (uso abstrato da razão) capaz de fazê-lo supor o futuro. Uma criatura que se sabe mortal e passível de dissabores de todos os tipos tem todo o direito de temer o futuro. Se

o temor do futuro for bastante influente no processo psiquic, a tendência para a acumulação do fruto do trabalho será uma decorrência inevitável. A pessoa passa a trabalhar para o que necessita hoje e também trabalhará para o futuro, para a eventualidade de não poder trabalhar.

A capacidade de imaginar e o medo de fatalidades possíveis mais para adiante no caminho da vida são um fator que interfere na relação do homem com o trabalho e determinam uma tendência para o trabalho a mais. Isto acontecerá com maior vigor em algumas pessoas e será menos intenso em outras. A capacidade de imaginar e a capacidade de temer são variáveis; as forças e competências para o trabalho a mais também variam. A inteligência e destreza das pessoas para as atividades produtivas também são extremamente variadas e é sempre ingenuo pensar que tenhamos nascido todos iguais; da mesma forma, são diferentes as competências físicas e a disposição para o esforço. Assim, é fácil supor que duas pessoas dediquem o mesmo tempo e energia similar a uma tarefa igual e obtenham resultados muito diferentes. Aquele que obtém resultados mais gratificantes tenderá a se satisfazer mais com a tarefa, pois se sentirá melhor recompensado pelo esforço; e isto o levará a ter estímulos para repetir o esforço e até mesmo para fazê-lo com mais intensidade. Tenderão para trabalhar mais aqueles que obtiverem melhores resultados; os que têm piores resultados farão o estritamente necessário. Este aspecto da psicologia humana — a necessidade de recompensas proporcionais ao esforço — não deve ser negligenciado, sob pena de tendermos para imaginar um mundo que jamais existirá na realidade.

Aquelas pessoas que, movidas pelo medo de adversidades futuras, sucedem na acumulação de mercadorias para além do que necessitam passam a ser vistas, pelas outras criaturas que as cercam, como especiais. Atraem olhares de admiração, pois foram bem sucedidas numa

proeza em que nem todas obtiveram igual resultado; são vistas como mais fortes, mais poderosas. E isto lhes desperta a sensação erótica da vaidade. Se sentem especiais, "importantes"; se sentem superiores — e nós sabemos que os sentimentos de inferioridade e de insignificância presentes em todos os humanos anseiam por este tipo de "neutralização". Como, no passado, o trabalho social era essencialmente físico e porisso mesmo, masculino (às mulheres estava reservada a atividade de retaguarda de cuidar do homem e dos filhos dentro de casa), os homens que sucediam e acumulavam riquezas eram objeto da admiração das mulheres. Eram os "vencedores", os possuidores de competência especiais. A frustração masculina ligada às diferenças na natureza do desejo sexual se atenuavam com os olhares interessados vindo delas. Era a grande e máxima recompensa.

Era assim e creio que seja o mesmo até hoje. Ter sucesso profissionalmente — o que, como regra, significa ganhar mais dinheiro do que se necessita para o presente — é um anseio masculino ligado à atenuação das inseguranças quanto ao futuro; mas é principalmente ser aceito e se perceber interessante para as mulheres mais atraentes. É conseguir reverter a situação da adolescência; é sair da situação de humilhação e ficar "por cima". Para muitos homens é poder agora ser aquele que humilha, se vingando, desta forma, do que padeceu.

A acumulação de riquezas agora serve às necessidades de sobrevivência, à atenuação dos medos do futuro e à vaidade, pois chama a atenção, atraí olhares e permite o exibicionismo com sucesso. A intromissão da vaidade no processo de produção modifica por completo a maneira como o homem se relaciona com o trabalho e com o dinheiro. O prazer erótico de se sentir destacado e admirado justifica tudo e, imperceptivelmente, passa a ser a recompensa mais ansiada. Acumular riquezas deixa de ser apenas a busca de segurança para o futuro; passa a ser meta em

si mesma. Tanto isto é verdade que a ânsia de enriquecimento de muitas pessoas ultrapassa de longe o montante que ela poderia gastar mesmo se sua vida durasse 200 anos. Quanto mais rico, mais admirado; mais valorizado socialmente, mais atraente para muitas mulheres; mais invejado pelos homens.

Desta forma, a acumulação de riquezas vai ganhando uma conotação bastante distante daquela relacionada à resolução das necessidades de sobrevivência. Isto, é claro, para aqueles que conseguem acumular; e esta passa a ser a meta de quase todas as pessoas, numa sociedade que valoriza o sucesso nesta área. Todos querem se sentir "superiores", "importantes", destacados. Surgem as pessoas que tratam de encontrar os meios de enriquecer de um modo não relacionado com o trabalho e com o esforço; e a complexidade da vida coletiva abre espaço crescente para estes; intermediários, políticos, pessoas bem relacionadas em geral podem se beneficiar de suas posições para auferir rendimentos mais fáceis. Surgem também aqueles tratados como marginais: traficantes, contrabandistas, exploradores da prostituição, do jogo, etc. Surgem os cassinos e as loterias de todo o tipo. O sonho do enriquecimento fácil se espalha e as relações do dinheiro com o trabalho se esvaem; a idéia coletiva agora é a de se ficar rico para poder parar de trabalhar. O trabalho passa a ter conotação cada vez mais negativa e é tratado como um mal necessário enquanto não se possa prescindir dele.

Não basta à vaidade ter riquezas; é necessário que se encontrem os meios de exibí-la para que elas despertem os olhares de admiração. É necessário que se criem mercadorias de grande valor, símbolos de riqueza. Serão impactuantes e atrairão a atenção aquelas pessoas que tiverem casas muito grandes e bonitas, jóias ricas em pedras raras (e, porisso mesmo, caras), roupas especiais feitas com tecidos nobres, etc. Uma parte da nossa inteligência tem sido usada para a descoberta dos meios de produção

de mercadorias necessárias à vida; outra parte, para a fabricação de coisas de utilidade duvidosa mas que são símbolos de riqueza. O mais comum é a associação das duas intenções: mercadorias capazes de facilitar a vida do homem são feitas em vários modelos: uns mais simples e de acordo com sua utilidade; outros mais sofisticados que servem aos fins práticos e também para a ostentação da riqueza. O automóvel exemplifica bem isto; a finalidade é preenchida pelo mais simples e pelo mais sofisticado, mas este último chama a atenção e é símbolo de privilégio. A sofisticação é feita, ao menos em parte, em nome do conforto e da melhor qualidade; mas quase sempre é o elemento erótico ligado à vaidade que justifica o esforço a mais que as pessoas estão dispostas a fazer para adquirir aquela mercadoria especial.

A vaidade afeta a lógica da relação do homem com os objetos e com a riqueza (acumulação de mercadorias). A magnitude dos anseios nesta área cresce desmesuradamente e já sem nenhuma relação com a utilidade efetiva dos objetos desejados. Muitas coisas passam a ser símbolos de riqueza e interessa tê-las para chamar a atenção; são necessárias apenas à satisfação da vaidade. Sua posse significa prestígio, poder, sucesso, competência para acumulação de riquezas; seu objetivo: despertar a admiração e eventualmente a inveja das outras pessoas. Numa palavra, são objetos capazes de dar "status" social ao seu proprietário. E esta passa a ser a busca essencial. O que todo mundo quer é possuir coisas "especiais", coisas que os distinguam da maioria, porque assim se sentirão pessoas "especiais".

É evidente que tal alteração de rota interfere também no sistema social e na economia coletiva dos povos, uma espécie de resultante das peculiaridades dos indivíduos que nele vivem. A produção deixa de ser apenas a dos bens necessários à boa qualidade de vida e se dirige para produtos que chamam a atenção sobre os privilegiados que

a eles tiverem acesso. A natural tendência para certas desigualdades sociais — que favoreciam os mais bem dotados — se agrava terrivelmente: algumas pessoas têm sobrando; para a maioria faltará o indispensável. A competitividade se torna máxima e em torno da posse de objetos não essenciais. O bom senso se perde cada vez mais e a ânsia de notoriedade e de usufruto do prazer exibicionista ultrapassa a todo o tipo de reflexão lógica e razoável. A inquietação dos vencedores cresce cada vez mais, pois nada os sacia na busca de novos destaques; a inquietação dos perdedores também é crescente, pois a inveja não lhes dá sossêgo. A questão do trabalho como meio de sobrevivência fica submersa neste emaranhado cada vez mais irracional e absurdo. A questão do trabalho como atividade intrigante e estimulante, como busca de aprimoramentos intrínsecos, se apaga diante apenas da questão do lucro; o que se faz deixa de ser o aspecto essencial, pois o que interessa é a recompensa material, que será transformada em prazer exibicionista.

Fica evidente a tese essencial deste livro que é a da vaidade — da forma como ela se apresenta na nossa cultura — como um vício. Nada satisfaz completamente a pessoa, que busca chamar a atenção cada vez mais. Aqueles que se destacam pelo fruto do trabalho poderão ficar viciados na ostentação de suas riquezas especiais ou no próprio ato de trabalhar, especialmente se são muito prestigiados durante esta atividade (é o que, nos USA, se chama de "workaholics"). Outros se viciam na acumulação do dinheiro propriamente dito e, às vezes, são até muito discretos nas manifestações exteriores talvez porque se sintam mal ao despertar a inveja; vivem o prazer íntimo de terem conseguido tanto e são muito apegados ao próprio dinheiro. Mas todos se viciam e, em virtude disto, se perdem da relação lógica com o trabalho. Os que não têm todo o dinheiro que gostariam também dedicam ao tema uma atenção maior do que a razoável: sonham com a for-

tuna e jogam na loto toda semana; estão viciados também, mas apenas em imaginação.

O processo de perda do bom senso na relação do ser humano com o trabalho e com o dinheiro é, a meu ver, crescente. Isto talvez em virtude do fato de que só recentemente o progresso técnico criou muitos produtos atraentes e capazes de distinguir mais claramente aqueles que têm possibilidades econômicas maiores dos menos favorecidos. Uns podem ter televisão colorida, vídeo-cassete, viagens atraentes e outros não. No passado eram poucas as coisas que distinguiam o padrão de vida do burguês e do camponês. Nos castelos a riqueza era grande, mas a idéia monárquica do poder adquirido pelo nascimento provelvelmente fazia os plebeus mais conformados e até mesmo menos invejosos do que se poderia esperar.

Talvez outra razão para a piora da competitividade e para a mais desenfreada busca de prestígio e dinheiro tenha sido derivada do desequilíbrio da tradicional relação homem-mulher determinado pelos movimentos emancipatórios dos anos 60. Classicamente, as coisas eram assim: O homem se destacava (ou tentava se destacar) através das suas conquistas no mundo do trabalho enquanto que a mulher se destacava pela sua beleza, sensualidade, qualidades como mãe e dona de casa e, eventualmente, meiguice e bondade. É como aparecia nos contos de fada; a bela princesa, boa e perseguida por alguma mulher má (e feia) é salva da morte graças às competências práticas do príncipe encantado, seu herói admirado, forte e rico em coragem. O homem estava com a força e o trabalho; a mulher com a beleza e a meiguice. Assim, cada um se destacava de uma forma diferente. Havia recíproca admiração e, é claro, inveja recíproca. O homem tinha poderes sobre a mulher, que sempre teve seus poderes também. O equilíbrio destas relações foi precário em termos de qualidade de vida, mas foi eficiente em termos de manter

as condições adequadas para a sobrevivência, tanto assim que perdurou como padrão social por muitos séculos.

Assim, o status derivado de competência para a vida do trabalho, derivado das posições de mando no grupo social, era privilégio masculino. E era a partir destas competências que os homens sustentavam a tese de sua superioridade; tal convicção foi capaz de convencer a muitas gerações de mulheres, que aceitavam com docilidade sua condição subalterna. Se rendiam aos homens e tratavam de sofisticar suas manobras com o intuito de ampliar seus precários poderes; com muita habilidade, sempre louvando as virtudes masculinas e colocando os homens por cima, encontraram os meios de se fazer ouvir e, em muitos casos, até mesmo de dominar. A sensualidade e a doçura estão longe de ser armas desprezíveis.

A partir do momento em que as mulheres tiverem acesso crescente ao mundo do trabalho, isto em virtude das próprias alterações tecnológicas que se precipitaram a partir do fim da segunda guerra mundial, elas foram gostando da independência que o fato de ganhar seu próprio dinheiro determinava. Os homens sempre tiveram muita dificuldade em dar dinheiro às mulheres e, como regra, o faziam de modo grosseiro e humilhante. Desta forma, a independência econômica da mulher foi o início de sua libertação do jugo masculino e também foi o fator que desequilibrou o arranjo conjugal tradicional. Os homens se sentiram inseguros com a perda do seu poder de dominação, com a perda da arma que os fazia sentir superiores; ficaram irriquietos, confusos. As mulheres, por outro lado, experimentaram um brutal aumento de sua auto-estima e passaram a não aceitar mais a condição social de inferioridade.

Até aí tudo é muito lógico e parecia o prenúncio de uma nova era onde, superadas as tensões e conflitos iniciais, as relações conjugais finalmente iam se encaminhar no sentido da igualdade de direitos e de responsabilidades.

Talvez até ainda se alcance este objetivo, condição na qual se poderia passar a pensar no amor como coisa da realidade e não apenas como sonho juvenil. Porém, como sempre acontece, elementos irracionais ligados à vaidade começaram a aparecer. Algumas mulheres conseguiram resultados particularmente positivos nos seus trabalhos e foram prestigiadas porisso; prestigiadas significou ganharem mais dinheiro, ganharem posto de comando, com um cargo de nome pomposo, etc. Começaram a gostar de serem reconhecidas por estas competências, elas que eram valorizadas essencialmente pela aparência física. Sentiram os prazeres eróticos derivados do sucesso social, experimentaram o vício dos homens. E se viciaram também. A partir daí, as mulheres, que até então viviam criticando os homens por trabalharem demais e por darem extrema importância às glórias sociais, passam a competir com os homens no território tradicionalmente masculino. Estes, ameaçados por este novo contingente de concorrentes, começam a ser empenhar cada vez mais para não perderem posição. Elas lutando com uma garra incrível para obter finalmente um lugar ao sol, lugar donde foram alijadas por milênios. Eles, mais antigos e experientes no setor, usando de golpes baixos para se sustentarem. A competição é máxima, os desencontros entre os sexos se acentuam, o amor vai para segundo plano. Suceder na vida é a meta de todos. Suceder é ter destaque, é ganhar muito dinheiro. E ninguém sabe mais porque e para que tudo isto, porque já estão todos dentro dos caminhos da vaidade como vício.

Desta forma, os indispensáveis caminhos da emancipação feminina têm desembocado na apropriação, por parte das mulheres, dos vícios masculinos. Muitas mulheres trabalham desbragadamente e querem destaque nesta área, ingerem quantidades respeitáveis de álcool todos os dias, fumam bastante, cheiram cocaína, etc. Nada muito

criativo; a mulher "emancipada" acaba ficando muito parecida com o homem que ela tanto criticava!

As coisas não são nada diferentes naquelas pessoas que se dedicam às atividades ditas intelectuais. Os jovens que se reconhecem com maior competência para as formas mais abstratas e reflexivas de uso da razão acabam preferindo se dedicar a estas funções, relacionadas com o estudo da nossa subjetividade, das nossas relações sociais, da nossa história, etc. Outros mais criativos e intrigados pelo pensamento matemático se dedicam a esta ciência, à física, à pesquisa em geral. Trabalharão no ensino, nas Universidades preferencialmente, ou em outras instituições para estudos teóricos de qualquer tipo. São criaturas que decidem ganhar a vida através do exercício de suas potencialidades intelectuais; podem se envolver plenamente no projeto de tentar saciar sua enorme curiosidade; têm tempo para ler muito, conversar com pessoas mais velhas e mais sábias. O projeto de vida é fascinante, apesar do fato de que tais pessoas não costumam ser muito bem remuneradas.

A busca do conhecimento, a aproximação da verdade, este seria o objetivo dos intelectuais. Aos poucos também percebem que a acumulação de conhecimento determinam sinais de admiração nas outras pessoas. Percebem que podem se destacar por estas vias. Percebem que aqueles que se dedicaram mais claramente ao atingimento das metas da fortuna os invejam. Se sentem superiores, melhores do que os outros, e tratam de compensar por estas vias todos os desgostos internos próprios das pessoas mais inteligentes e bem informadas. Passam a exibir o conhecimento com o intuito de chamar a atenção e atrair a admiração; aos poucos, se apercebem deste fato de modo mais consciente e, talvez até porque se sintam frustrados com suas recompensas materiais, usam as citações de autores famosos da mesma forma que as mulheres ricas usam seus brilhantes. Os intelectuais lutam, a partir de um certo

ponto de suas vidas, mais pelas posições de destaque social do que pelo conhecimento; lutam para serem conhecidos e reconhecidos; querem ser professores eméritos, professores catedráticos, etc. Se deixam seduzir por honrarias da mesma forma que os militares, aos quais eles, como regra, tanto criticam. Para uns, títulos de doutor; para outros, medalhas de mérito e bravura.

A contaminação feita pela vaidade na atividade intelectual é, como já afirmei no início deste livro, gravíssima; tem sido responsável pela pouca competência que temos tido em decifrarmos os nossos próprios meandros. Tem sido a causadora de hipóteses não realistas e exageradamente otimistas acerca de nossa natureza e, portanto, das organizações sociais que poderíamos esperar de nossa espécie.

Assim, podemos afirmar que as pessoas mais dotadas de competência para o mundo do trabalho, homens e mulheres, engenheiros, médicos, economistas e intelectuais perderam, em virtude da vaidade, a relação lógica que poderiam ter com o trabalho. Não o fazem apenas para resolver suas questões de sobrevivência, não o fazem para ocupar suas inteligências privilegiadas com questões objetivas e subjetivas intrigantes; não o fazem para tentar encontrar alimento para a sua curiosidade e para se sentirem participantes do seu grupo social. Trabalham mais do que tudo para terem reconhecimento social, para adquirirem notoriedade intelectual ou fama derivada de sua riqueza material. De vez em quando se lembram de questionar sobre se estão gratificados com o trabalho em sí; mesmo quando a resposta é negativa, persistem naquela atividade em virtude das recompensas materiais relacionadas com ela. Se viciam na vaidade e, daí para a frente, nada mais os satisfaz; querem sempre mais. Para fazerem esta vida estúpida, criam as condições de opressão e de pobreza em que vivem a grande maioria das outras pessoas da comunidade.

VI

A vaidade e o reflexo moral

Me parece extremamente difícil reconstituir, a partir de nossa maneira de ser e de pensar de hoje em dia, as origens da reflexão moral. Como é que se estabeleceram os primeiros juízos de valor? Qual o caminho do processo psíquico que levou certos procedimentos a serem tratados como adequados e outros como inadequados? Porque certos gestos, independentemente de sua adequação, passaram a ser considerados virtuosos e outros foram chamados de fúteis, baixos?

Penso que é razoável imaginarmos, apenas com o intuito de criarmos um modo de entender as coisas, que as primeiras reflexões deste tipo nasceram com o início da vida coletiva. Num grupamento humano primitivo deve ter havido pessoas que agiram de um modo que feriu vontades ou supostos direitos de outros membros da comunidade. Os que se sentiram agredidos ou prejudicados podem muito bem ter reagido, de modo a se estabelecer uma tensão, um dilema. É provável que o dilema tenha se resolvido pela força; o mais forte eliminou o mais fraco. É evidente que isto estava longe de ser uma solução refletida; mas penso que, aos poucos, já foi se estabelecendo um equilíbrio de forças entre modos de proceder diversos e o ponto de equilíbrio atingido já seria um percursor de uma norma de valor de justiça; provavelmente foi se

tornando uma norma do grupo, aplicável para casos semelhantes que pudessem vir a ocorrer no futuro. Suponho que a hipótese da existência de forças divinas sobrevoando o nosso planeta tenha estado sempre presente na mente de nossos antepassados; não é improvável que tenham atribuído a vontades superiores aquela dada forma de resolução dos dilemas.

Assim, as primeiras normas de conduta devem ter estado em relação com a necessidade de construção de regras práticas capazes de garantir a estabilidade da vida em grupo. Devem ter sido construídas de acordo com o interesse de todos, mas é muito provável que o ponto de "justiça" tenha sido colocado mais próximo de interesses dos mais fortes; estes, em virtude de sua "superioridade", devem ter garantido para si alguns privilégios. Os outros aceitaram porque não tinham escolha. E os deuses abençoam esta regulamentação, que se torna norma cultural e se transmite de geração para geração. As crianças que vão nascendo naquela comunidade vão se familiarizando com as regras e as aceitam de modo irrefletido; as incorporam como fatos divinos, as seguem e a transmitem posteriormente aos seus descendentes. Periodicamente nascem algumas criaturas com espírito mais sofisticado e, num dado momento de suas vida, se revoltam contra aquilo que encontraram pronto. Se tiverem força, encontram adeptos; se estabelece um desequilíbrio dentro do sistema, de tal forma que o novo equilíbrio de forças se dará em um outro ponto diferente do anterior. Este novo ponto será mais próximo da perpetuação dos privilégios dos mais fortes ou de condições mais satisfatórias para os mais fracos dependendo de para onde se dirigirão as intenções dos revoltosos. O novo ponto de equilíbrio perdurará até que outras revoluções surjam com força suficiente para alterá-lo. Creio que é assim até hoje.

O grupo estabelece regras de liderança e de sua sucessão; regras de trabalho e de distribuição do seu pro-

duto; separa um grupo de pessoas para "intermediar" a relação com os deuses; e assim por diante. Agir de acordo com o papel que lhe é atribuído significa ser uma pessoa "correta", virtuosa. Transgredir as normas será crime, pecado, sujeito a represálias. O medo das represálias será o primeiro e mais importante freio às condutas tidas como indevidas (vide "Em busca da felicidade"). As represálias terrestres se somam às possíveis punições divinas, uma vez que sempre as normas são propagadas como sendo a vontade dos deuses. O medo será máximo e só algumas pessoas ousarão transgredir as regras; o farão porque sentem menos medo ou porque estão impregnados de fortes convicções pessoais contrárias às regras estabelecidas. Acredito que só algumas pessoas chegam realmente a refletir com profundidade sobre o que é certo e o que é errado; portanto, só estas têm um efetivo processo psíquico que pode ser chamado de moral; a maior parte das criaturas age de acordo com as normas estabelecidas apenas por medo de represálias.

Aquelas pessoas capazes de refletir sobre as normas de modo consistente são as que podem perceber seus interesses e também se colocar no lugar das outras criaturas e supor que tenham direitos e interesses similares. Desta forma, atribuem aos outros iguais direitos que a si mesmos, sendo este, a meu ver, o caminho para uma efetiva aproximação do ponto de justiça. Estas criaturas são minoria em todos os grupos sociais; apesar de bem dotadas intelectualmente, perdem para outra minoria mais "forte" que é capaz de agir em causa própria sem nenhuma preocupação com os direitos dos outros. Assim sendo, os indivíduos com senso de justiça mais apurado fazem discursos, escrevem livros, constroem as artes mas não chegam a interferir a não ser indiretamente no andamento da vida em grupo. São o depositário das belas idéias que nunca chegam a prevalecer.

Na realidade da vida em grupo existe um ponto de

equilíbrio; na imaginação de certas pessoas mais abstratas existe um outro ponto ideal, mais próximo do ponto de justiça (entendido como o respeito pela igualdade de direitos). O desvio real corresponde a um puxar para si vantagens exercida pelos mais fortes. O objetivo é o de ficarem com um pedaço maior do bolo das riquezas que são o fruto do esforço coletivo. A isto poderíamos chamar de egoismo, ou vontade de se apropriar do que não é seu segundo o conceito de justiça. Isto se dá por razões práticas, ligadas à obtenção de uma qualidade de vida mais confortável; e também por vaidade, este prazer erótico de se destacar, de chamar a atenção, presente em todos nós. Os mais fortes se tornam proprietários de objetos que a maioria não possui e são por eles admirados, invejados. São os vencedores do jogo, os especiais. A partir da inveja que sentem, as maiorias oprimidas por este tipo de jogo, ao invés de lutarem pela obtenção do ponto de justiça, passam a pretender para si — ou para seus filhos — os mesmos privilégios. Desta forma, a desigualdade social se torna uma condição defendida também pelos perdedores; isto, é claro, como regra geral.

Os menos favorecidos por este sistema passam a considerar uma virtude, um valor positivo, ser capaz de fazer parte do grupo dos "fortes". Sonham também em possuir os símbolos do sucesso e gastam toda a sua energia para este fim. A capacidade de competir se torna valor, do mesmo modo que a ambição desmedida no sentido de se tentar obter coisas que não se necessita e que farão falta a outras pessoas. Ainda que nas entrelinhas, se poderá até mesmo considerar como virtude a esperteza, ou seja, a capacidade de suceder enganando e passando por cima, abertamente dos direitos dos outros. Os meios passam a justificar os fins. Ser honesto, ou seja, não roubar no jogo da vida pode ser sinônimo de ser burro, ingênuo, inábil, perdedor. O jogo vai se tornando cada vez mais violento e bruto, mas se atinge um certo equilíbrio estável

num grupo social que vive assim em decorrência do fato dos "perdedores" também acharam razoável esta fórmula. Se diz que isto é parte da natureza humana e, desta forma, se valida a barbárie. Se diz que a competição é positiva, construtiva, e se valida mais uma vez o esquema. Os homens podem viver de um modo infeliz, mas as sociedades evoluiram graças a estes processos; e o processo social é tratado como sendo mais importante do que a vida de cada indivíduo.

É claro que a valoração das condutas e posturas humanas se distanciam cada vez mais do ponto de justiça. Aquilo que traz destaque é tratado como virtude, como algo a ser buscado. Não importa que sacrifícios sejam necessários para o atingimento destas metas; o importante é chegar lá. Aliás a capacidade de se trabalhar muito mais do que o necessário para a sobrevivência passa a ser tratado como virtude também, do mesmo modo que todos os sacrifícios que conduzam ao sucesso — é o caso, por exemplo, da competência para a poupança, para se viver com o mínimo com a finalidade de se obterem reservas para futuros passos mais ousados. A preguiça passa a ser tratada como defeito, assim como todo o tipo de preferência por atividades lúdicas que não conduzam ao destaque. A serenidade interior e a pouca disposição de participar da "luta (ou guerra?) pela vida" nos termos oficiais é tratada como fraqueza de espírito; a pouca ambição é efetivamente tida como grave defeito. E não deixa de ser curioso observarmos que o sacrifício e o trabalho insano têm por objetivo um dia permitir à pessoa uma vida mais leve e mais rica em divertimentos; o indivíduo acorda por anos com o barulho de um despertador, sonhando com o die em que vai jogá-lo fora. Será finalmente um preguiçoso e uma pessoa dedicada aos prazeres; será admirada a valorizada por atitudes que são criticadas nos "perdedores". Só os vencedores têm direito ao ócio.

Aquelas criaturas mais críticas, mais capazes de vis-

lumbrar o ponto de justiça, não poderão concordar com um código de valores construído deste modo; não poderão concordar com o desvio maior ainda determinado pela vaidade, pela ânsia irracional de destacar da maioria a qualquer preço. Dirigirão suas reflexões na direção do respeito por direitos iguais e na construção de uma vida em comum mais desarmada, mais meiga. Mesmo quando bem dotadas de inteligência e de outras "forças" próprias do seu grupo social, tenderão para raciocinar no sentido de atribuir valor à capacidade de renúncia aos privilégios estabelecidos. Ao invés do egoísmo oficial, serão defensoras da generosidade, da capacidade de abrir mão do que é seu em favor daqueles mais necessitados. Pregarão como valores a tolerância, a capacidade de perdoar, a caridade, o pouco apego aos bens materiais que são símbolos de sucesso, etc. Aos poucos, também a vaidade tomará conta deles, pois padecem dos mesmos impulsos instintivos exibicionistas. Se sentirão criaturas especiais por terem tal capacidade de renúncia; se sentirão superiores, mais elevados, mais de acordo com a real vontade dos deuses — isto porque muitas vezes são os intermediários da vontade divina os que se dirigem criticamente contra os padrões oficiais; consideram como divinas as suas próprias convicções; alicerçam suas convicções no fato de que a renúncia aos prazeres do corpo são mais difíceis de serem obtidos e que, portanto, estão de acordo com os objetivos de transcendência que seriam as metas importantes da nossa rápida passagem pela Terra.

Na medida em que estas criaturas também se contaminam pela vaidade na sua forma de raciocinar, sofrem a sua conseqüência grave que é do desvio para a radicalização. Se elas estavam fugindo do ponto radical do egoísmo e do usufruto de prazeres derivados da posse de privilégios, ao invés de pararem no ponto da justiça, desequilibram o pêndulo na direção oposta. Passam a se exibir agora com os "verdadeiros virtuosos", os que pregam a

generosidade e a renúncia aos "banais" prazeres do corpo. Nesta radicalização se opõem até mesmo aos prazeres naturais, como é o caso daqueles derivados das trocas de carícias eróticas. A repressão sexual proposta por eles — insisto, que, em geral, são os que detém o poder religioso em uma dada comunidade — ultrapassa de longe àquela que seria efetivamente indispensável, como regra prática, para a vida em grupo. Não terão simpatias pelo luxo e a riqueza, nem pelos prazeres gastronômicos e nem pelos confortos de qualquer tipo. A estes será agradável a dor, a austeridade, a cama de tábuas, a vida reclusa. Não compuseram outra coisa senão uma nova radicalização, oposta à da maioria, da qual obtém o mesmo alimento: despertam a admiração, se sentem especiais, são invejados.

Os egoístas (ou hedonistas, ou bárbaros) invejam os generosos (ou ascetas, ou cristãos) e a recíproca também é verdadeira. Como se constituiram, dentro de um mesmo grupo social, dois modos de obter destaque e de atrair os olhares capazes de dar sensação erótica da vaidade e de neutralizar as sensações de inferioridade e de insignificância, nem um dos dois sub-grupos pode saber se o seu modo de ser é o mais adequado, o mais gratificante. Ninguém mais sabe se está no caminho "certo" ou se está perdendo alguma coisa muito especial própria do outro modo de ser. Os ascetas não sabem avaliar o quanto estão perdendo com suas renúncias aos prazeres do corpo e aos luxos da riqueza. Os hedonistas ficam na dúvida se não estão se distanciando demais das expectativas divinas; sabem que nem sempre agiram conforme a lógica da justiça para atingir suas posições e, no íntimo, se recriminam por isto; consideram os ascetas como mais "íntegros". Os mais "íntegros" poderão ter dúvidas acerca de suas opções: foi convicção ou covardia o que os moveu? Serão virtuosos ou trouxas?

No fundo, bem no fundo, todo o mundo sabe que a virtude — ou o que poderíamos, segundo a lógica do nosso

raciocínio, chamar de bom senso ou de senso comum — está no meio. A sabedoria popular de todos os grupos sociais fala a respeito disto; ela talvez tenha sido construída por criaturas mais simples, menos corrompidas pela vaidade. Sempre que nos desviamos do meio termo, corremos o risco de cometermos graves erros lógicos, coisa que dificilmente nos levará ao atingimento de um estado de espírito agradável (a não ser por alguns momentos) e a consistentes soluções dos dilemas da vida. O desvio do meio termo poderá nos levar a ter dinheiro demais, o que está longe de ser gratificante, pois teremos mais trabalho para administrá-lo e mais temores de perdê-lo. Poderá nos levar a negligenciar demais o tema de ficarmos privados de coisas essenciais. Pobres e ricos pensam demais sobre o dinheiro; no meio termo, as pessoas ficariam livres desta obsessão. A saúde física e a boa aparência são atingidas com mais facilidade por aqueles que comem de tudo de modo moderado; os miseráveis pensam no assunto gastronômico tanto quanto os obesos. Não são necessários mais exemplos, pois insisto que todos sabemos que as boas soluções — só a elas deveríamos chamar de "virtudes" — estão no meio.

E quem suporta o meio termo? Como se destacar sendo uma pessoa de posses médias, dedicação ao trabalho moderada, não particularmente gorda e nem magra, não super elegante e nem vestida com trapos, não lindíssima e nem horrorosa, nada egoísta mas também não particularmente generosa? E a pergunta vale principalmente para as pessoas mais inteligentes (talvez porisso mesmo mais conscientes de sua insignificância cósmica), que não suportam a condição intermediária, tratada como medíocre, vazia, "pobre de espírito" e tediosa. E estas criaturas que não suportam a "mediocridade" (palavra que se origina de médio e de mediano!) aceitam as dores derivadas de qualquer uma das duas opções radicais e o abandono da racionalidade em virtude do seu comprometimento com a vaidade, com a ânsia de destaque. É sempre bom lembrar que a vaidade, como qualquer vício, pede doses crescentes de destaque; isto significa crescentes desvios do meio termo, crescentes frustrações e crescente inveja dos que se dedicam ao desvio oposto.

As pessoas não suportam o meio termo e se afastam do pensamento lógico mais razoável apenas em virtude da ofensa que isso causa à sua vaidade. Não acho que encontram satisfações maiores e mais consistentes em seus desvios radicalizadores. Do mesmo modo, não acredito que as construções intelectuais de ordem moral própria dos dois extremos tenha qualquer tipo de validade. Egoísmo, oportunismo, esperteza, capacidade de burlar não são virtudes; e não creio que sejam virtudes também a generosidade, a varidade, a renúncia aos prazeres do corpo. Acredito mesmo que as melhores reflexões sobre a vida são aquelas que se obtém das máximas e ditados populares, coisas transmitidas pela tradição oral dos povos; foram construções baseadas na ponderação e na experiência de vidas simples que não pretenderam se eternizar e nem revolucionar o mundo; foram feitas por pessoas comuns, com palavras comuns, usando exemplos comuns. Não foram sequer escritas e publicadas, pois isto também já é vaidade (o paradoxo inevitável deste livro foi uma das razões que mais me inibiram na sua construção; não vi outra saída senão levar adiante o projeto assim mesmo). Assim, quase todas as histórias registradas em livros contam as "glórias" dos grandes conquistadores ou dos grandes santos. Os referenciais de que dispomos são sempre relacionados com as "grandes" figuras e estas são sempre as radicais; podemos apenas fazer a opção entre um dos dois tipos de desvios determinados pela vaidade; escolher aquele que melhor nos cabe.

A questão das opções radicais fica mais evidente se olharmos mais de perto a maneira como se constituem os grupos familiares e sua repercussão na formação das

crianças. Um adulto jovem, em idade de se casar, terá sua maneira de ser desequilibrada ou na direção do egoísmo ou da generosidade. Terá orgulho de si mesmo e ao mesmo tempo terá dúvidas acerca de seu modo de ser; terá desprezo e inveja pelo tipo oposto. Tenderá para se encantar sentimentalmente por uma criatura oposta tanto em virtude da admiração que causa, como para poder continuar a exercer sua própria maneira de ser. Ou seja, o egoísta não sobrevive sem o generoso e este não se exerce sem aquele. A relação assim composta é de recíproca admiração, inveja bilateral e também de um certo menosprezo pelo outro. É a fórmula ideal para cada um continuar a ser exatamente como é; ajuda à radicalização das posições anteriores.

As crianças nascidas deste ambiente convivem com os dois tipos distintos e radicais e dificilmente conseguirão escapar de uma das duas opções. Se for pouco tolerante a frustrações e contrariedades, tenderá para o egoísmo. Se for mais permissiva e pouco agressiva, será reforçado por ser assim e tenderá para a generosidade. Às vezes a opção se faz em virtude das identificações infantis. Se o menino tender para imitar a figura paterna (o que, em geral, deriva de sentimentos de culpa derivados de ter sido rival deste pelo amor da mãe), sua "opção" se fará de acordo com o modo de ser do pai. Às vezes, a questão é de papéis no seio da família: se o primeiro filho for capaz de chamar a atenção por ser egoísta, o segundo tentará se destacar tratando de ser generoso.

Cabe registrar o fato de que em nosso meio cultural convivem os dois "códigos de valor" próprio das duas formas de exercícios da vaidade: o derivado do modo de ser das pessoas de sucesso social e material; e o derivado da radical renúncia a estes mesmos valores, que são uma outra forma de sucesso. Também é importante ressaltar que os padrões de valor ligados à generosidade são os que parte da "ética oficial". Eles estão de acordo com o pensamento cristão, que é majoritário em nossa cultura. O discurso é a favor da generosidade, mas a prática solicita na direção de cada um cuidar do que é seu. A mesma confusão entre palavras e gestos é passada para as crianças e para os jovens em formação. Eles devem ser "bons" e capazes de perdoar mas se levarem uma surra na rua serão estimulados a voltar ao local e revidar com igual violência. Eu já ouvi centenas de vezes frases do tipo: "Eu não sou vingativo, mas aquele fulano me paga!" As crianças aprendem que devem compartilhar suas coisas com as outras mas não vêem os adultos fazerem isto. Não é cristão ser competitivo, mas a ambição é estimulada; e assim por diante. O padrão teórico é o da generosidade, mas a prática é a da selva, que é o caminho do sucesso social, profissional e econômico; o padrão teórico parece mais que tudo construido para ser seguida apenas pela grande massa, que assim se deixaria explorar com mais facilidade. Tanta hipocrisia e tanta contradição nos padrões lógicos de pensar só pode significar que a razão foi, aqui também, contaminada com a emoção da vaidade; se destacar passa a ser mais importante do que ser coerente. E as novas gerações aprendem as coisas desta forma, sendo precoce sua iniciação no vício da vaidade e sua perda de unidade interior.

A perda de unidade interior determina sensações de insatisfação e agrava sentimentos de inferioridade. Estes exigem remédios capazes de gerar sensações de superioridade, de destaque. A vaidade satisfeita é o paliativo para o mal, apesar de gerar um desvio cada vez maior do ponto de coerência; este gera maior insatisfação e pede por mais destaque. Está composto o circulo vicioso do vício, um beco sem saída no qual todos nós, de alguma forma, nos encontramos. O desvio que existe entre o que eu sou e o que eu acho que deveria ser é crescente; em nome de recompensas imediatas ou de condicionamentos antigos cada um de nós age de um modo repetitivo e insatisfatório; e

isto é o que eu "sou". Existe um "ideal de si mesmo que está de acordo com os padrões éticos que nos ensinaram intelectualmente; aqueles que nos ensinaram também não eram coerentes em sua prática cotidiana e esta foi uma das causas de nossa quebra de unidade interior. Nos sentimos o tempo todo em débito, atrasados, em relação ao "eu ideal"; nos sentimos pecadores. Ao mesmo tempo, não vemos ninguém agir coerentemente e não estamos dispostos a pagar o preço da coerência. Além do mais, o "eu ideal" também não é uma proposta refletida; representa apenas a exaltação da generosidade, um desvio do ponto de justiça imposto pela vaidade.

Nos sentimos mal o tempo todo e temos enorme dificuldade de pensar em termos de justiça. Justiça é algum ponto intermediário entre egoísmo e generosidade. É não acharmos correto nos apropriarmos do que não nos pertence, mas também significa não abrirmos mão do que é nosso a não ser quando efetivamente o outro tenha mais direitos do que nós. Justiça é não acharmos legítimo fazermos chantagens sentimentais, e ameaças de todo o tipo, para atingirmos nossos objetivos; mas é também não cedermos a estas pressões em hipótese alguma. É atribuirmos aos outros iguais direitos aos que atribuimos a nós; mas é também atribuirmos a nós iguais direitos que aos outros. Em uma frase, é termos apenas um peso e uma medida. O que vale para os outros, vale para nós; e o que vale para nós, vale para os outros.

É tudo muito simples intelectualmente, mas na prática as sensações envolvidas são complexas. Para o egoísta se tornar justo, terá que se fortalecer; o egoísta é, como regra, fraco e necessita receber mais do que dá; para isto acontecer, as pessoas que o ajudam terão que parar de fazê-lo. Isto implica na necessidade do generoso parar de exercer sua superioridade prática, parar de ajudar o mais carente; o generoso se sentirá rebaixado e deprimido se não exercer sua bondade, além de ser criticado também

pelos outros ("Nossa, como você piorou! Você não era assim tão frio e duro antigamente!"). Perderá destaque, e isto é ofensa à vaidade, sensação de humilhação. Se não suportar este tipo de dor, continuará a dar mais do que recebe e isto reforçará e contribuirá para a perpetuação do egoísmo; isto não é bondade, pois faz mal a quem recebe; isto é vaidade, vontade de ser o melhor, o superior. Fica claro que a generosidade está mais definitivamente comprometida com a vaidade do que o egoísmo; o egoísta necessita receber também por razões práticas: o generoso necessita dar apenas para se destacar.

A conclusão geral destas reflexões, para mim, é a seguinte: o pensamento moral, ao longo dos séculos, corresponde apenas a um amontoado de desvios lógicos derivados da vaidade. Me parece totalmente desnecessário este tipo de reflexão, de atribuição de valores a pessoas e às suas condutas. O ponto de justiça é do senso comum e, de alguma forma, está dentro de todas as pessoas; o respeito por iguais direitos é a única norma e a ela não precisamos dedicar grande reflexão. Os desvios são o fruto da corrupção da razão pela vaidade (ou pelo oportunismo a serviço da vaidade; a esperteza tem sempre objetivos finais de destaque). Um grupo social pode muito bem conviver em razoável harmonia apenas com a noção de justiça que está, insisto, presente na consciência de todas as pessoas. Deste conceito geral se extraem as regras práticas que norteiam as condutas e as trocas internas de todo o tipo. Mas para que isto pudesse acontecer seria necessário que a vaidade estivesse sob controle e não agindo livremente como tem ocorrido até agora.

VII

A vaidade e o amor

Uma das questões mais intrigantes da psicologia humana tem a ver com o fenômeno amoroso. Foi a partir das tentativas de entender esta emoção básica da nossa subjetividade que se desenvolveram, ao longo dos últimos 15 anos, quase todas as minhas reflexões sobre o nosso mundo interior. Aqui também a literatura psicanalítica é de pouca valia, uma vez que Freud tratou o sexo e o amor como um único impulso; além das confusões inevitáveis, ainda por cima privilegiou o aspecto sexual, que era essencial nas suas descobertas e no modelo teórico que construiu. A única exceção a esta forma de pensar a questão foi Theodor Reik, num trabalho dos anos 40 intitulado "A Psychologist Looks at Love" (Grove Press, inc. New York). O livro teve boa repercussão nos USA mas depois caiu no esquecimento. Tenho tentado insistentemente retomar sua linha de raciocínio e, apesar da separação entre amor e sexo me parecer óbvia, a força do pensamento psicanalítico oficial e a tendência conservadora da maioria dos espíritos continua a resistir a esta outra forma de pensar os instintos humanos.

Acredito que se possa entender o amor como um instinto. Uso o termo para denominar desejos que surgem espontaneamente em nós. Relaciono a existência deste desejo persistente em estabelecermos um elo intenso, está-

vel e se possível, permanente com outra pessoa com as nossas experiências originais. Nossas primeiras sensações como seres vivos se deram durante a simbiose uterina (Vide "O instinto do Amor"). Nossa grande frustração e dor original provavelmente foi o ato de nascer, a ruptura da simbiose, a "expulsão do paraíso". Com a ruptura do elo dual, experimentamos terríveis sensações de dor, desamparo e mesmo desespero. Buscamos desesperadamente reencontrar o equilíbrio e o bem estar perdido; buscamos a reconstrução do elo; é evidente que, no início, o objeto do nosso desejo de reconstrução é a mãe, a figura original da simbiose. O bebê sente algo parecido com a paz original quando volta ao colo da mãe, quando dela se alimenta. Se estava chorando, desesperado, é nestas condições que se apazigua e adormece.

O objetivo da reconstrução do vínculo dual é, pois, a recuperação da paz, da harmonia interior, da serenidade. A sensação derivada do se perceber sozinho é terrível e a palavra que tenho usado para descrevê-la é desamparo. Não são poucas as pessoas que experimentam estas sensações dolorosas do desamparo quando se reconhecem sem companhia mesmo nas fases adultas da vida; nestas condições, costumam usar o termo solidão. Mesmo para aqueles que aprendem a conviver bem consigo mesmos e a suportar a dor do desamparo — que, ao longo dos anos, para elas se atenua — sobra o desejo de reconstrução de um vínculo, de um elo especial com uma outra criatura. Devido às conhecidas dificuldades práticas inerentes aos vínculos afetivos adultos, algumas pessoas optam por uma vida individual; e isto tem sido cada vez mais freqüente. Mas o sonho de algum tipo de relacionamento capaz de gerar aconchego existe em todas as pessoas que tive oportunidade de conhecer.

É possível que o termo instinto não seja o mais apropriado para o impulso amoroso, uma vez que não é improvável que uma sociedade que estimulasse insistentemente

outro tipo de solução para a vida individual poderia fazer desaparecer esta emoção, ao menos do modo como a conhecemos. Ou seja, o desejo de reconstrução dual com o qual nascemos é estimulado em uma cultura que tenha interesse no casamento como instituição estável. Outro tipo de condicionamento cultural mais na direção da individualidade poderia levar as pessoas a uma visão diferente da questão do amor. Talvez o importante a dizer seja que o amor é "quase" um instinto; um ponto de ligação entre a biologia e a cultura: se baseia na nossa primeira experiência com seres vivos e corresponde ao primeiro posicionamento da cultura sobre nós. Porém, para fins práticos, penso que seja mais interessante pensarmos no amor como um desejo intenso e básico que existe em todos nós; a vida social está em mudança e não é improvável que o casamento deixe de ser necessário; como opção, poderá persistir ou não (vide "O amor nos anos 80"). Porém, como as mudanças em nossa subjetividade são lentas, penso que o assunto do amor será melhor pensado pelas gerações futuras.

O amor busca a paz, a harmonia; o encontro deste estado depende desde o início da aproximação com outra pessoa, sendo portanto um fenômeno essencialmente interpessoal; esta outra pessoa é sempre uma criatura muito específica, um objetivo definido do desejo. O sexo busca a excitação, o movimento; este estado se obtém, ao menos nos primeiros anos de vida, através da manipulação de certas partes do corpo, sendo pois uma manifestação essencialmente pessoal; mesmo nas trocas de carícias e nos prazeres exibicionistas, o parceiro ou observador é indefinido e, até certo ponto, indiscriminado. É tudo bem diferente; acredito mesmo que se possa pensar em amor e sexo como impulsos, em muitos instantes, antagônicos. Ternura é a manifestação física do amor; são abraços, beijos, tudo enfim muito parecido com os gestos eróticos; mas a sensação subjetiva é completamente diferente. Ter-

nura é aconchego; tesão é inquietação e tem, com freqüência, até mesmo uma pitada de violência.

Durante os primeiros anos de vida a questão amorosa é incomensuravelmente mais importante do que a sexual; esta se torna mais importunadora a partir da puberdade, onde ela surge como novidade — apesar de algumas manifestações infantis — pela intensidade do desejo e pelos complexos problemas derivados da relação homem-mulher. Para o bebê, a questão vital é se a mãe está por perto ou não. Sua dependência é total e o pavor do abandono nestas condições é o fruto obrigatório da atividade cerebral. Agradar à mãe e tê-la ao alcance dos olhos é uma questão de vida ou morte; nestas condições, ofusca a todas as outras questões. O pavor essencial é o da rejeição, ou seja do abandono ao seu próprio destino — morte.

Na nossa cultura, o amor é a primeira "arma" pedagógica. A obediência se dá em virtude do pavor da rejeição. Agradar a mãe, continuar sendo cuidado por ela e continuar a obter seus deliciosos carinhos são os objetivos do bebê quando se empenha para andar, falar, controlar a micção noturna, etc. Com o passar dos anos, e sem perceber, vai se tornando mais independente, mais capaz de sobreviver por seus próprios meios. Ensaia as primeiras rebeldias e encontra a reação negativa da mãe. Mesmo não precisando dela de uma forma tão essencial, percebe como lhe dói sua rejeição — atitudes de desafeto, expressões de desagrado e desinteresse por ele. Cede e se submete. À medida em que se torna mais independente para questões práticas, se percebe claramente dependente do modo como é olhado e tratado. A dependência física cede lugar à emocional. O pavor do desamparo persiste mesmo quando se atinge a auto-suficiência e, de certo modo, nos persegue como resíduo, cicatriz do que já foi vivido, ao longo da vide adulta. Se sentir tratado com ternura, olhado com carinho, persiste como o grande atenuador do nosso desamparo.

Todos sabemos que a tendência usual das famílias é a de abusarem deste tipo de instrumento pedagógico; isto é, exercerem os seus poderes para além do que seria indispensável para a construção dos padrões de conduta indispensáveis à vida em comum. Com isto, o pavor da rejeição leva as crianças mais velhas e os jovens a uma série de concessões; a viver mais de acordo com a vontade de seus pais do que segundo suas próprias convicções. Isto trará, na maioria dos casos, uma nova tendência para rebeldia após a puberdade; a revolta será pouco crítica, em geral contendo uma oposição radical aos padrões impostos. Não é raro que isto aconteça quando o jovem se sinta aconchegado por outros vínculos afetivos — grupos de amigos ou um elo amoroso "adulto". Terá forças para suportar a rejeição familiar. Sem perceber, porém, estará compondo outras dependências; agora temerá a rejeição dos amigos ou da namorada. Na realidade, não se torna independente mas apenas muda de dono.

O pavor da rejeição de deixarmos de ser objeto do amor de determinada pessoa que nos é muito significativa e especial, nos acompanhará ao longo de toda a vida a menos que sejamos capazes de tolerar melhor o desamparo que é próprio de nossa condição. É só nestas condições que poderemos nos livrar daquelas pessoas que usam nossa fraqueza sentimental como meio de nos tiranizar. O esforço é enorme e os obstáculos difíceis de serem ultrapassados, uma vez que a grande maioria de nós foi educado para ser fraco e dependente.

Quando, lá pelos 8-9 anos de idade, nos sentimos diretamente mais seguros e capazes de ousar um pouco mais diante da vida e agir segundo nossas convicções, outra barreira limitadora começa a se construir. Em virtude do prazer exibicionista, que pede olhares positivos de admiração, se torna muito difícil termos atitudes que não sejam aprovadas pelo grupo social como um todo. Nos preocupamos também em agradar a pessoas que não são

significativas do ponto de vista emocional. Seus olhares de censura provocam a sensação de desprestígio, humilhação derivada da ofensa à vaidade. O desprestígio se distingue da rejeição pelo fato da reprovação não advir de pessoas emocionalmente significantes; e também porque não implica em rejeição e sim em humilhação; ou seja, não provoca a sensação de desamparo; nos faz sentir por baixo. Na medida em que nos tornamos um pouco mais independentes de nossos pais, nos tornamos mais dependentes dos vizinhos, das outras crianças, dos professores, etc.

É evidente também que o fenômeno da vaidade contamina os nossos vínculos afetivos primários. Meninos e meninas — e, mais tarde, os jovens e adultos — buscam sinais de afeição nos pais e também sinais de admiração; desejam extrair deles frases exclamativas que lhes façam sentir especialmente considerados. Pavor de rejeição e pavor de não serem admirados vão se transformando numa coisa só e os sinais de admiração passam a ser entendidos como prova de amor. As competências especiais dos filhos para os estudos e para os esportes, por exemplo, enchem o coração dos pais de alegria; se sentem orgulhosos, especiais, por serem os pais daquela criança tão bem dotada. São as vaidades dos pais que se abastecem através da maneira de ser de seus filhos. Todos querem ter filhos bonitos e se inflam quando, ao passarem com eles, ouvem frases do tipo : "mas que criança linda"! Desfilam com sua cria do mesmo modo que quando levam para a rua um cachorro de raça especial e que também chama a atenção.

Os filhos precisam sentir orgulho dos pais, o que é vaidade e não tem mais muito a ver com o afeto; e os pais precisam se orgulhar dos filhos, pura vaidade que derivará do modo de ser e de se destacar deles. Dar motivos de orgulho aos pais passa a ser prova de amor dos filhos por eles; receber exclamações de admiração significará ser

amado pelos pais. A intromissão da vaidade no processo amoroso está composta de modo definitivo. Ser admirado por pessoas emocionalmente significativas conta mais do que a admiração vinda de pessoas indiscriminadas porque nos gratifica também do ponto de vista sentimental; satisfaz aos dois anseios simultaneamente.

Não é de se estranhar, pois, a afirmação de Platão (no "O Banquete") de que o amor deriva da admiração. Quando, na vida adulta, tratamos de substituir nossos objetivos afetivos infantis por outros mais de acordo com nossas normas sociais, qual o critério que usaremos para a escolha senão este? A pessoa só despertará o meu amor se for capaz de despertar minha admiração, pois as experiências anteriores já acoplaram estes dois processos: a ânsia amorosa é instintiva e o critério de escolha é racional, derivado da intromissão da vaidade neste setor da nossa subjetividade. O homem que ama a uma mulher terá que se orgulhar dela, ter prazer em desfilar socialmente ao lado dela — e como sofrem os amantes clandestinos em virtude desta impossibilidade! A recíproca terá que ser verdadeira. A mulher, na nossa cultura, terá que ser bela e atraente; o homem, um vencedor. As pessoas apaixonadas tenderão para a troca de frases elogiosas todas elas ligadas mais do que tudo à vaidade: "você é o máximo; eu sou a pessoa mais feliz do mundo por ter sido escolhida por você"; "não conheço ninguém que chegue a teus pés"; "nosso amor é a maior que já aconteceu sobre a terra"; e assim por diante. É como se houvesse uma importante concentração da vaidade em torno da relação afetiva; ser admirado em geral continua a ser importante, mas ser admirado pela pessoa eleita passar a ser tão ou mais importante do que todo o resto.

No auge da paixão só interessa ser admirado pelo amado; é o momento em que os casais "decidem" abandonar toda a vida social e sonham em morar no mato; não precisam de mais ninguém — leia-se, não precisam ser

admirados por mais ninguém — pois a recíproca satisfação da vaidade lhes basta. Este dado é sugestivo de que a principal razão que leva a maioria das pessoas a viver em grandes aglomerados é a vontade de olharem a serem olhados, além, é claro, daquelas relacionadas à necessidade de encontrarem trabalho. Mas mesmo o trabalho se torna irrelevante no processo da paixão, onde as pessoas estão gratificadas de um modo máximo tanto no que diz respeito ao aconchego amoroso — resolução do desamparo — como do ponto de vista da vaidade.

Para a maior parte das pessoas, especialmente durante os anos da juventude, o anseio de se associar a uma pessoa capaz de chamar a atenção — e, portanto, alimentar a vaidade através deste acoplamento — predomina sobre a reflexão racional e ponderada acerca do efetivo encaixe de gostos, planos de vida, temperamento, etc. Se trata de mais uma grave intromissão da vaidade no processo racional, responsável por brutais equívocos de escolha do par. Com o amadurecimento emocional que possa existir em um ou em ambos os cônjuges, tal tipo de união entra em crise e, como regra, desemboca em dolorosa separação. A própria cultura, ao incentivar a união amorosa entre pessoas diferentes, complementares, privilegia o sentido prático da sobrevivência — pessoas complementares somariam forças para fins de luta pela vida — e também aceita a admiração pelas propriedades que não se possui como o grande fator de encantamento. As diferenças de temperamento são permanente fator de discórdia e também de inveja recíproca, de modo que não é de se espantar que tais relacionamentos sejam tumultuados, sofridos, violentos mesmo.

As pessoas com pouca tolerância à dor e à frustração desenvolvem grande pavor de abrir efetivamente seu coração para os novos elos adultos. Para elas as mágoas infantis ligadas às inevitáveis rejeições são feridas abertas e sangrentas, de modo que não ousam correr o risco de novas

experiências. Além disto, têm de si um juízo negativo — em virtude da consciência da fraqueza derivada da pouca competência para o sofrimento — e entendem que a rejeição será inevitável. Escondem suas verdadeiras sensações exatamente com o intuito de retardarem a rejeição e tratam de se mostrar fortes e autosuficientes. Como não podem se aventurar no encontro amoroso, enfatizam o ingrediente da vaidade que se acoplou ao amor; querem se sentir amadas por criaturas que elas admiram. Querem aparentar virtudes capazes de atrair a admiração; mas não querem — ou não podem — amar efetivamente. Se alimentam das provas de amor do outro, e exigem crescentes sinais deste tipo; sofisticam o egoísmo indispensável para os fracos e se tornam tiranos, usando qualquer tipo de recurso para se sentirem prestigiadas e privilegiadas, para não serem abandonados. Nestas criaturas, chamadas de narcisistas, o único interesse é o da vaidade. Querem se acoplar a criaturas que tenham valor aos olhos dos outros, sofisticam sua aparência pessoal, se fazem socialmente agradáveis e até mesmo generosas; sabem que exibem uma grande farsa e estão permanentemente ameaçadas de serem "descobertas". Gostam de ter amigos reconhecidos como menos admiráveis, pois precisam a qualquer preço ser o centro das atenções; adoram se sentir invejadas, pois isto é sinal de estarem sendo admiradas; para isto, exibem todas as suas prendas valorizadas socialmente. Não são nada criativas; vivem seguindo os padrões vigentes.

As pessoas mais tolerantes à dor e a frustração aprenderam, ao longo de suas experiências infantís, a se sentir superiores, mais fortes e a gostar de exercer seus dotes de renúncia e generosidade como forma de se exibir, se destacar. A vaidade está, para elas, fortemente associada à capacidade de doação e de proteção. Por serem mais fortes, no sentido de suportarem melhor os sofrimentos, tentam resolver suas vontades sentimentais de modo mais verdadeiro, mais intenso. Se voltam efetivamente em dire-

ção da pessoa eleita como sendo a ideal para ser amada. Porém, em virtude das dúvidas acerca de suas próprias opções de vida, não estão certas que sua competência para a renúncia sejam verdadeiras virtudes. Também não gostam muito de sua maneira de ser e tendem a abrir o coração na direção do tipo humano narcisista. Isto é determinado também pela vaidade, pois como alguém vai se exibir como o generoso e o desprendido se estiver acoplado a uma criatura também doadora? O vínculo típico próprio da união entre pessoas diferentes é, pois, aquela que se estabelece entre uma essencialmente generosa e outra fundamentalmente egoísta. O generoso ama com honestidade e não é amado; se sente frustrado por isto, mas ao mesmo tempo se sente superior por ser portador de virtudes admiradas pelo parceiro. O egoísta se aproveita da generosidade do seu par e se sente gratificado por isto na sua vaidade; ao mesmo tempo se sente por baixo pelo fato de ser dependente e mais fraco. O generoso também se sente por baixo em outro aspecto; que é a sua precária capacidade de usufruir dos prazeres e confortos da vida; estes estão bloqueados porque fazem parte do modo de se exibir do sub-grupo oposto, o dos "hedonistas".

É preciso um bom avanço no desenvolvimento pessoal e uma certa redução da submissão à vaidade para que as pessoas possam se encantar com os seus afins. As afinidades como fator de escolha do par são indiscutíveis do ponto de vista da lógica; é mais fácil o convívio, além de serem bastante mais atenuadas as manifestações invejosas. É sinal de maturidade quando razão e coração se encontram e ambos avalisam as uniões deste tipo. Do ponto de vista sentimental, a intensidade do elo é máxima, pois surge o envolvimento e a abertura do coração nas duas pessoas. Isto provoca pânico derivado de uma intensidade muito grande de dependência e, portanto, de dramática dor em caso de desencontro. Além disto, a felicidade sentimental assim obtida é muito intensa, coisa que desperta o medo

da felicidade e suas tendências destrutivas. Por força destes dois motivos, até hoje são muito raros os casais que ousam levar adiante encontros amorosos deste tipo.

Nas relações amorosas por afinidades existem as trocas sentimentais propriamente ditas. Porém, seria ingênuo supor que os ingredientes de vaidade não estejam presentes. E estão de modo também muito intenso e concentrado, da forma que descrevi há pouco acerca da paixão, que é como costumam começar estes relacionamentos. O que acontece é que, apesar da importância da vaidade, da admiração recíproca se basear em propriedades que cada um valoriza no outro, de se gostar de aparecer ao lado do outro, etc., existe também a efetiva ternura, o encaixe da subjetividade, "o reencontro da metade perdida" com o nascimento. Os que têm a felicidade de encontrar o seu par e a coragem para levar adiante este encontro experimentam desenvolvimentos pessoais que vão muito além das simples gratificações exibicionistas da vaidade.

Todo o tipo de relacionamento afetivo tende a ser extremamente exigente. E isto tanto em decorrência dos aspectos ligados ao instinto do amor como daqueles derivados da vaidade que se acopla também a este fenômeno fundamental da nossa subjetividade. As exigências derivadas da composição do elo amoroso propriamente dito determinam, segundo eu acredito, a necessidade do zelo recíproco. A ligação afetiva implica em grande dependência e, portanto, as condutas individuais podem interferir sobre o par. Isto poderá, na prática, ser tratado de modo deturpado e justificar os anseios de dominação de um sobre o outro ou a tentativa de impor ao outro o modo próprio de ser. Não me refiro a isto, que é parte das artimanhas das pessoas que tentam resolver suas inseguranças através da opressão de terceiros. Falo da dependência real, da possibilidade de um causar grande dor ao outro em virtude do desarmamento que o amor determina. Para ser breve, considero que a dependência amorosa é exigente de lealdade;

o amor não pode suportar a traição, entendida no sentido amplo (e não com a conotação usual que dá ênfase à fidelidade sexual). Uma pessoa que ama não pode suportar que a amada se componha com seus adversários, dê subsídios a quem lhe quer mal, etc. A traição é o pecado capital irrecuperável. Costumamos aceitar bem a deslealdade daqueles que não nos são essenciais; quem cativou o meu coração e gerou em mim a mágica da confiança não pode me decepcionar neste aspecto em hipótese alguma.

Por outro lado, não se pode considerar como alta traição a simples diferença de opinião. Por maiores que sejam as semelhanças entre as pessoas, sempre existirão divergências; e não aceitá-las é absurdo lógico. A partir daí, creio que já estamos nos referindo às exigências que derivam da vaidade. Uma pessoa poderá se sentir desprestigiada pelo fato de sua amada não concordar com seus pontos de vista; não é quebra de confiança e nem ameaça à estabilidade do vínculo; é ofensa à vaidade.

A recíproca admiração que, de fato, tem a ver mais do que tudo com a vaidade, tem que ser mantida a qualquer preço; se isto não ocorre, a estabilidade do elo está ameaçada, mesmo que os ingredientes de aconchego, afinidade e lealdade recíproca estejam satisfazendo aos nossos anseios propriamente amorosos. Na prática, não distinguimos de modo preciso o que é que esperamos do amor, porque sempre o vivenciamos como sendo a associação destes ingredientes com o fato de experimentarmos tudo isto ao lado de alguém que é, ao mesmo tempo, o nosso herói. E o herói não pode decepcionar o seu amado. O "príncipe encantado" terá que continuar a ganhar todas as batalhas da vida; se perder alguma, imediatamente entrará em pânico, pois a espada do abandono estará sobre sua cabeça. A "princesa" terá que ser sempre bela e estar sempre disposta; as primeiras rugas, o inevitável envelhecimento do corpo será sentido como extremamente doloro-

so e ameaçador (poderá ser trocada a qualquer momento por "duas de vinte").

Nas relações entre criaturas diferentes, por exemplo, a questão da vaidade assume conotação dramática. O egoísta é admirado por ser egoísta; o generoso é admirado por ser generoso. Com o passar dos anos, cada um terá que radicalizar sua maneira de ser, ainda que não seja esta a sua vontade. Se houver qualquer tendência na direção do ponto de justiça, o risco de perda da admiração e, portanto, do abandono, se torna iminente. Assim, cada um terá que ser cada vez mais do jeito que não aprecia para não arriscar de perder o seu par. Depois de anos de convívio, o casal estará mais radicalizado nas suas diferenças do que no início. Nas entrelinhas, e apesar das aparentes reclamações, cada um exige do outro a perpetuação de suas características.

As pesadas exigências características das ligações afetivas derivam, pois, mais do acoplamento dos ingredientes de vaidade do que da natureza mesma deste instinto. Acredito que o mesmo raciocínio vale para a questão do ciúme, outra praga comumente presente em dose dolorosa no amor. Acredito que em virtude das ligações amorosas chamadas de adultas serem, na realidade, tentativas de recuperação das sensações de harmonia uma vez experimentadas através do vínculo materno, muitas de suas peculiaridades sejam bastante infantís. E isto é verdadeiro, especialmente nas fases iniciais dos relacionamentos, onde se reestabelece um nível de dependência regressivo, vivido como vital. Nestas condições, fica difícil imaginar a hipótese das pessoas envolvidas não se ressentirem brutalmente da intromissão de qualquer outra criatura; até mesmo se forem filhos, "frutos" do amor. O desejo de exclusividade e a necessidade de atenções continuadas são condutas em tudo similares às que observamos nos recém-nascidos; insisto no fato de que a dependência é vivida como vital, ainda que isto não seja verdadeiro; e é desta sensação que deriva

a possessividade própria do amor. A tendência, com o passar do tempo, seria no sentido da reversão deste processo ciumento, na medida em que a sensação de individuação e de alguma independência volte a se manifestar.

Outra vez teremos que constatar que a vaidade se intromete numa área que, por si só, já seria delicada. O fato da pessoa amada achar graça em qualquer outra pessoa poderá nos provocar uma sensação muito dolorosa; e não apenas porque queremos toda a sua atenção. Tememos que ela ache mais graça na outra criatura, que a admire mais do que a nós; isto nos faria sentir por baixo e seria uma brutal humilhação. Não são poucas as pessoas que, não suportando sequer a idéia de correr este risco, tratam de inibir todos os movimentos da criatura amada; com isto se tornam cruéis opressores, cada vez menos admirados (a menos que isto esteja de acordo com os anseios da vítima) e cada vez mais ameaçados. Deste círculo vicioso não é fácil se vislumbrar a saída. No caso especificamente masculino, já sabemos que os homens se sentem inferiorizados por não provocarem o desejo visual feminino do mesmo modo que elas o fazem; quando um homem vai a um lugar público com sua amada, ela precisa estar atraente porque isto faz bem à sua vaidade; ele se exibe através dela, por estar com ela. Ao mesmo tempo, se sente ameaçado pelo fato dela ser atraente para outros homens, que poderão eventualmente ser mais admiráveis do que ele. Ao mesmo tempo querem que a amada seja atraente e também querem que ninguém a note! Acabam brigando com a companheira e acusando-a pelos olhares que recebeu. Ciúme e inveja aqui caminham de mãos dadas; o homem fica duplamente humilhado, tanto por se sentir ameaçado de ser trocado quanto pelo fato de serem as mulheres as que chamam mais a atenção.

Do ponto de vista da vaidade, aquele que é o amado terá que ser tratado como a grande prioridade o tempo todo. As divisões de atenção e cuidado só são aceitáveis

quando fica indiscutível a prioridade dada a ele. Na vida familiar, é comum que o pai tenha grande ciúme do afeto que a mãe dedica aos filhos — especialmente os varões. A recíproca também é verdadeira. Irmãos rivalizam entre si pela atenção especial de cada um dos pais. A harmonia e as trocas de ternura e aconchego vão para o segundo plano e a luta por destaques e preferências acaba ocupando o lugar de honra. É minha convicção que o que confere ao ciúme o seu caráter de emoção às vezes incontrolável, capaz de levar um indivíduo a matar, deriva muito mais da vaidade do que do caráter possessivo do amor como instinto. Na prática da vida adulta, a humilhação e o desprestígio costumam ser dores muito mais insuportáveis do que a rejeição. É o "orgulho ferido" — outra expressão para humilhação — que nos leva à violência e ao descontrole total. E é a insuportável ameaça de que esta ferida ocorra que leva a grande maioria das pessoas a uma variedade de medidas profiláticas, todas elas relacionadas com restrições impostas à liberdade individual da pessoa amada. Não é raro que, a partir daí, a vida em comum se transforme num pesadelo insuportável.

VIII

A vaidade e a inveja

Mais uma vez estamos diante de um fato digno de perplexidade: a inveja é uma emoção que está ausente na reflexão psicanalítica, bem como não aparece como assunto relevante em nenhum dos textos de psicologia que eu tenho tido a oportunidade de ler. No clássico "Vocabulaire de la Psychanalyse" de J. Laplanche e J.B. Pontalis (Press Universitains de France; Paris, 1968) só há referência a "inveja do pênis", única condição na qual a palavra foi usada por Freud. No mesmo livro, a palavra "vaidade" não consta! É fantástico que se tenha sido capaz de construir uma psicologia humana coerente e consistente sem se levar em conta estas duas peças fundamentais do quebra-cabeças.

A "inveja do pênis" é conceito usado para definir a inveja infantil das meninas que se sentem mutiladas de uma parte que subtrai a elas a boa posição social. A cultura oficial se alicerça na supremacia masculina, e dela sempre faz grande propaganda (coisa que sempre deve nos levar a uma postura de suspeita). Desta forma, seria muito difícil que, no início do século, fosse possível a Freud perceber que os homens também têm grande inveja das mulheres, coisa que é bastante evidente nos dias de hoje, mais permissivos e mais igualitários. Isto apenas para ilustrar como uma dada ideologia vigente pode ofuscar os olhos do mais agudo observador, especialmente quando aquilo que ela nega

é parte essencial do inconsciente deste. A sensação de inferioridade sexual do homem em relação à mulher foi, a meu ver, uma das marcas profundamente reprimidas da psicologia masculina durante muitos séculos; e nem mesmo o espírito crítico de Freud foi capaz de escavar e retirar de dentro de si esta verdade. A partir desta negação da inveja mais essencial, é possível que a questão genérica relacionada a esta emoção tenha sido negligenciada nas outras situações de convívio.

Isto é muito impressionante, porque na vida real, naquela que se dá independentemente das teorias e dos livros, a inveja é a emoção fundamental. Sua importância ultrapassa, de longe, à do amor, da solidariedade e da caridade. As pessoas vivem se comparando umas com as outras e aquelas que se consideram "perdedoras" segundo o valor em questão se sentem por baixo, humilhadas, deprimidas. Na vida real, as pessoas que atingem uma dada posição de destaque, adquirem algum tipo de privilégio, ficam imediatamente com medo da inveja dos que as cercam. Algumas até gostam de se sentir invejadas, pois isto estimula a sua vaidade. Em algumas formas de religiosidades, de origem africana e muito ao gosto do nosso povo, a inveja é a força motriz do mal; quase tudo o que de ruim acontece a uma dada pessoa é atribuído à ação nociva de invejosos. Cabe citar uma frase de C.G.Jung, escrita a propósito de fantasmas e de certas práticas milenares de magia: "As pessoas não falam destas coisas. Elas simplesmente acontecem, e os intelectuais não sabem nada a respeito delas — uma vez que os intelectuais não conhecem a eles mesmos e nem as pessoas como elas realmente são"! (Psychology and the Occult; Princeton University Press, Princeton, USA. 1977; pg. 154). Me parece urgente conseguirmos aproximar a teoria psicológica do seu objeto de estudo: o homem real.

A inveja é o derivado mais direto, mais imediato da vaidade, esta estranha peculiaridade da nossa sexualidade que nos faz ter um prazer especial ao nos exibirmos, coisa

que nossa razão sofistica para o prazer de atrair olhares derivados de sermos capazes de obter algum tipo de destaque. Se trata de uma emoção que se desenvolve ao longo dos nossos anos de formação. A criança, com o desenvolvimento da razão, vai se tornando curiosa acerca de tudo que a rodeia; quer se apropriar de tudo; quer saber como funcionam as coisas e para que servem; depois que conhece um dado objeto, como regra se desinteressa dele. De repente, algo pode lhe chamar particularmente a atenção e surge o desejo de apropriação; se o objeto for propriedade de outro adulto ou de outra criança, ela poderá ser impedida de se aproximar dele. Isto será vivido como frustração, como algo doloroso e gerador das clássicas expressões de raiva.

O desejo de possuir o que atrai a atenção é uma resposta natural do espírito curioso. A proibição é dolorosa, mas pode ser absorvida. Porém, quando a vaidade já é parte do processo racional, o que se torna mais evidente nos últimos anos da infância, podemos desenvolver uma outra emoção que se soma à frustração derivada da interdição. Ela deriva do raciocínio tipo: "porque o outro tem esta coisa e eu não"? "O outro tem alguma coisa a mais do que eu e isto me frustra e também me faz sentir inferiorizado". Se o objeto em questão for algo tratado como precioso — e, como regra, as coisas que não se emprestam são as de mais valor — o seu proprietário poderá se destacar por possuí-lo. Neste caso, o que não o possui se sente por baixo; se sente ao mesmo tempo humilhado — uma espécie de "calafrio" interior que advém de nos percebermos a inferioridade — e com raiva do outro.

É como se o outro fosse o causador da dolorosa sensação de humilhação. O outro pode se exibir por possuir objetos e pode se exibir também porque é dotado de alguma potencialidade humana que é valorizada pelo meio familiar e social. O menino pode ser admirado porque é bom estudante, porque é bom atleta, porque tem talentos musi-

cais, porque é bonito, etc. Como o processo educacional estimula a natural tendência da razão para fazer comparações, aquele que se perceber menos dotado poderá se sentir humlihado e também com raiva do que for mais competente nas áreas que ele valorizar. A inveja é, pois, a associação da sensação de humilhação — derivada da sensação de inferioridade obtida através de uma comparação — e de raiva daquele que possui a propriedade — material ou humana — valorizada.

Se usarmos vários critérios de comparação, e eles são tantos quantos são os "valores" de um dado grupo, é provável que todos nós nos sintamos superiores segundo alguns e inferiores segundo outros. Quando nos sentimos por baixo, forçosamente nos sentimos humilhados; algum tipo de hostilidade sempre surgirá dentro de nós. Se for de pouca intensidade, será controlável e poderá não se exercer; se a intensidade da revolta for maior, imperceptivelmente — ou não — seremos traídos por alguma observação maldosa que sairá de nossa boca; às vezes, ficamos sabendo que estamos invejando uma dada pessoa através destes lapsos. A grande verdade é que todos nós sentimos inveja em certas condições. Ela será de intensidade menor se o "valor" em comparação não for muito relevante para nós. Será menor também se estivermos nos sentindo razoavelmente gratificados em outros setores da vida. Será menos intensa, controlável, mas existirá.

A nossa cultura trata a inveja como um "defeito", de modo que são muitas as pessoas que não têm consciência de suas invejas, reprimidas para o porão do inconsciente; é para lá que vão todas as emoções que possuímos e que não aceitamos possuir. Além da proibição cultural da inveja — o que não deixa de ser ridículo, pois não se pode impedir o ser humano de sentir o que ele já sentiu — outro fator talvez mais essencial determina a tendência geral das pessoas para esconderem suas manifestações invejosas. É que a inveja denuncía sua condição de inferioridade. O que

inveja se comparou e, segundo o seu próprio critério, se percebeu como "perdedor". Assim, assumir publicamente a inveja é assumir que se está por baixo; e a grande maioria das pessoas detesta mostrar "fraqueza"; elas ficam com dois problemas: a fraqueza e a necessidade de escondê-la.

Em virtude da forma como nossa razão constata, compara e conclui, se compõe uma bipolaridade: o que possui o objeto ou a prenda valorizada se exibe e é admirado por isto, obtendo o prazer erótico da vaidade; o que não possui é aquele que olha o portador da prenda a se exibir, se compara, se sente humilhado e com raiva do outro por ser o causador de sua dor. O possuidor da prenda é tratado como agressor, apesar de que, aparentemente, não fez nada senão ser do jeito que é; às vezes isto é só aparente, pois o que tem o privilégio poderá saber que isto provoca a humilhação do outro e se exibir com o intuito real de ferir o menos dotado; nestas condições a reação agressiva do invejoso estaria mais justificada.

Porém, são muitos os casos em que realmente uma pessoa se sente agredida e humilhada apenas pelo fato de outra, mais bem dotada, existir. Na prática da vida adulta, e para a maior parte das pessoas, existirá o prazer de exibir os destaques e a dor de perceber o outro se destacando mais. A biologia é responsável pelo prazer de se exibir; a razão o transforma em prazer de se destacar. A razão, estimulada por um padrão social louvador da comparação, cria a dor de não se destacar tanto quanto um outro indivíduo; e a ela nós chamamos de humilhação; dela deriva a inveja, que corresponde à associação de raiva à humilhação. A humilhação é uma grande dor e a raiva seria a reação agressiva, uma espécie de represália contra o "causador" daquela dor. Como o "causador" não causou nada, podemos dizer que o grande gerador de agressividade gratuita é a inveja.

A partir de um certo ponto, como regra, a puberdade, a vida de uma grande parte das pessoas fica tão comprome-

tida pelo tema das comparações recíprocas que elas perdem até mesmo a capacidade de se interessar pelos assuntos que geram a comparação. Um estudante poderá se interessar tanto em ser o melhor aluno e se destacar por isto que acabará por perder o real interesse pelo saber. Um rapaz poderá querer tanto se destacar diante dos seus colegas como capaz de conquistar as moças que, de repente, não saberá mais o que é o amor. Ser a mais bela dentre as mulheres poderá ocupar toda a atenção de muitas criaturas, que jamais conhecerão as delícias da amizade. E assim por diante. A vida se transforma numa sucessão de instantes; em alguns a pessoa está por cima se destaca e daí extrai prazer; em outros, ela está por baixo, se sente humilhada e invejosa. Quando se destaca, seu humor é ótimo e tudo está bom; quando se sente humilhada, se deprime e se torna irritadiça. Vivem a vida como se este fosse o seu grande desafio. Não é difícil perceber que estas pessoas estão atoladas até o nariz no vício da vaidade, obcecadas pelo assunto e totalmente incapazes de qualquer tipo de vivência ou reflexão objetiva a respeito dos outros temas da nossa existência.

Muitas pessoas podem supor que a inveja será máxima nas criaturas menos dotadas, menos favorecidas pelo destino. Grande engano. A experiência nos ensina que é exatamente o contrário. As pessoas menos dotadas tiveram poucos momentos de destaque, de modo que não chegaram a ter sua subjetividade fortemente influenciada pela vaidade. São mais pacatas e vivem muito serenamente as suas vidas; é claro que isto é a regra geral e que em psicologia há sempre muitos tipos de exceção. Por outro lado, aquelas criaturas que tiveram vários períodos longos de destaque e sucesso poderão ficar tristes pelo simples fato de estarem mais apagadas. Aqui não se trata nem mesmo de inveja; é como um viciado privado de sua "droga". De repente, não suportam não fazer sucesso. É evidente que suportarão pior ainda o fato de outra pessoa estar em evidência.

Como conceito geral, creio que se pode afirmar que serão mais invejosas aquelas pessoas que mais frequentemente se destacaram; para elas é mais nítida a dor derivada do sucesso de outros; elas sabem o que eles estão sentindo, "sabem o que estão perdendo". E este é o paradoxo: são mais invejosas justamente as pessoas de maior sucesso. Os ricos são mais invejosos de outros ricos do que os pobres. Os intelectuais e artistas invejam mais os seus colegas do que as pessoas comuns. Os ricos invejam os intelectuais e estes os ricos! Será sempre difícil para o proprietário de um barco "suportar" o desconforto de ter um vizinho proprietário de um barco muito maior. Será doloroso para o professor da universidade reconhecer o valor do trabalho do seu colega.

O médico de sucesso ficará muito incomodado com a competência e o destaque do seu "rival". E a tendência será no sentido de todo mundo falar mal, criticar indevidamente, a todo o mundo; óbvia manifestação invejosa.

Desta forma, são justamente os ricos os que sofrem mais com a riqueza de outras pessoas. Vivem se comparando e se deprimem ou se estimulam conforme se percebam "vencedores" ou "perdedores" de um dado duelo. O processo é sem fim, pois terão o enorme trabalho de sempre tentarem estar um passo adiante dos seus pares; suas casas terão de ser permanentemente renovadas para poderem acompanhar as novas tendências da moda e já exercidas por alguém do seu grupo. Terão que trocar carros em ótima condição por outros de maior destaque. Terão que comprar roupas e jóias o tempo todo. Gastarão um tempo enorme com tudo isto, nunca ficarão satisfeitos completamente; e mais, terão que ficar cada vez mais ricos para poderem acompanhar esta corrida alucinante atrás do nada.

O drama dos intelectuais não é diferente. Terão que ler cada vez mais livros e saber citá-los. Terão que escrever teses impressionantes, mais requintadas que a dos seus colegas e concorrentes. Terão que conseguir os títulos e

honrarias correspondentes à sua carreira, sempre com o objetivos de não se sentirem "por baixo". Terão que usar palavras e formular conceitos complicados e de entendimento só acessível a uns poucos, pois este é o caminho de se sentirem possuidores exclusivos de um dado saber. Complicarão processos simples, terão que inventar novas palavras de que só eles sabem o sentido e se sentirão superiores, destacados, por terem "sabedoria" ímpar. Isto compensará suas sensações de humilhação derivadas de terem menos dinheiro; se sentirão lisonjeados com a inveja dos ricos. O processo de aprendizado e, também, sem fim e o objetivo de se destacar vai prevalecendo cada vez mais sobre a curiosidade intelectual efetiva e a busca da verdade. O resultado é igualmente catastrófico: uma produção intelectual inútil senão enganosa, que dificilmente chegará aos pés de obras feitas com singeleza e apenas com o intuito de entreter e fazer pensar os que provavelmente venham a ter acesso a elas — como é o caso, por exemplo, das peças de Shakespeare, homem de origem humilde e que sabia mais das coisas da vida do que a grande maioria dos intelectuais.

Acredito que esta luta de foice que se estabelece entre as criaturas mais bem dotadas — e mais habituadas ao destaque e à inveja — acaba por influenciar a maneira de ser da população em geral. Eles são os que mais aparecem, principalmente nos veículos de comunicação de massa, e vão, aos poucos, sensibilizando o espírito das pessoas que estavam muito mais em paz antes desta influência. Numa sociedade moderna onde a televisão leva a todos os ambientes os vícios dos ricos, dos artistas e dos intelectuais, tratando tais vícios como virtudes, é evidente que um número crescente de pessoas mais simples se fascina por suas histórias e sonham com destino igual. Começam também a raciocinar prioritariamente em termos de destaque gratificações da vaidade; com o passar do tempo, vão se tornando também invejosas.

A inveja, além da dor derivada da humilhação e da raiva do mais "rico", determina uma grande vontade de também ter — ou ser — aquela coisa. É evidente que se o desejo for muito intenso e os princípios mais ou menos frouxos — o que é o mais comum — as pessoas tenderão para fazer "qualquer negócio" para atingir seus objetivos. Moças atraentes e pobres poderão se prostituir para poderem comprar as roupas e o carro desejado. Moças e rapazes poderão roubar para o mesmo fim. Do mesmo modo que em qualquer vício, as pessoas fazem de tudo para obter sua "droga". Além das desigualdades sociais, acredito que a violência urbana cresce também em virtude das facilidades da comunicação. São os pobres imitando os ricos!

Acredito que o grande impulso gerador de agressividade e violência na nossa espécie é a raiva derivada da sensação de humilhação que a "perda" na comparação pode nos causar. Não acredito que exista ação agressiva, a não ser em situações excepcionais. A pessoa reage com violência a algo que ele registrou como agressão. Esta pode ser real — alguém foi ferido, de modo casual ou deliberadamente — ou é apenas uma interpretação de uma dada situação — que é o que ocorre com o sucesso do outro, registrado como humilhação. Assim sendo, uma pessoa se torna agressiva por represália a uma agressão prévia ou por inveja. A agressão prévia será devido a um acidente, à necessidade extrema de sobrevivência (roubar para comer, por exemplo) ou por inveja. Ou seja, salvo condições extremas ou as puramente casuais, a agressividade humana é um fruto da inveja. Parece uma ação, mas na realidade é uma reação porque a pessoa ficou humilhada com a superioridade do outro.

A inveja é tanto mais intensa quanto mais as pessoas estejam comprometidas com a vaidade; e também é maior naquelas que mais frequentemente se reconheçam como "perdedoras". As mais comprometidas com a vaidade são aquelas que perderam a capacidade de conviver com os

valores intrínsecos — amor, conhecimento, conforto material necessário, etc. — e vivem a luta competitiva das comparações. Salvo engano, serão mais frequentemente "perdedoras" as pessoas efetivamente menos dotadas de propriedades valorizadas; no sentido dos seus próprios valores, as mais fracas.

Se conceituarmos a maldade humana como sendo a indevida intromissão no "território" de uma outra pessoa com o intuito de ali fazer destruições ou de lá roubar valores materiais ou emocionais, podemos considerar que, em essência, a maldade é filha da inveja. E esta é a emoção dominante nas pessoas mais fracas e mais comprometidas com a vaidade. Ou seja, a maldade humana é propriedade inerente aos fracos. Cabe registrar que, seguindo esta linha de reflexão, não creio que exista a bondade humana, uma vez que a não intromissão no "espaço" alheio é um dever derivado da noção de respeito pelos direitos do outro. Toda intromissão, mesmo aquelas que tenham por objetivo aparente ajudar a uma outra pessoa, é um desrespeito. Quando o outro nos pede ajuda e podemos corresponder ao pedido, não estamos mais nos intrometendo e o resultado de nossa ação poderá ser positivo se não tivermos intuitos duvidosos escondidos por trás da ação aparentemente generosa. Nestas condições, ocasiões poderão ocorrer em que o pedido de ajuda seja nosso e ao outro se criará uma condição de retribuição. Prefiro chamar a isto de solidariedade humana, trocas entre criaturas que estão no mesmo "barco da vida".

Algumas observações acerca do "olho gordo", "mau olhado", "magia negra", "umbanda" e "quimbanda". O tema tem me despertado um interesse crescente nos últimos anos principalmente porque tem relação direta com a questão da inveja. Outra vez são as pessoas "simples", de origem humilde as que se dedicam há muito tempo a estas práticas religiosas relacionadas com o uso de forças sobre-humanas para conseguir fazer o mal — se vingar de ofensas sofridas ou destruir por inveja — ou se proteger contra

ele. É um tipo de religiosidade dos oprimidos, que só poderiam se vingar por esta via; pelos caminhos conhecidos e humanos, são perdedores inevitavelmente; é religiosidade que a nós chegou junto com os negros escravos.

A psicanálise desconhece a inveja, mas as religiões das pessoas comuns tratam esta emoção como a principal origem da maldade e da vontade que uma pessoa possa ter de destruir ou prejudicar a outra. Espíritos mais sofisticados "desprezam" este tipo de pensamento "primitivo" e "banal". Hoje em dia, poucas são as pessoas que têm alguma dúvida acerca da eficácia do "mau olhado". Muitas são aquelas que escondem os seus feitos e os negócios que estão em tramitação por medo da inveja e de seus poderes destrutivos. Muitos milionários pedem a proteção de seus "pais de santo" para que os ajudem a suportar grande carga de inveja sem que isto lhes faça mal. Entre os intelectuais predomina a descrença e o "desprezo" por este tipo de abordagem das relações humanas e da interferência de outras forças nos "negócios da Terra".

A suposição de que existem outras forças maiores do que as humanas a passear pelo Universo sempre ocupou um espaço na mente das "pessoas comuns" e, até há poucas décadas, também nos "espíritos mais sofisticados". O progresso científico rápido deste século abriu as portas para a hipótese de que nós seríamos capazes de explicar tudo o que nos cerca. Nós, os frutos casuais de "mutações", não precisaríamos mais lançar mão deste tipo de suposição. Deus não existe mais. A razão humana passa a ser compreendida como sendo a força máxima do Cosmos. Nada é maior do que nós; nada nos governa e interfere sobre nosso destino. Destino? Que termo mais sem nexo; é o homem, e só ele que escreve sua história. Impossível imaginarmos sujeição maior à vaidade. A idéia da existência de outras forças a interferirem sobre nossas vidas — ainda que não saibamos nada a respeito delas — passa a ser vivida como humilhação. Humildade seria uma sensação de

paz derivada de não sermos obrigados a saber tudo, a tomar conta de tudo. Humilhação é a dor derivada de não podermos controlar tudo que nos interessa. E a idéia de Deus, para os espíritos ateus, se associou a humilhação.

Neste fim de século, observamos uma tendência para a reversão desta precipitada conclusão de que estamos sozinhos no Universo. Não sabemos de nada e temos que aprender a conviver com as dúvidas. Temos que pensar sobre nossa racionalidade de modo mais realista e modesto; mesmo os espíritos mais "sofisticados" são simples e têm pouca competência para entender as questões acerca da origem e sentido da vida.

Alguns fenômenos, que puderam ser observados e confirmados, puseram em dúvida toda a lógica das nossas suposições acerca do funcionamento de nosso cérebro; ou então, abriram as portas para se repensar sobre a possibilidade da interferência constante de outros fatores desconhecidos sobre nossas vidas. Cito apenas o caso da telepatia; que uma pessoa pode se comunicar com outra com absoluta precisão sem a interferência dos órgãos dos sentidos é algo que está "cientificamente" provado. Uma mensagem pode ser enviada de um cérebro para o outro mesmo que separados por milhares de quilômetros. Dentro de uma reflexão mais científica, no mínimo esta descoberta denuncia a existência de potencialidades de nossa espécie que jamais puderam ser aproveitadas. Não sabemos o quanto o nosso cérebro poderá vir a render! Ou então, "forças estranhas" estão por toda a parte influindo sobre nossas vidas. Não dá para saber nada por enquanto, mas acredito que seja essencial que os pesquisadores comecem a levar tudo isto a sério. Não é possível que se continue a pensar sobre a psicologia humana da mesma forma quando são indiscutíveis as descobertas de novas variáveis; e variáveis que nos obrigarão, em breve, a rever tudo. O castelo de cartas está caindo; temos que reconstruir nossas hipóteses teóricas; e a reconstrução terá que levar em conta os novos

dados: telepatia, materialização, premonição, etc. Não é nada fácil, mas é fascinante.

Dentro de uma visão deste tipo, aberta a novas perspectivas, não é impossível que a inveja possa exercer seus malefícios também por outras vias que não sejam a da senso-percepção. Não cabe descartar esta hipótese, que é parte da sabedoria e da religiosidade popular. Em quase todas as épocas e civilizações havia a concepção de que "olho gordo" era prejudicial àquele que era o invejado. Tradicionalmente se supunha a necessidade do efetivo olhar, muito de acordo com a nossa concepção de que a comunicação se dava essencialmente pelos órgãos dos sentidos. Na medida em que aceitamos como fato estes curiosos fenômenos telepáticos, se abre a hipótese do mal se exercer também à distância. E nunca devemos subestimar a maldade humana, pois a humilhação que deriva da ofensa à vaidade pode levar certos espíritos mais fracos a ânsias de vinganças mortais.

IX

A vaidade e o sexo

Nada é mais intrincado e complexo em nossa psicologia do que a questão sexual. O fenômeno é extremamente simples enquanto permanece no nível da excitação. É o caso, por exemplo, da nossa sexualidade infantil; a estimulação das zonas erógenas determina a agradável sensação sexual, do mesmo modo que a sensação se manifesta em certas situações de natureza exibicionista. Por imitação e não por desejo as crianças decidem trocar carícias e umas estimulam as partes erógenas das outras. Tudo é vivido como muito agradável, como uma brincadeira, um simpático presente dos deuses. Uma menina poderá passar horas se masturbando apenas para se deliciar com a sensação física agradável; ela não terá nenhum tipo de pensamento, apenas repetirá os movimentos que estimulam o clítoris. A coisa é tão simples que para nós, adultos, é até mesmo difícil de ser imaginada. Ao mesmo tempo, não conheço adultos que façam o mesmo, apesar de que poderiam fazê-lo perfeitamente. A masturbação nos homens e nas mulheres envolvem fantasias e estas estão relacionadas com os complexos jogos da vida sexual adulta. Perdemos a capacidade de usufruir o prazer táctil puro e simples, que é a expressão mais elementar da nossa sexualidade. E mesmo as trocas de carícias adultas raramente se compõem de simples trocas de carícias eróticas; quase todos os procedimentos têm algum

significado simbólico, são ousados ou recatados, sedutores, visam a submissão do parceiro, etc.

Quando, com a sexualidade adulta, surge o desejo, a questão se complica irremediavelmente nos deparamos com dilemas que exigem algum tipo de administração racional. Se observarmos o fenômeno nos cães, por exemplo, verificamos que em certos períodos a fêmea exala cheiros através da urina. Eles são captados pelo olfato dos machos, que imediatamente sentem o desejo; ou seja, um impulso fortíssimo de se achegar a ela, penetrá-la e ejacular, fenômeno que esvazia o desejo. Em essência, o instinto sexual está relacionado com a reprodução, apesar de que em nossa espécie, particularmente nos dias de hoje, raramente nos lembramos disto. Acontece que o cheiro da fêmea no cio desperta o desejo de vários machos; a partir daí, está criado o impasse. Os machos vão brigar entre si e o mais forte — ou aquele que estiver em posição estratégica melhor — é que copulará. A cópula interrompe o ciclo de tensões e a serenidade é recuperada até que outra fêmea exale os cheiros correspondentes ao cio.

Nos humanos o desejo masculino é despertado pela visão e não pelo olfato. A mulher é atraente e provoca o desejo o tempo todo e não apenas durante alguns dias por mês. Existem as mais atraentes e outras menos. Todos os homens desejam as mais atraentes. Além do mais, a cópula não interrompe o ciclo do desejo, que é ininterrupto. Com a vida em grupo, se torna absolutamente indispensável algum tipo de regulamentação da função sexual, isto com a finalidade de impedir que os homens briguem o tempo todo; e também, ao menos mais recentemente, para garantir à mulher o direito de escolher os seus parceiros. Qualquer tipo de regulamentação está relacionada com a introdução de regras formuladas pela razão humana com a finalidade de permitir um razoável equilíbrio interno do grupo social. Sabemos que ela estará sujeitas às deformações próprias

da intromissão precoce da vaidade na nossa forma de raciocinar e de resolver problemas.

É fácil perceber também que é pouco provável que se consigam estabelecer regras sociais que não impliquem em algum tipo de frustração mesmo da parte das criaturas mais poderosas. Nenhum homem poderá ter acesso a todas as mulheres atraentes, pois as regras estabelecerão direitos também para outros homens e definirão exclusividades. Por mais que às mulheres seja dado o direito de escolha dos seus parceiros, eles serão finitos e talvez alguns do que elas queriam não se interessem por elas. Neste particular todos nós teremos que enfrentar alguma frustração; teremos desejos não realizados e não realizáveis. Nem mesmo quando as rígidas regras sociais reguladoras são bem incorporadas deixa de haver, de vez em quando, algum desejo que esteja em discordância com elas; estes, em geral, desembocam na tristeza de sua não realização; outras vezes se realizam parcialmente e são geradores de sensações de culpa ou medo de represálias.

Na realidade, não há como se pensar em liberdade sexual. Jamais um homem poderá ter acesso a todas as mulheres que despertam o seu desejo. E isto não se deve apenas às regras sociais repressivas, que no passado eram muito mais rigorosas e exigentes do que são hoje. Deriva do fato de que uma dada mulher pode não ter interesse no homem que a deseja. A recíproca é também verdadeira, apesar de ser, na prática, menos provável (mulheres atraentes têm acesso a quase todos os homens que lhes pareçam interessantes). Homens e mulheres não terão fôlego e tempo hábil para satisfazer a todos os seus anseios, para se expressarem sexualmente todas as vezes que a excitação sexual lhes penetrar. Sempre haverá algum tipo de limitação, sempre haverá, pois, frustração.

Também me parece claro que mesmo que não houvessem outros estímulos comparativos entre as criaturas — inteligência, posição social diferente, competências musi-

cais e artísticas, etc. — existiria a comparação entre a condição masculina e a feminina; e reconheço diferenças biológicas irredutíveis entre os sexos. Na comparação sempre é possível que a criatura se perceba em desvantagem, o que provoca a sensação de humilhação. Quando se reconhece em vantagem, se envaidece. As diferenças entre os sexos se tornam, de fato, marcantes a partir da puberdade, de modo que é neste ponto da vida que se iniciam as comparações de modo mais intenso e dramático. A humilhação derivada de se sentir por baixo é dor forte e a vida deixa de ser tão leve e engraçada. Principalmente para os rapazes que são os que mais se sentem por baixo. Moças que se reconhecem como menos atraentes também sofrem muito e não são poucas as que tratam de sofisticar ao máximo seus dotes físicos menores com o objetivo de melhorarem sua posição no jogo.

A mim aparece como inevitável, ao menos como posso pensar hoje em dia, que o relacionamento entre os sexos envolva disputa, jogo de poder. Se uma moça é muito atraente e são vários os rapazes que estão interessados nela, estará composta uma situação de disputa; aliás, se trata de uma condição muito similar àquela que observamos em outros animais. Os rapazes tratarão de exibir suas prendas para a moça e aquele que for aceito por ela será o vencedor; é tudo mais sutil e delicado, mais camuflado, do que o que se passa com nossos parentes mamíferos, mas o fenômeno é o mesmo. O vencedor ganhará dois "troféus": o acesso à moça desejada e também o direito de incensar sua vaidade se exibindo para os colegas como o vencedor. Os perdedores ficarão humilhados, invejosos; tratarão de sofisticar suas armas para ver se conseguem melhor resultado noutra oportunidade. Não são poucos os rapazes que, sempre perdedores, inventam aventuras mirabolantes para contar aos amigos, tentando assim apenas ganhar a admiração deles (tentam ganhar apenas o "troféu" do exibicionismo, ainda que falso).

Também é evidente que, em determinados momentos, o suceder na conquista erótica tem por objetivo mais do que tudo aparecer perante os outros rapazes como o vencedor. Nestas condições, a mulher é apenas uma presa, algo que conta muito pouco. Ela é o pretexto para a disputa entre os homens, condição na qual o alimento à vaidade — daquele do que tiver sucesso — passa a ser o objetivo a ser perseguido com maior veemência. A intimidade sexual propriamente dita passa a contar menos do que o sucesso diante do grupo social masculino. É evidente que todas estas observações não estão levando em conta os ingredientes amorosos que também podem estar envolvidos e que modificam totalmente o quadro. Mas, ao menos do ponto de vista dos rapazes, existem situações exclusivamente sexuais como as descritas até agora, e onde fica clara a rápida supremacia dos prazeres eróticos da vaidade sobre os que derivam da troca de carícias.

Não creio que as coisas sejam muito distintas na subjetividade feminina durante os primeiros anos da vida adulta, apesar de que componentes sentimentais costumam ser mais presentes, ao menos como "disfarce" para o jogo erótico simples e direto. Segundo os seus critérios, este ou aquele rapaz é o bom, o interessante, o mais valorizado. Se compõe uma disputa entre elas para ver a quem ele vai abordar; há também outra disputa, relacionada com o fato de serem capazes de chamar a atenção de todos os outros homens; elas dizem que se aborrecem com isto — algumas vezes sentem medo — mas será mais importante aquela cujo exibicionismo foi mais bem sucedido. A moça que for a escolhida pelo rapaz mais valorizado se sente vencedora e se envaidece; as outras ficam humilhadas, invejosas. O fato de ser a eleita e de poder desfilar socialmente como tal corresponde a um prazer erótico maior do que as coisas que vão ocorrer na intimidade. E isto é vaidade; outra vez a vaidade, coisa prazerosa ligada às aparências, à superfície, predomina sobre o que deveria ser o essencial.

Do ponto de vista puramente sexual, o que determina o interesse da maioria dos rapazes por determinadas moças é definido biologicamente: beleza e sensualidade. Por outro lado, o que determina o interesse da maioria das moças por determinados rapazes não é definido biologicamente, uma vez que a visão não tem peso igual para a sexualidade da mulher. Aliás, podemos dizer que o direito da mulher de ter interesses especiais por certas propriedades masculinas e poder se conduzir de acordo com seus gostos é uma aquisição cultural, obtida ao longo de milênios de vida em grupo. Nos outros animais, existe apenas a disputa entre os machos e o vencedor é o que tem acesso à fêmea. Hoje em dia, em nossa espécie, a coisa é diferente: o homem, para ser aceito pela mulher, tem que corresponder aos seus interesses; como eles não são biológicos, serão construídos pela razão feminina; é claro que são fortemente influenciados pela cultura como um todo, especialmente nas condições modernas de persuasão através dos veículos de comunicação.

De uma forma ou de outra, podemos dizer que os homens, para agradarem às mulheres e serem recebidos sexualmente por elas, terão que ter "prendas" e "valores" que sejam tidos como tais por elas. Para as mulheres agradarem aos homens, basta que sejam belas e atraentes. Não seria nenhum absurdo supormos, diante desta forma de refletir, que quem tem ditado as normas e valores culturais de modo prioritário têm sido as mulheres! Ainda que os homens tentem continuamente influir sobre as opções femininas, para eles é essencial serem aprovados por elas, que ficam com o direito à última palavra. E como as aparências estão distantes da realidade! Como os fracos gostam de aparecer como os mais fortes.

Em decorrência da dependência material da mulher em relação ao homem — este é fisicamente o mais forte e não tem os inconvenientes das gestações e amamentações — é evidente que a principal "virtude" masculina tendeu para

ser a sua capacidade de ganhar a vida. Um homem seria admirável ou não conforme fosse hábil ou não para resolver as questões práticas ligadas à sobrevivência, numa primeira etapa, e ao luxo, numa fase posterior onde também a posse de coisas especiais se torna ingrediente da vaidade humana. O homem se orgulha de sua competência e sua mulher se orgulha dele; está ao lado de um homem que é admirado — e também invejado — pelos outros homens; além disso, poderá ser cobiçado pelas outras mulheres. E tudo isto faz bem à vaidade do homem e da mulher; neste ponto de vista, tiveram muito em comum durante séculos, de modo que as relações assim compostas tiveram estabilidade também por este ângulo (não estou desprezando o aspecto amoroso, que se acopla ao sexual e se imbricam de um modo difícil de ser distinguido na vida adulta; apenas insisto no fato de que o papel do analista é dissecar, desmembrar).

Já registrei o quanto estas variáveis interferiram na relação dos homens com o trabalho, subtraindo o bom senso que deveria existir neste setor da vida. E, em virtude da ânsia de ter sucesso — se exibir para as mulheres e despertar a admiração dos outros homens — os mais bem dotados foram capazes de proezas surpreendentes e que terminaram por modificar por completo a paisagem do nosso planeta. Sendo a vaidade um elemento sexual, é adequado afirmar que a obra humana é o fruto deste instinto, relacionado com a vida. Não sei se cabe falar em "sublimação" de desejos eróticos como os que geram a energia motriz, como é hábito pensar na ótica psicanalítica. É para exercer sua vaidade e se gratificar de um prazer erótico específico que os homens fizeram tudo o que fizeram; e também para terem acesso aos "favores" femininos, ou seja, para melhor poderem exercer seus desejos eróticos.

Os homens foram capazes de tantas proezas que tornaram o trabalho — e, portanto, a forma de se resolver as necessidades de sobrevivência — independente da força

muscular, sua superioridade original. Suas conquistas geraram admiração e inveja feminina. Elas também passam a querer este tipo de destaque; é claro que não abandonaram seus destaques originais e, mesmo trabalhando e se sustentando, continuam a gostar muito de usar roupas extravagantes e capazes de despertar o desejo dos homens. Estes se sentem ameaçados pela competição feminina no seu território e, em virtude do exibicionismo feminino crescente, as desejam mais do que nunca. Competem com maior vigor e se dedicam ao sucesso de modo desenfreado; elas seguem os seus passos também nesse setor da vida. A rivalidade é crescente, as hostilidades também e os vínculos conjugais se instabilizaram de um modo dramático. Muitas pesosas se vêem sozinhas em idade madura, coisa inédita. As conquistas eróticas — e amorosas — se tornam mais frequentes e mais necessárias. A necessidade de impressionar o sexo oposto é crescente; e com isto cresce a angústia e a ânsia de destaque, a competição e suas deslealdades.

Quanta ingenuidade a nossa, que fomos jovens nos anos 60 e acreditamos, juntamente com Marcuse (em "Eros e a Civilização"), que a diminuição das repressões sexuais levariam ao fim da competição e da ambição; acreditamos que a libertação sexual de suas amarras milenares era o fim do capitalismo. Nada disto ocorreu... Outra vez sucedeu o contrário: a maior liberdade exibicionista feminina aumentou a disputa entre os homens, exatamente como teria acontecido nas outras espécies de mamíferos. A necessidade de destaque profissional dos homens cresceu com o acesso feminino a este mundo antes proibido para elas. Elas se sentiram lesadas por terem sido alijadas deste tipo de gratificação erótica — o destaque social derivado do sucesso no trabalho — e hostilizaram os homens, tratados como "vilões". Muitas mulheres preferiram viver a vida de modo individual; depois sentiram carências afetivas e se tornaram presa fácil das investidas sedutoras de caráter

romântico por parte dos homens. Estes, depois de conseguir os seus intuitos sexuais, sumiam e deixavam a mulher humilhada; é uma forma agressiva, violenta, de tratar o sexo oposto, cada vez mais percebido como rival e inimigo. As mulheres usam roupas cada vez mais sensuais e nem por isso aceitam a aproximação dos homens, agindo também de uma maneira agressiva e cruel; despertam o desejo e deixam a criatura humilhada pela sua rejeição. Apenas provocam e, em seguida, se retiram. A vaidade, a ambição e o capitalismo estão mais vivos e agudos do que nunca! As relações afetivas estão cada vez mais pobres e a vida sexual é esta guerra.

No meio de todo este tumulto que tem sido a vida psíquica nos últimos 20 anos, alguns "valores" culturais se alteraram radicalmente. A castidade feminina era um grande "valor" feminino; o tesouro de sua sexualidade deveria ser revelado apenas após o casamento, quando o homem já tinha se comprometido a zelar por ela para o resto da vida. Hoje em dia a virgindade é um "defeito". A competência para o prazer sexual, para dar prazer ao homem passou a ser a virtude feminina; a mulher deverá impressionar o homem também neste particular. E isto também é vaidade, já que o objetivo é a obtenção de expressões de admiração. A preocupação masculina de agradar e "satisfazer" sexualmente a mulher se tornou máximo e também não significa a substituição de negligência tradicional por uma atitude mais considerada em relação a ela. É apenas mais um ingrediente de sua virilidade, mais uma forma de expressão de sua vaidade.

Na medida em que muitas mulheres tiveram acesso ao mundo do trabalho e aos seus frutos, elas admiram menos os homens por suas competências neste setor; isto passa a ser um "valor" que elas também possuem. Há si-sinais indicativos que muitas mulheres passam a valorizar, por exemplo, a beleza masculina; não creio que o fenômeno seja idêntico ao que existe na recíproca. A beleza

neste caso será apenas um valor e não algo que desperte o forte desejo conhecido dos homens. A preocupação masculina com a aparência física tenderá para crescer imediatamente, pois o seu grande objetivo é ser admirado pelas mulheres. Cremes de beleza e outros produtos tradicionalmente femininos começam a sre produzidos também para os homens. Aulas de ginástica, clínicas de emagrecimento e de rejuvenescimento, cirurgias estéticas passam a ser práticas unisex. O fenômeno é incipiente e teremos que esperar mais para sabermos para aonde caminharemos no que diz respeito a estas questões. Infelizmente não tenho mais o otimismo da mocidade, de modo que não creio que nenhuma destas novidades estão a serviço do desarmamento e da cura deste vício crescente da vaidade; nada disto redundará numa relação mais harmoniosa e verdadeiramente respeitosa entre os sexos apenas porque têm aparência igualitária; a coisa é bastante mais complicada.

O jogo da conquista, a simples vontade de conhecer e se aproximar de alguém que nos interessou sexualmente, pode, por si só se transformar num vício e que requeira esforços permanentes. Um homem, por exemplo, pouco gratificado em sua vida profissional — e poderá se sentir assim mesmo que seja um sucesso aos olhos dos outros — poderá ter um desejo incontrolável de seduzir uma mulher até então desconhecida. Ele chegará perto dela, exibirá suas prendas e glórias (verdadeiras ou falsas), fará enormes elogios a ela — isto a excitará muito, pois é o alimento ideal da vaidade — tanto no que diz respeito à sua aparência como ao seu caráter (será tanto mais eficaz quanto menos verdadeiro for), incluirá uma pitada de romantismo e algumas doses de álcool forte e a noitada será perfeita. Ela irá com ele para a cama, desfrutarão as delícias do sexo. Depois de consumada a conquista — para uns isto ocorre com o ato sexual; para outros basta perceber que a mulher está; "entregue" — surge um total desinteresse, um vazio, o tédio e o desejo de ir embora imediatamente. No dia seguinte, tudo se repetirá da mesma forma, só que com uma parceira diferente. A vaidade se alimenta da conquista e também do fato de poder se exibir para os amigos, exatamente como na mocidade. Se se passarem vários dias sem que haja qualquer tipo de conquista erótica, o homem se deprime e busca novas aventuras a qualquer custo; exatamente como um viciado. O vício feminino está ligado mais ao fato de chamar a atenção na rua; se se passarem muitos dias sem que ela perceba que está sendo desejada, se deprime e coloca roupas mais sensuais e vai desfilar em algum local bem frequentado; isto acontecerá mesmo se ela não estiver interessada em nenhum tipo de abordagem sexual efetiva.

Tudo nos leva a crer que o prazer erótico de conquista e de se exibir como bem sucedido é muito mais interessante para a grande maioria das pessoas do que a troca de carícias propriamente dita. É como se a relação sexual tivesse se transformado apenas em pretexto para justificar a luta de vaidades. O próprio desejo e sua intensidade expressa isto: numa relação sexual onde o essencial é seduzir e se mostrar competente, um homem poderá ejacular três vezes ou mais; em casa, com a própria esposa, numa relação estável e onde o elemento da vaidade é bastante menor, terá uma relação sexual a cada 3-4 dias! Ou seja, muito do que costumamos pensar e chamar de desejo sexual não é outra coisa senão o anseio de obter alguma gratificação para a vaidade. As coisas se tornam confusas, especialmente neste setor da vida psíquica, já complicado por si mesmo.

A questão da homossexualidade poderá talvez nos fornecer reforços para as idéias que estamos tentando desenvolver. Há dois tipos de homossexuais masculinos: os que imitam a maneira de ser das mulheres — onde a inveja é evidente — e os que negam sua existência — "macho men". A sexualidade se estabelece entre duas pessoas que têm desejo visual predominante e o mecanismo da sedução

costuma ser mais rápido e sem jogo a não ser quando envolve grandes diferenças de aparência física; por exemplo, entre homens maduros e jovens; nesta condição, tudo se assemelha ao relacionamento heterossexual. Não deixa de ser curioso e triste que, com o passar dos anos, os homossexuais terão que enfrentar justamente o obstáculo que tentaram evitar. Quando o anseio amoroso é muito intenso, a tendência é para o acasalamento e a relação é semelhante ao que se observa entre homens e mulheres. Quando predomina o anseio sexual, a tendência é para uma grande multiplicidade de parceiros, encontrados com facilidade nos seus "guetos". As gratificações físicas são similares às que se obtém nas relações heterossexuais e a facilidade dos encontros é muito maior; a quantidade de experiências sexuais costuma ser muito grande e estas pessoas podem ter a sensação de terem descoberto o caminho da felicidade (por isso se auto-denominam de "gay"). Com freqüência começam a se sentir superiores, especiais e desenvolvem o desprezo típico em relação a quem não é como eles. Está composta uma nova forma de vaidade, a de ser homossexual. Surge o prazer de se exibir como tal, mesmo se forem objeto de alguma chacota; surgem os traços físicos — no modo de vestir, por exemplo — que os definem e os fazem destacados. A partir daí, mesmo não tendo que enfrentar o obstáculo do jogo da sedução, se tornam escravos da vaidade da mesma forma; mesmo vivendo a "fartura sexual" impossível para os heterossexuais, estão obcecados pelo tema e se ocupam demais do assunto (exatamente como os ricos, que só pensam em dinheiro). Até mesmo a competência para uma vida sexual mais intensa do que a média poderá ser fator de destaque, exatamente como ocorre nos homens de prática heterossexual.

Na homossexualidade feminina — bastante menos freqüente — existem todos os fenômenos descritos para a masculina, com a exceção da multiplicidade e ânsia de troca instantânea de parceiros, que parece ser um desejo emi-

nentemente masculino. Não tenho notícias da existência de "saunas" para mulheres homossexuais frequentarem e buscarem companhia indiscriminada, coisa que reforça a minha tese de que o interesse sexual feminino é diferente do masculino e bastante mais relacionado com fenômenos racionais derivados da admiração. O mais importante, porém, é que a vaidade derivada de se sentirem pessoas superiores, especiais, aqui também se estabelece; aliás, o fenômeno é geral e envolve todos os grupos minoritários, independentemente das razões que os façam existir como tal. Desejos de se destacar e ter sucesso, ciúmes e pavores de serem trocados existem entre homossexuais exatamente da mesma forma que entre os heterossexuais; e não são raras as pessoas que têm sua atenção voltada mais para estes aspectos relacionado com a vaidade do que com os prazeres intrínsecos do sexo.

Até mesmo o sado-masoquismo parece mais relacionado com elementos de vaidade do que com eventual prazer erótico derivado da dor física. Sofrer as agressões, ser humilhado, é terrível mas ao mesmo tempo faz a pessoa se sentir forte, especial, superior. O masoquista é o que sofre, mas é também aquele que comanda; o sádico o agride na exata medida do que foi previamente combinado; o que dá as cartas é o masoquista. O sádico se sente superior por poder bater; o masoquista, superior por poder suportar. Nós, seres humanos, parece que estamos dispostos a fazer qualquer coisa para nos sentirmos superiores em relação aos nossos semelhantes. Interrompemos o repouso ou qualquer atividade interessante se pudermos usufruir de algumas gotas de sensação de superioridade, de destaque.

Não tenho a menor dúvida de que a ânsia de destaque e de poder se exibir como tal têm peso muito superior aos prazeres sexuais propriamente ditos. Se se construir um padrão cultural onde a castidade seja o "valor" e onde serão tratados com admiração aqueles que se abstiverem de qualquer prática sexual, podem ter certeza que, se a moda

pegar, quase todo o mundo tratará de se comportar desta maneira. A coisa já foi assim no passado por causa do riscos de reprodução fora dos limites do casamento. Poderá voltar a ser neste fim de século em virtude dos riscos de contaminação com o vírus da AIDS. Se as pessoas estiverem adequadamente gratificados em sua vaidade, aceitarão a privação sexual com grande facilidade, do mesmo modo que já o fizeram no passado. Até certo ponto, a capacidade de adaptação da nossa espécie está na dependência de para aonde vá o destaque, que parece ser o que mais buscamos.

X

A vaidade como vício

O termo vício é usado comumente para descrever a dependência que uma dada pessoa desenvolve em relação a alguma droga capaz de provocá-la. Quando se usa o termo com conotação médica, se está referindo a drogas capazes de provocar a dependência física. E isto significa que a interrupção brusca de sua ingestão provocará uma série de respostas orgânicas, tanto físicas quanto cerebrais, e que corresponderão à "síndrome de abstinência" específica da supressão daquela droga. De outras drogas se diz que só provocam dependência psíquica, o que vale dizer que a supressão não provoca nenhum tipo de síndrome de abstinência. É suposição geral aquela de que o grave mesmo é a dependência física.

Não compartilho deste ponto de vista. Todo o tipo de dependência física correspondente ao uso de drogas mais comuns — tabaco, álcool, etc. — é de fácil e rápida resolução. Em poucos dias de abstinência, com o auxílio de alguns tranquilizantes, estamos livres da dependência física. O mesmo não se pode dizer da dependência psíquica. A pessoa que parar de fumar, em poucos dias está livre da eventual dependência orgânica da nicotina. Mas que dizer da "saudade" daquela tragada profunda, que pode perdurar por anos a fio?

Quer dizer da profunda depressão que a supressão do

cigarro poderá nos causar? É como se a vida não tivesse nenhuma razão de ser se não podemos mais fumar. Tudo fica triste, o mundo é olhado através de um óculos de lente preta. A pessoa poderá ficar irritadiça por longo tempo; poderá sonhar com o cigarro por noites a fio. Às vezes carrega a saudade do cigarro até o fim da sua vida. Na realidade, jamais se "curou" da dependência psíquica. Esta sim é que é a grande dependência, a raiz de qualquer vício. Podemos dizer, pois, que é vício aquilo cuja supressão nos provoca grave depressão e prolongada tristeza e saudade; coisas, é claro, não indispensáveis à vida e à nossa sobrevivência. Coisas não essenciais às quais nos "apegamos" e cuja perda nos provoca grande dor. Deste ponto de vista, temos muitos vícios, não só ligados a coisas, como também a situações.

No envolvimento amoroso, por exemplo, se estabelece uma importante dependência psíquica. O abandono e o desamparo que nos acompanha, como sensação ou como fato, desde o nascimento encontram na realização deste impulso um importante atenuador; nos sentimos aconchegados quando estamos amando e sendo amados; e isto é bom, apaziguante. Quanto maior nossa incompetência para suportar a sensação de desamparo, maior será nossa dependência do vínculo amoroso. Nestas condições, uma eventual ruptura determinará enorme dor; dor da morte. Experimentaremos enorme depressão, de longa duração. A lembrança dos momentos de aconchego nos acompanhará em quase todas as horas e a consciência de que ele não existe mais trará de volta a dor. O processo só será menos dramático se, por sorte, se constituir um novo vínculo afetivo, que trará de volta a sensação apaziguante de harmonia. Quanto maior a dependência que uma pessoa tem deste afeto, mais ela agirá de modo estabanado e mais será apavorada com a rejeição sempre temida; agirá de modo exageradamente possessivo e com isto estará mais sujeita a decepcionar o amado; como regra, é justamente para quem não suporta

a ruptura amorosa que ela se torna mais freqüente em virtude dos erros cometidos pela própria pessoa. No meu primeiro trabalho sobre a paixão — "Dificuldades do Amor", 1975 — comparei o amor às toxicomanias; mais recentemente, vários terapeutas norte-americanos têm desenvolvido este tema.

Sabemos que o amor, como tudo o que se passa em nossa vida adulta, também é vivido acoplado a uma certa dose de vaidade. A ânsia de se destacar e de ser admirado pelo amado se soma ao aconchego que ele provoca. Assim, a perda amorosa corresponde a uma dor dupla: rejeição e também desprestígio. É fácil compreender, pois, a dimensão desta dor, talvez a maior que possamos estar sujeitos a vivenciar.

Se seguirmos o mesmo tipo de raciocínio que fizemos para a questão do amor, podemos generalizar a questão da seguinte forma: tendemos para nos viciar em todos os estados capazes de neutralizar alguma profunda insatisfação de nossa alma. Aquilo que compensar a dor será sempre benvindo; será, além disto, buscado com vigor (desde que já seja conhecido e que tenha se provado um competente neutralizador). No nosso organismo, vários são os processos similares. Vejamos alguns exemplos: se uma pessoa está com azia — aumento da acidez gástrica — e toma um alcalino, isto lhe provoca alívio do desconforto; o estômago registra que o teor de ácido caiu e trata de produzí-lo de novo; sempre o faz em exagero, fenômeno que provocará uma acidez ainda maior, que necessitará de maiores doses de alcalinos; no passado, eram muitas as pessoas viciadas em bicarbonato de sódio em virtude deste mecanismo (hoje em dia, a medicina dispõe de outros recursos para resolver o problema). Uma pessoa está com as narinas entupidas devido a uma alergia qualquer; usa um descongestionante nasal que, interferindo sobre as artérias da região, resolve o problema; quando termina o efeito vasoconstrictor do descongestionante, as artérias reagem com

uma vaso-dilatação, que provocará maior entupimento nas narinas; isto vai exigir novo uso de descongestionante e o ciclo se repetirá; até hoje, são milhões de pessoas no mundo inteiro as viciadas nestes remédios.

Levando a comparação até o fim, podemos dizer que se o atenuador do desconforto psíquico for apenas um paliativo e de duração temporária, nossa dor voltará a surgir de uma hora para outra e de forma cada vez mais intensa. Pensando na questão da vaidade: se a insignificância de nossa condição é algo que não suportamos e se encontramos nos prazeres exibicionistas e nos destaques um atenuador paliativo e muito efêmero para ela, a dor da insignificância haverá de estar de volta com todo o seu esplendor sempre que terminar o episódio de exibição. Isto nos levará a buscar continuamente novos destaques, que apenas nos farão esquecer por alguns intantes a verdade da nossa insignificância cósmica. O círculo vicioso derivado deste esquema é um vício; do mesmo modo que os viciados em descongestionantes nasais que não suportam sair à rua sem o seu remédio, teremos que carregar nossos destaques por toda a parte, sob a forma de roupas que nos definam, pessoas que nos reconheçam, etc.

No caso do amor, uma relação de simbiose bem sucedida, baseada em uma verdadeira compreensão bilateral e na confiança, poderá nos ajudar a crescer e a diminuir a dor do desamparo de modo efetivo. Com isto, o amor estaria nos ajudando realmente a crescer, condição na qual a dependência afetiva tenderia para diminuir. O processo, quando bem sucedido, é evolutivo, positivo. Na questão do destaque, nada disto acontece; apenas a pessoa fica cada vez mais viciada em seus atenuadores da insignificância; mas esta permanece sendo exatamente a mesma. Não há remédio para a nossa insignificância a não ser sua aceitação, sua dolorosa aceitação. À medida que evoluímos emocionalmente, podemos nos sentir menos desamparados, ou menos ameaçados por isto; porém, insignificantes somos

mesmo; nos sentimos e somos. Se o amor é um vício que nos leva a uma evolução, que é a cura do próprio vício — o vínculo amoroso só melhora à medida que deixa de ser vício! — a vaidade é um vício que só piora com o passar do tempo. Nos acostumamos com determinados destaques e eles logo passam a ser vividos como aquisições pouco importantes: se continuamos a tê-los nem nos apercebemos disto; se os perdemos, sofremos brutal depressão. Precisamos sempre de novos destaques que nos façam de novo sentir significantes; os antigos já não nos alimentam mais; mas nem por isso podemos abrir mão deles, porque isto nos provocaria enorme dor e depressão. Nesta conta, só se soma e não há subtração. As pessoas vão acumulando coisas, posições, títulos até submergirem no meio delas; é como se não jogássemos nada fora e guardássemos todas as roupas, sapatos, todos os livros e papéis que já tivemos; numa dada hora seríamos sufocados por este acúmulo.

Qualquer situação de perda, até mesmo de posições que não gostamos mais, é terrível. Vejamos um exemplo desta coisa meio absurda, desta tendência colecionadora da vaidade. As pessoas trabalham para resolver suas questões práticas relacionadas à sobrevivência; algumas derivam razoável satisfação intelectual daquilo que fazem e estas seriam razões intrínsecas que nos prendem ao trabalho. Quando temos algumas habilidades a mais do que a média, temos também as gratificações derivadas do destaque, do trabalho especial durante as horas de trabalho, algum título honroso, uma sala bem decorada e pessoas nos telefonando e nos pedindo coisas. Nos sentimos importantes, apesar disto nos provocar desgaste, cansaço. Sonhamos com a aposentadoria, com o dia em que poderemos fazer tudo o que quisermos, ir ao cinema durante o dia — em dia de semana —, fazer caminhadas, ler os livros que não tivemos tempo de ler durante a mocidade, pescar, viajar, enfim tudo o que gostamos e que a vida profissional nos impediu. Finalmente chega a hora e paramos de traba-

lhar; ao invés da euforia esperada, vivemos uma brutal depressão. Não somos mais importantes; nossa insignificância ressalta com todo o vigor; ninguém nos solicita para nada; o mundo pode continuar sem a nossa colaboração; somos carta fora do baralho. Ao invés de sermos tratados por senhor ou doutor, de termos que executar tarefas "indispensáveis", de repente nos vemos num supermercado fazendo compras!

Ficamos perplexos ao perceber que tantas pessoas passaram a sua vida inteira em tarefas "banais" — especialmente, no passado, as mulheres — e nunca se ressentiram por isso. Acontece que elas nunca estiveram viciadas em serem importantes; quem não tem o vício não se ressente de sua perda; quem nunca fumou não poderá sentir saudades do cigarro. Os jovens também não têm posição social e não se ressentem disto; mas sonham em um dia ter estas "glórias" e se alimentam de seus sonhos, pois têm a convicção de que poderão atingí-las. Mesmo ganhando a liberdade para fazermos do nosso tempo o que quisermos, choramos a perda do "status" de gerente, diretor, etc. Perdemos "importância" e isto nos remete à insignificância; como não nos ocupamos de pensar nesta verdade, que apenas tentamos neutralizar, ela agora nos pesa com toda a sua carga. São muitos os que morrem em decorrência da depressão que costuma seguir a aposentadoria; outros voltam correndo para o trabalho (quando isto é possível); outros nem ousam pensar na hipótese de se aposentar; alguns enfrentam a depressão e a superam, condição na qual se abrem as portas para uma nova vida.

Me parece evidente que o ingrediente que vicia no trabalho é o do destaque e importância social e não aquele relacionado com a necessidade de ocupação da razão, que sempre poderá ser resolvido de modo mais rico e criativo quando temos a liberdade de não precisarmos lutar pela nossa sobrevivência. É a posição de liderança, a admiração e o "respeito" — temor — das pessoas, as atenções que

os subordinados dispensam, as honrarias, enfim, é que viciam. Viciam tanto quanto os privilégios econômicos, que queremos ter para atingirmos o mesmo objetivo. O conforto material e uma relativa sensação de segurança em relação ao futuro, derivados intrínsecos de uma boa posição econômica, também interessam à nossa razão e estão em sintonia com o bom senso. Mas isto corresponde a uma quantia de dinheiro muito inferior àquela que as pessoas costumam buscar; fica evidente que esta quantia a mais corresponde ao desejo de transformá-la em "status" social derivado da posse de objetos raros. Títulos honoríficos e posse de objetos especiais, na prática, correspondem ao mesmo objetivo de vaidade. E ambos viciam do mesmo modo.

Se "importância" social e dinheiro além do necessário são formas de vaidade que viciam porque nos dão a impressão de que não somos tão insignificantes, o que se dirá do poder? É difícil imaginar algo mais capaz de nos dar a impressão de imprescindibilidade, de superioridade, do que o poder; e isto principalmente porque costuma trazer consigo uma série de manifestações ostensivas de importância: paradas militares, continência dos soldados à passagem do líder, avião especial, guarda-costas, etc. Tudo é feito com o intuito aparente de impressionar o povo, que precisa ver nos seus líderes figuras sobre-humanas; na realidade, acredito que quem precisa se sentir assim são os próprios líderes, que providenciam toda esta pompa para poderem se sentir as criaturas mais especiais e com isto se deleitar nas glórias da vaidade. Se perderem o poder, sofrerão abalos psíquicos terríveis, os quais só serão mais suportáveis se estiverem conspirando com o objetivo de retomarem o que foi perdido. Algumas honrarias são vitalícias, talvez para atenuarem a dor da perda da posição efetiva: ex-presidentes da república são tratados por "presidente" até que morram.

Artistas e atletas que chegam a construir fama e noto-

riedade muito extensa se ressentem sobremaneira do anonimato. Reclamam o tempo todo da falta de privacidade que a condição de "figuras públicas" lhes impõe; porém, se deprimem quando estão numa região onde não são reconhecidos e tratados como importantes. Detestam imaginar suas vidas posteriores ao período de glória e não são raros os que evoluem para o alcoolismo — ou abuso de outras drogas. Tendem para se drogar mesmo durante o período de sucesso, até porque, como veremos, elas ajudam a "suportar a felicidade", em alguns casos, e também a suportar a insignificância que, quando reaparece, se mostra com todo o vigor. Quanto maior for a dose de gratificações à vaidade a que uma pessoa se habituar, maior será a depressão derivada de sua perda; apesar da glória ser o sonho de muitos jovens, é bom que eles saibam de suas complicações.

Mulheres muito belas e atraentes se acostumam a uma quantidade grande de estímulos eróticos ligados à vaidade; passarão por maus bocados se estiverem passeando em países onde não é hábito que os homens as olhem na rua. Se sentirão desprestigiadas e tenderão para a depressão. Mulheres menos atraentes poderão se sentir muito bem nestas condições, uma vez que não estão viciadas no destaque derivado da aparência física. Estas também terão bastante menos problemas quando, com o tempo, as rugas, os cabelos brancos, as gorduras recentes e as manchas de pele denunciarem o fim da mocidade. Para as mais belas, envelhecer é o mesmo drama que o fim da carreira para um famoso jogador de futebol.

Citei apenas alguns dos exemplos mais contundentes para demonstrar como a vaidade, na prática, funciona como um vício. Ao longo de todo o livro, penso ter demonstrado que ele tende para perpetuar todo o tipo de conduta que a ela se acopla — generosidade, jogo erótico de conquistas, prazer em despertar a inveja, etc. — e como encontramos nela um terrível obstáculo para as mudanças, mesmo as que desejamos. Cabe agora fazermos algumas observações acerca do modo como esta emoção pode influir ou determinar o apego de certas pessoas às drogas; ou seja, a importância da vaidade nos vícios propriamente ditos.

Os meninos e adolescentes jovens começam a fumar porque isto "já é coisa de adulto, de macho; significa que já são independentes o suficiente para irem contra as determinações dos pais que, mesmo quando fumantes, acham absurdo uma pessoa se viciar. Antigamente o cigarro era tido como coisa própria das meninas "vulgares" e "liberadas", de modo que as bem comportadas nem ousavam se aproximar deste "símbolo erótico"; até há poucas décadas atrás, mulheres "direitas" não fumavam na rua em hipótese alguma; ou seja, o cigarro era símbolo também de irreverência em algumas moças que, na década de 50, chocavam a sociedade com o seu vício; hoje em dia, rapazes e moças se iniciam no tabagismo por razões similares: sinal de independência e autonomia familiar e "charme". O charme ligado ao hábito de fumar é o que é mais estimulado pela publicidade. É difícil convencer as pessoas a usarem o cigarro pelo prazer que a fumaça ou a nicotina provoca nos nossos órgãos dos sentidos; até pelo contrário, as primeiras reações são horríveis, provocando tosse e mesmo vômitos. A nicotina, nas primeiras vezes, provoca leve tontura e, depois disto, se tiver algum efeito estimulante, ele é imperceptível para a maioria dos viciados. Certos cigarros são tratados como coisa de rico; outros são relacionados com pessoas esportivas; tudo tem sempre a ver com o sucesso e também com ser esperto, levar vantagem.

E é isso que vicia, que se associa em nós de uma forma tão brutal que só quando ficamos doentes é que conseguimos abandonar o vício (é claro que há algumas exceções a esta regra); só a sobrevivência física é mais importante que este vício ridículo, do qual tiramos pou-

quíssimo prazer quando o exercemos e que nos provoca brutal depressão quando nos privamos. Pela falta absoluta de efeitos "positivos" derivados do hábito de fumar, pelo mau gosto que deixa na boca e pelo mau cheiro nos dedos, este talvez seja o vício mais exclusivamente dependente da vaidade e do "charme" que têm as pessoas com um cigarro na mão. O charuto é um símbolo usual de riqueza em nossa cultura! O cigarro simboliza a irreverência e a independência; mas de um modo comedido, controlado.

A maconha, por outro lado, era, até os anos 60, droga típica de delinqüentes e marginais. Se incorporou aos movimentos contra-culturais dos jovens daquela época — juntamente com a mescalina e o LSD — como símbolos de revolta contra a sociedade consumista e belicosa. O seu efeito psíquico é hilariante e também age como um eficiente atenuador do "sentido moral", tornando mais fácil a transgressão de normas culturais que, em alguma medida, estão incorporadas em nossa subjetividade (talvez porisso mesmo tenha sido do agrado dos delinqüentes). Torna mais tolerável os momentos de ócio, que podem ser "curtidos" sem remorsos ou grandes impaciências; dizem que aguça os sentidos e provoca reflexões mais "profundas", mas este efeito é duvidoso. Certamente prejudica a memória tanto para os fatos e pensamentos que ocorrem durante seu efeito, como também determina uma certa desorientação temporal para todo o período em que ela é usada com freqüência grande.

A atenuação do senso ético era muito conveniente no período inicial da libertação sexual, pois permitia a rapazes e moças experiências eróticas sem compromissos, coisa que era uma convicção racional para a qual não estavam efetivamente preparados. Dava a estes jovens de classe média a força necessária para romperem com as regras familiares mais estabelecidas; podiam ousar interromper seus estudos, sair de casa e vagar pelo mundo, não trabalhar e dispensar os confortos materiais próprios

de sua classe social, etc. A droga passou a ser tratada como a salvação, o encontro da "felicidade química" como foi chamada por alguns dos seus defensores mais intelectualizados. Os iniciados passaram a se considerar uma casta especial, aqueles que "sabiam das coisas"; os que não compartilhavam do mesmo vício eram tolos. A vaidade tomou conta do processo.

O uso continuado da droga não levou a parte alguma, pois ela ajudava as pessoas a fazer o que não tinham condições próprias para fazer. Não evoluiram; apenas se viciaram no uso da maconha; e quantos jovens associaram o seu uso às experiências sexuais, de modo que só conseguiram a espontaneidade necessária para as trocas de carícias depois de fumarem um cigarro da erva! O movimento contestador dos anos 60 terminou e não levou a grandes resultados; a maconha perdeu o poder de conferir "status" aos seus usuários, mas continua fazendo parte da vida de muitos dos que se iniciaram naquele tempo. Para os "rebeldes sem causa" dos tempos de hoje ela ainda pode ser de valia, ajudando a dar grandeza e superioridade às suas incompetências e limitações. Na prática, acabou se transformando na "droga dos perdedores", daqueles que não conseguem nada e que dizem que não querem "nada com nada"; e que se sentem especiais com isto porque são maconheiros. A maconha é usada, como regra, como remédio para a falta de sucesso; e isto é vivido como um outro tipo de sucesso. Está longe de ter atingido o seu objetivo inicial, que é o de ajudar os homens a fazer "o amor e não a guerra"; está longe de ter ajudado os homens a se livrarem dos excessos da vaidade. Mas, pelo menos esteve acoplada à única tentativa, dentre tudo que eu vi acontecer, que tinha este objetivo e este sentido.

O álcool nos chega pelo mesmo caminho do cigarro; é uma transgressão dentro dos limites aceitos pela moral oficial e símbolo de que se está ficando adulto, de que

não se é mais ingênuo, não iniciado nas verdades da vida. Como o cigarro, era "coisa de homem" até há poucas décadas e hoje não discrimina mais os sexos. Seu gosto é horrível, ao menos segundo a maioria das crianças e jovens, mesmo nas versões mais sofisticadas (vinhos, licores, etc.). Seus efeitos são significativos e quase sempre agradáveis: aumenta a alegria, afrouxa um pouco o senso crítico de modo a permitir mais extroversão, aumenta a coragem para a abordagem erótica, torna os sofrimentos mais leves" e nos permite maior liberdade de falar deles (talvez porque estejamos dando menos importância ao nosso interlocutor; nosso interesse, apesar da eloqüência, é mais individualista), torna mais aceitável a felicidade, de modo que podemos usufruir dela com mais coragem, donde ter se transformado no símbolo das comemorações alegres.

Em doses moderadas, seus efeitos posteriores são mínimos, ao menos para as pessoas mais jovens. Não determina nenhum malefício psíquico a curto prazo, não prejudica as funções cerebrais nos períodos de abstinência e também não ajuda as pessoas a resolver seus problemas; por exemplo, o homem tímido que se anima para a abordagem de uma mulher com algumas doses de bebida alcoólica precisará da bebida sempre, mesmo que suas experiências anteriores sejam bem sucedidas; o vendedor que só consegue ser convincente se tomar uns tragos antes do encontro tenderá a fazê-lo regularmente; quem só entra num avião bêbado jamais se curará da sua fobia.

O álcool vicia porque seus efeitos são muito favoráveis e também porque atenua várias deficiências psíquicas das pessoas; vicia porque ajuda a suportar dores e porque ajuda a suportar felicidades. Além disso, provoca dependência física ao longo dos anos de uso continuado. Acredito que seja interessante pensarmos em dois tipos de alcoolismo: o dos pobres e dos ricos. O dos pobres está

relacionado com a sensação de bem estar que ele provoca e com a atenuação das dores do cotidiano.

O alcoolismo dos ricos, além de fazer suportável a felicidade, está incrivelmente associado ao "status social" e, portanto, à vaidade. Tomar um vinho caro e raro num restaurante é símbolo de sucesso e, às vezes, também de requinte. Servir bebidas muitos "especiais" para visitas "especiais" torna a ocasião muito "especial" e até parece que não somos insignificantes e mortais. A hora do aperitivo é um momento importante, quando as pessoas se sentem recompensadas pelos seus esforços; além disto, ajuda àqueles que exercem atividades ditas muito responsáveis a esquecerem suas preocupações e poderem relaxar e se divertir. É um veículo que intermedia a mudança do papel social: de dia, austero; de noite, alegre e irreverente, como convém às pessoas de sucesso. Se o álcool não for suficiente para isto, ou se o sono ameaça de impedir as "glórias" da noite, a cocaina poderá se associar ao processo. Esta é a droga dos bem sucedidos, estimulante do humor suficientemente caro para ser símbolo de status por si só. Desta forma, algumas pessoas conseguem conciliar as glórias do sucesso profissional diurno com as delícias da vida noturna dos bem sucedidos; ao menos por algum tempo.

A cura do alcoolismo, acontecimento difícil e raro, se dá através de total supressão da ingestão de bebidas alcoólicas. No início a dor é enorme e a depressão é a mesma das outras perdas. As incompetências psicológicas ressurgem, aquelas que estavam camufladas pelos efeitos psicotrópicos do álcool. A perda do "status" associado ao usufruto da condição privilegiada de poder comprar boas bebidas é grande ofensa à vaidade e nos remete de novo à insignificância e à "mediocridade" da vida. Aos poucos, o fato de ter conseguido se livrar do vício vai se transformando em nova forma de prazer erótico; o indivíduo se sente forte e superior por ter tido forças para conseguir

uma proeza tão penosa e tão pouco usual. Agora se orgulha de não beber, e talvez esta seja a forma mais estável de abstinência; mas é vaidade outra vez.

A vaidade existe como vício por si só, participa da dependência psíquica ligada ao amor, está acoplada de alguma forma essencial ou acessória a todos os tipos de toxicomanias e também está presente na sua recuperação. Acho que esta constatação justifica a forma como estou definindo esta emoção: o vício dos vícios.

XI

A cura da vaidade como vício

Espero não estar sendo mal compreendido. Sempre que se escreve sobre temas de psicologia humana normal se está tratando, entre tantas outras pessoas, de si mesmo. Quero deixar registrado, com veemência, que me incluo em quase tudo o que escrevi ao longo destes últimos 15 anos. E me inclui, de modo especial, em quase tudo o que acabei de escrever a respeito da vaidade. Sou parte da espécie e fruto das mesmas influências culturais que tem moldado a todos.

Meu pai, um judeu que imigrou para o Brasil quando menino, foi um médico brilhante e um intelectual humanista dos mais sofisticados. Padecia de todas as contradições que a vaidade impõe a este tipo de pessoa. Foi muito admirado pelos seus contemporâneos. Minha mãe, extremamente ambiciosa e pouco competente para as suas pretensões, enlouqueceu lá pelos seus 30 anos de idade, entre outras razões, devido à brutal inveja que tinha dele. Filho único, cresci como um "menino especial" e desde logo me orgulhei de não "dar trabalho" a meus pais. Quando moço, achava que o meu "destino" era salvar a humanidade; eu, o herói, que seguia os passos do meu pai. Quando, já mais velho, me apaixonei, também pensei em abandonar tudo o que fazia e me dedicar à filosofia.

Na adolescência também me senti rejeitado e incom-

petente com as mulheres. Também sonhei com carreiras excepcionais e sucessos retumbantes, condição que reverteria meu posicionamento diante delas. Com a fortuna material eu não sonhava, pois isto esta tratado como coisa "medíocre" no meu ambiente familiar — apesar de que, com os anos, pude perceber que o meu pai tinha um gosto especial pelo dinheiro, coisa da qual certamente ele não se orgulhava. Em certos períodos posteriores da minha vida, também com isto eu sonhei, especialmente influenciado pelo sucesso material de alguns amigos mais chegados. Na época em que todos os rapazes tinham que parecer adultos e independentes, eu também comecei a fumar, vício do qual nunca mais consegui me livrar. Detestei o gosto da bebida alcoólica; depois me habituei ao amargo e bebi por 30 anos — em alguns períodos de maior frustração, quantidades maiores do que as desejáveis. De muitas contradições já me livrei; outras continuam a passear pela minha mente.

Meu intuito não é auto-biográfico e não é o caso de estender as observações deste tipo, aqui registradas apenas para não parecer que uma pessoa "superior" está tentando mostrar o caminho aos pobres mortais. Do mesmo modo que os Alcoólicos Anônimos entendem mais deste vício do que muitos dos médicos que tentam tratar daqueles que foram pêgos na armadilha da bebida, penso que as pessoas que mais padecem das dores derivadas do vício da vaidade são as que melhor podem compreender o processo e, eventualmente, lançar alguma luz na direção de um modo de vida mais gratificante e mais saudável. E o objetivo maior deste livro é exatamente o de propor algumas portas de saída para este vício; não vejo sentido em se fazer a crítica de uma dada postura social e cultural — e seus desdobramentos sobre a psicologia humana — se não temos condições de sugerir um novo caminho que nos pareça mais gratificante; não adianta destruir um conjunto de normas e não lançar a pedra fundamental de um

novo edifício. Só destruir é muito fácil — única coisa fácil de fazer que eu conheço é criticar — e leva ao cáos. Não é este o meu objetivo.

É essencial que se diga desde logo, que o objetivo é o da cura da vaidade como um vício, como uma grave dependência psíquica de destaques e notoriedades. Em momento algum deveríamos pensar em acabar com a vaidade dentro de nós, apesar de que esta é a tendência espontânea de nossa forma de raciocinar quando aceitamos os equívocos de uma dada postura; rapidamente tendemos para o padrão oposto: se a vaidade é um vício e um amontoado de comportamentos até certo ponto ridículos, vamos nos livrar totalmente deles! E isto seria outra vez vaidade. A renúncia total à vaidade seria a suprema vaidade. Seria o desejo do homem de se aproximar dos santos e dos deuses. Não se trata de acabar com o vício da vaidade e gerar o vício da não vaidade.

É sempre difícil, para nós que aprendemos que o meio termo é o local da mediocridade, aceitarmos um posicionamento sem grandezas. Admitir que existe um prazer exibicionista em nossa bagagem genética e que este prazer forçosamente acabará por interferir no nosso processo de raciocinar, coisa que de alguma forma participará de nossa maneira de ser, é fazer uma constatação de bom senso; mas, ao mesmo tempo, não nos fará sentir especiais, que é um dos anseios da vaidade. Aceitar a existência de alguma vaidade como parte da nossa sexualidade é uma coisa que ofende à nossa ânsia de destaque, que é o modo como a vaidade se manifesta no plano da razão. Ou seja, aceitar a vaidade é a forma mais "despojada" de vaidades. Exaltá-la como meta essencial da vida ou negá-la de modo radical é ficar viciado nela. Se aceitarmos que temos determinados prazeres exibicionistas e não tratarmos de dar nenhum tipo de dignidade especial a eles — como costumam fazer os heróis, que acoplam ao seu vício algum objetivo "nobre" — então eu acredito que estamos

nos aproximando da competência para aceitarmos a nossa maneira de ser tal qual ela é. Não cabe ao homem tentar "construir" um modelo para si mesmo no qual ele, com suas propriedades biológicas, não caiba; isto será gerador de perpétuas sensações de inferioridade. Não tem sentido o homem pensar que pode fazer consigo mesmo o que foi capaz de fazer com o mundo inanimado que o cerca: adequá-lo às suas necessidades e às suas vontades. Ao homem cabe conhecer suas peculiaridades; cabe perceber o quanto elas podem ser "plásticas", adaptáveis; e é dentro destes limites que poderão se construir os padrões adaptativos capazes de determinar uma harmonia interior máxima. Não creio que caiba supor que sejamos capazes de possuir um equilíbrio interno absoluto e estático, que possamos estar sempre em paz ou sempre vivermos com alegria; isto também corresponde à negação da nossa condição de seres vivos, permanentemente submetidos a movimentos internos, ora em equilíbrio, ora obrigados a sentir as dores derivadas das desordens do nosso corpo e da nossa mente.

No corpo, como na razão, tudo se arranja e depois se desarranja, para depois se arranjar de novo. É como um caleidoscópio, que alterna figuras harmônicas e belas com desordens caóticas. Nosso equilíbrio é dinâmico; sempre nos perdemos dele e depois tratamos de reencontrá-lo. Não cabe supormos que as coisas possam ser diferentes. Assim também serão as coisas da vaidade, que nos impulsionarão para determinadas posições de desequilíbrio, das quais trataremos de sair para reencontrarmos a harmonia. Viver a subjetividade é estar atento aos movimentos interiores e, na medida do possível, tratar de interferir sobre eles. Tratar de trazer as coisas sempre para perto do meio, do bom senso; e isto não é nada fácil, especialmente para nós que não fomos treinados para esta tarefa; fomos educados para valorizarmos os exageros, os extremos, confundidos com a noção de destaques, de sucesso.

Acho interessante registrar que acredito na existência de um elemento positivo em nosso prazer exibicionista, originalmente ligado à nossa aparência física. Ele determina um impulso no sentido de cuidarmos de suas formas; e isto, na prática, é extremamente benéfico à saúde, estando, pois, integrado aos muitos mecanismos de autopreservação que existem em nós. O prazer de exibir um corpo forte, rijo, bem cuidado, é vaidade; e é também auto-conservação, pois determina a atenção da nossa razão com a manutenção de uma boa condição física, coisa indispensável a uma boa qualidade de vida e também à longevidade. Alimentação adequada, exercícios, e outros procedimentos desta ordem são parte deste processo positivo de vaidade e auto-conservação. É evidente que, também aqui, existem as tradicionais tendências para a radicalização, nossas velhas conhecidas. Algumas pessoas se dedicam quase que exclusivamente aos exercícios, deixando de lado até mesmo os preceitos de saúde e se preocupando essencialmente em chamar a atenção através da aparência física excepcional. Outras pessoas se apegam de modo fanático a determinadas formas de se alimentar e não se desviam em nada dos seus rituais. Nestes casos, já estamos de volta à vaidade como vício.

Dentre os elementos de auto preservação, em virtude das sofisticações sofridas pela nossa vida em grupo e pela aquisição da linguagem, alguns mecanismos se desenvolveram que não tem a ver diretamente com ameaças físicas. Os outros animais só se sentem ameaçados fisicamente, e estão equipados instintivamente para se preparar para a luta ou a fuga. Nós podemos estar sendo agredidos e ameaçados por palavras, por gestos; estamos sujeitos a violências mais sutís, nem porisso menos dolorosas. Acredito que é exatamente a interferência da vaidade na razão que nos permite detectar estas situações; corresponde àquilo que costumamos chamar de orgulho. É o que nos permite sentir se estamos sendo marginaliza-

dos indevidamente, excluidos de algo a que temos direito. É o que nos permite sentir se estamos sendo tratados com respeito, não apenas no sentido de não sermos invadidos fisicamente, mas também do ponto de vista emocional. Nosso orgulho é parte do "radar" a que chamamos de intuição, capacidade de perceber em sutilezas as intenções do outro em relação a nós. É importante instrumento de auto-preservação e é parte da vaidade que exige um tratamento especial. Não é necessário repetir que também este mecanismo que, em doses medianas, é adaptativo, pode estar sujeito aos exageros da radicalização; aí também a extrema suscetibilidade é vaidade como vício.

E como é que se curam os vícios? É evidente que se trata de um proceso extremamente difícil e, em certo aspecto, muito doloroso. A experiência nos ensina sobre estas dificuldades, principalmente no que diz respeito às dependências de drogas; se a supressão de algo que se transformou em essencial em nossa subjetividade fosse fácil, não teríamos os 20% de fumantes na nossa população e nem os 6% de alcoólatras. De todo o modo, qualquer tentativa de cura deriva de uma deliberação da razão. A pessoa precisa se convencer de que ela realmente deseja se libertar daquela dependência; precisa estar consciente dos malefícios de que está sendo vítima e dos benefícios que obterá com o esforço, se bem sucedido, da renúncia. Esta é, pois, a primeira etapa; e se as coisas que escrevi até agora foram suficientes para convencer o leitor, ele estará disposto a continuar no caminho.

Da deliberação se parte para a ação. E é neste ponto de não devem ser subestimadas as dificuldades; se trata de um dos pontos cruciais de todo o tipo de trabalho psicoterápico, uma vez que as decisões racionais encontram forte oposição no nosso mundo emocional. Um atleta profissional de sucesso se propõe a encerrar sua carreira; um executivo se decide pela aposentadoria; um jovem resolve deixar de fumar; em qualquer destas situações a

pessoa irá enfrentar dificuldades semelhantes. A dimensão da dificuldade não é proporcional à magnitude da renúncia; ela deriva da dolorosa sensação de perda de alguma coisa muito querida, muito essencial. Será obrigatória a travessia de um caminho de depressão; e ela ocorrerá mesmo quando estamos agindo de acordo com nossas convicções racionais; estas apenas nos poderão garantir as forças para continuarmos na rota. Numa primeira etapa nos parece que a deliberação está errada, pois a dor é muito forte; e são muitos os que revertem o processo neste ponto. Quando fazem isto, sentem alívio; mas depois se arrependem. A depressão é um estado subjetivo muito desagradável, que nos subtraí o ânimo, os interesses e também nos faz pessimistas; por causa disto, parece que a dor jamais terá fim; não é imediato o vislumbre da saída, daquilo que nos espera no fim da estrada. No início, estamos impulsionados pela decisão racional, que gera uma força que costumamos chamar de "força de vontade"; com o passar das semanas, ela vai se esvaziando; como regra, ela termina antes de vislumbrarmos a saída, de modo que o sofrimento se torna máximo. É necessária grande determinação e persistência para que possamos começar a sentir o alívio derivado da constatação de que estamos nos habituando à nova condição; o alívio derivado da percepção de que pode haver "vida" sem o cigarro, sem o álcool, sem o trabalho importante, sem o destaque social e a fama.

No caso das rupturas amorosas, a situação é idêntica e em muitos casos agravada pela perda real de uma companhia positiva e gratificante. A dor de perda é vivida como dor de morte; talvez sejam estes os maiores sofrimentos que tenhamos que enfrentar durante a nossa passagem pela Terra. Talvez seja adequado dizer que as pessoas equipadas para a vida são aquelas que suportam as dores derivadas das rupturas de vínculos e as que dependem da renúncia de sensações que nos parecem essen-

ciais. Nas rupturas de elos, nos deparamos com a dor do desamparo. Nas renúncias de posições sociais — e também de certas drogas — o que nos atormenta é a consciência de nossa insignificância. De todo o modo, um dia teremos que aprender a conviver melhor com estas verdades da condição humana; e não é através do vício da vaidade que poderemos ir a algum "porto seguro"; ela apenas nos faz cada vez mais despreparados para as nossas verdades; como todo o vício, justamente nos enfraquece naquele mesmo aspecto em que ele nos serve de paliativo. Mais dia, menos dia, quase todos teremos que nos deparar com a nossa insignificância cósmica; se não for por outra razão, pelos simples fato de sermos mortais; e isto nos iguala a todos.

No caso específico das vaidades da maioria de nós, de nossos prazeres derivados do destaque social, as dores derivadas da renúncia de posições — feitas em virtude de nossas deliberações — são bastante menos dolorosas do que aquelas que descrevi acima. Isto se raciocinarmos de um modo não radical; ou seja, se a pessoa reconhecer o seu vício e admitir que poderá tentar administrar sua supressão de modo gradual, sem aceitar a tendência radicalizadora que deriva da própria vaidade. Nestes casos, o processo poderá durar anos e estaremos conciliados internamente mesmo que ainda sejamos conscientes da presença de muitos componentes do vício; para aqueles que já se viciaram, a saída é difícil. Talvez seja interessante pensarmos que aquilo que não fomos capazes de fazer, talvez nossos filhos ou nossos netos farão; aquilo que é extremamente custoso e incompletamente realizado pela nossa geração, é natural e espontâneo na vida de nossos filhos. Eu, que já me viciei no cigarro, pode ser que nunca consiga me libertar inteiramente dele. Meus filhos, já conscientes dos seus malefícios, jamais se viciarão. E assim as coisas progridem com mais docilidade e chegam ao mesmo objetivo. Nos cabe fazer o que podemos; a

consciência dos malefícios da vaidade está nos chegando agora, já no meio do caminho da vida, já viciados. Um pouco conseguiremos caminhar — sempre tendo que passar pelo terrível escuro da depressão — e outro pouco será a tarefa das gerações que nos seguirão. O importante é que o processo se inicie, pois esta extrema voracidade por fama e por fortuna é uma bomba-relógio que ameaça a sobrevivência de toda a espécie.

Apesar de todas as nossas dificuldades, penso que seja interessante especularmos acerca do que seria uma vida onde a vaidade contasse menos. Para muitos poderá parecer o paraíso inatingível; para outros a sensação será de tédio e banalidade, dependendo de como a razão esteja refletindo sobre a própria vida e seus planos. De todo o modo, a redução da importância da vaidade nos remete para o mundo dos "valores intrínsecos" das coisas e das pessoas; e também para o domínio da reflexão ponderada, do meio termo e, em muitos casos, do que se chama de bom senso. É essencial reafirmar que são muitas as pessoas que não são viciadas na ânsia de destaque; em geral são chamadas de "pobres de espírito"; não resta dúvida que é deles "o reino dos Céus" e eu penso que é deles também o reino da Terra.

Do ponto de vista da vida intelectual, a genuína vontade de conhecer e compreender a vida e o mundo é, para muitos de nós, fonte de enorme prazer autônomo. Quando assistimos a um filme que nos encanta por sua beleza, pela forma peculiar como conta uma determinada história, pela leveza da representação dos seus atores, pelo humor inteligente, experimentamos grande satisfação íntima. Este tipo de gratificação é totalmente independente dos prazeres exibicionistas, que, é claro, podem se acoplar ao processo se acharmos indispensável mostrar a outras pessoas nossa erudição. A leitura de um livro que nos fascina pela maneira como é escrito, pelo requinte da trama que ele contem, pelos conhecimentos que transmite, é, com

freqüência, um tipo de satisfação extremamente forte. A respeito da música e das emoções que ela nos provoca não é necessário fazer comentários. O prazer íntimo derivado de aprendermos algo novo é, como regra, mais gratificante do que o ato de ensinar — neste último a vaidade pode ser acoplar com grande facilidade.

A acumulação de conhecimento que deriva do processo de aprendizado é de extrema valia para a nossa forma de projetar e administrar a vida. Nos permite ultrapassar certos obstáculos com maior facilidade, reconhecer perigos, prever conflitos; nos permite maior chance de resolver com acerto os inúmeros dilemas que o caleidoscópio da vida nos apresenta. Tem efetiva utilidade também no plano da luta — atenuada em nossa época — pela sobrevivência; nos equipa para a realidade da vida, desde que não usemos o conhecimento e a imaginação para compor projetos radicais. Estes últimos poderão estar de acordo com os intuitos da vaidade, mas dificilmente estarão a serviço de uma boa qualidade de vida. Também me parece importante que evitemos o uso do saber como fonte de exibicionismo; o conhecimento é a nossa bússola na travessia do mar da vida; qualquer desvio de rota, imposto pela vaidade, terá graves conseqüências negativas. Quando uma pessoa assisti a um filme e se encanta por ele, terá também grande vontade de falar sobre o assunto; isto é, mais do que tudo, a ânsia de repartir com os outros a sua forte emoção; porém, não creio que seja interessante usar este momento para exibir sua erudição; quem estiver mais preocupado com isto não terá serenidade sequer para assistir o filme e se deixar embalar por sua trama.

Muitos são os trabalhos que podem despertar genuínos interesses intelectuais intrínsecos. Serão assim todos os que exigirem decisões pessoais a respeito de assuntos que surgem no cotidiano, os que envolvem dilemas novos. Isto incita nossa razão, da mesma forma que um quebra-cabeças; temos que buscar a solução para um dado problema; o encontro determina uma satisfação íntima ligada ao fato de termos aprendido algo de novo e também faz bem à subjetividade pelo fato de termos nos testado e termos tido sucesso. Isto se transforma em vaidade como vício se o principal for contarmos para os outros nossos feitos e conquistas; enquanto prazer íntimo é apenas um agradável atenuador de nossas permanentes sensações de inferioridade. Estas satisfações interiores independem da remuneração e de espectadores, sendo, pois, um prazer intrínseco. É evidente que o trabalho não é só isto, que existe também um grande contingente de rotina, de repetição de situações conhecidas e já resolvidas. Mas a própria repetição poderá, vez por outra, nos inspirar no sentido de encontrarmos soluções melhores do que aquelas que estamos usando; a repetição poderá ser muito criativa, pois tudo é muito parecido e nada é exatamente igual. Um ator de teatro que represente centenas de vezes a mesma peça sabe que cada espetáculo é uma repetição e é único ao mesmo tempo; penso assim do trabalho do médico, do engenheiro, do vendedor, do comerciante, do agricultor, etc.

Nos tempos atuais, o trabalho é um dos pontos onde a vaidade mais tem contaminado o bom senso; e também o das mulheres, antes livres deste drama; o drama não é o trabalho e sim a necessidade de se destacar através dele. O trabalho é uma coisa ótima para o ser humano, pois ocupa a sua razão com temas razoavelmente interessante, fazendo com que o tempo flua com mais ligeireza — o que sempre é sinal positivo — e não nos ocupemos apenas de nós mesmos, nossos problemas físicos, psíquicos e metafísicos. Não creio que tenhamos competência para a reflexão subjetiva permanente e nem que isto seja de alguma valia a não ser para nos deprimir (as pessoas do campo dizem: "cabeça desocupada é oficina do demônio"). Além disso, é indispensável para a resolução das nossas necessidades de sobrevivência; é o esforço coletivo que

modificou o planeta e tem conseguido extrair dele uma condição de vida digna para um número crescente de pessoas (é evidente, também, que estamos longe do ideal neste particular, entre outras razões, por falta absoluta de bom senso).

O trabalho nos incita o intelecto, nos intriga, nos ocupa e nos sustenta. São razões de sobra para dedicarmos a ele a terça parte de nossa vida, que já é uma fatia bastante razoável do nosso tempo. Porém, quando a vaidade penetra neste setor, podemos nos dedicar a ele de corpo e alma; não conseguimos mais ficar desocupados ou entretidos com coisas que não nos dão destaque ou dinheiro — que é, neste caso, também uma forma de destaque. Perdemos a capacidade de nos ocupar "gratuitamente", isto passa a ser sentido como perda de tempo, mesmo quando agradável. Não podemos sequer tirar férias, a não ser para irmos a algum lugar que tenha "status" por si, que esteja na moda. Viagem a trabalho passa a ser mais interessante do que o passeio; não só porque as despesas são pagas por terceiros, mas também porque se tem a impressão de estar fazendo algo de "útil". "Útil" passa a ser sinônimo de atividade com destaque e "fútil" passa a significar lazer; atividade "fútil" faz a pessoa se sentir "medíocre"! A confusão cresce assustadoramente. As pessoas nestas condições trabalham demais, se desgastam fisicamente de maneira precoce e desnecessária; são escravas totais da vaidade porque são objeto da admiração coletiva, já que a maioria das pessoas vê neste absurdo um sinal de força e competência.

O absurdo não é menor na relação do homem com o dinheiro. Se a vaidade for para o devido lugar — um prazer acessório, complementar — todos nos conscientizaremos de que necessitamos muito menos do que supomos. Não haverá, por outro lado, nenhuma tendência para o ascetismo radical que implica em renúncias igualmente desnecessárias. Todos gostamos de possuir certos objetos, certas

roupas especiais; todos nos sentimos mais confortáveis quando temos alguma reserva que nos deixe mais serenos quanto ao futuro e mais precavidos para emergências. Mas estes valores são irrisórios perto dos milhões e milhões que nos condicionaram a pretender; estes só servem para a nossa vaidade enquanto vício. Nos custa a vida — e, em certos casos, a alma — para tentarmos consegui-los e, se vencermos, ainda teremos que trabalhar mais para poder administrá-los, já que ninguém gosta de sentir que está perdendo ou sendo roubado. A sensação de apaziguamento que uma relação lógica e de bom senso com o dinheiro pode nos proporcionar é incrivelmente mais gratificante do que os destaques que a fortuna pode nos oferecer. Quando percebemos isto, nos livramos da inveja daqueles que têm mais do que nós; isto, é claro, desde que tenhamos o necessário para uma qualidade de vida decente, o que incluí também a folga material necessária para nossas pequenas extravagâncias.

Se a ânsia de destaque estiver sob controle, talvez tenhamos condições de refletir com mais sabedoria sobre as questões de ordem moral. Penso que ser justo, ao invés de ser generoso ou egoísta, é outro exemplo denunciador de que a "virtude" está no meio termo. Ou seja, que a "virtude" reside no lugar onde não há "virtude especial", pois esta é outra palavra carregada das supostas glórias da vaidade. O egoismo é fraqueza e oportunismo; a generosidade é fraqueza e grande vaidade que, é claro, custa caro a quem deseja se satisfazer por esta via. A generosidade, para se exercer, exige a presença do egoismo e é o seu grande reforçador; desta forma, não creio que, até hoje, se tenha realmente desejado acabar com o egoísmo, pois isto seria o fim da generosidade. E os "humanistas" viciados nesta "virtude" teriam que viver um doloroso rebaixamento. Creio que a incompetência de muitas pessoas para dizer não a alguém que faça um pedido absurdo deriva mais deste mecanismo do que da piedade, que é

a explicação usual para o processo de concessões indevidas.

Se conseguíssemos acabar com esta forma bipolar e radical de raciocinar sobre a questão moral, estaremos nos livrando de um processo milenar que, a meu ver, nos induziu a muitos erros. Estaremos, finalmente, chegando ao território livre que fica "Além do Bem e do Mal" pressentido por Nietzsche no século passado e que ainda não fomos capazes de alcançar. Suspeito que as novas perspectivas que se abrirão para a nossa reflexão e para a nossa forma de viver serão de uma riqueza fantástica, além de representarem uma verdadeira revolução no nosso mundo interior.

Há vários anos venho insistindo na tese de que as relações efetivas mais ricas e mais intensas são as que se estabelecem entre criaturas afins; em particular, entre duas pessoas originalmente mais generosas, uma vez que as mais egoistas raramente se sentem seguras para amar de verdade. A generosidade se "cura" numa condição destas, pois tudo aquilo que se dá ao amado acaba voltando, devido à ânsia de retribuição do outro; no início, os generosos envolvidos nesta troca, que é inusitada para eles, se sentem constrangidos e não raramente desenvolvem uma certa irritação contra a pessoa amada. Se superarem o desconforto de não poderem se sentir superiores, experimentam a grande dádiva de amarem e serem amados ao mesmo tempo, com todo o desdobramento já descrito no capítulo relativo ao amor. Mas para que isto ocorra é necessário que as pessoas envolvidas se "curem" de suas generosidades, além de terem a coragem para a dependência inicial e para suportarem o medo da felicidade.

Nestas condições de afinidade e de recíproca confiança, se experimentam as sensações intrínsecas ligadas ao amor, que têm a ver com a máxima atenuação do desamparo original, como o sentir-se compreendido e aceito com todas as peculiaridades, inclusive com a atenuação

do medo de se mostrar também inseguro, com medos e sentimentos de inferioridade. A sinceridade da comunicação deriva da ausência de julgamentos, que advém das semelhanças no modo de ser e de pensar; quando a união efetiva se dá entre pessoas antagônicas, as críticas são inevitáveis e dependem também da existência da recíproca inveja. Na sua essência, a relação amorosa entre pessoas semelhantes determina a aceitação de si mesmo através do ser aceito pelo outro. Devido à facilidade de communicação entre pessoas que "falam a mesma língua", não nos sentimos tão sozinhos no mundo e isto determina grande apaziguamento para o desamparo; apaziguamento real pois somos compreendidos e aceitos nos mostrando como realmente somos, sem as máscaras tão usuais na vida social. Ao menos numa primeira fase, a vontade de outras significâncias, que não aquelas derivadas do próprio encontro amoroso, se atenuam brutalmente e eu creio que este fato deveria ser levado mais a sério. É possível que a atenuação da sensação de desamparo nos faça com melhores condições para aceitar a insignificância. É possível também que a busca de grande significância seja um equívoco derivado da idéia de que, por aí, encontraremos aconchego. Devido à confusão que sobrou em todos nós do processo educacional a que fomos submetidos, é possível que muitos de nós tenhamos honestamente pensado que se fôssemos capazes de suceder — segundo os padrões de nossos pais e, mais tarde, de nossos cônjujes — finalmente seriamos amados por eles da forma que nos satisfizesse. Muitos buscaram o sucesso para obter, através da admiração, o amor. E ganharam a inveja! Provavelmente experimentaram grande amargura e revolta ao perceberem o resultado de seus esforços; como represália, decidiram por um sucesso crescente, para ferir com a inveja aqueles que não foram capazes de amá-los. Aceitaram o desamparo e se viciaram nas glórias da significância e da vaidade. Quanto mais seguiram por este caminho,

mais solitários foram se sentindo e, mesmo se foram amados, perderam a capacidade de acreditar na sinceridade deste sentimento.

É possível, pois, que exista uma estreita correlação entre estes dois pontos fracos da condição humana (vide "Ser Livre"). Pessoas mais gratificadas na questão do desamparo provavelmente necessitam de menores destaques, ou pelo menos tenderiam menos para a vaidade como vício. Na medida em que nos viciamos no sucesso, experimentamos mais claramente o desamparo e esta condição reforça o vício; isto porque o destaque desperta a inveja como emoção prioritária sobre o amor, ao menos para a grande maioria das pessoas. Em termos gerais, poderíamos dizer que todos temos que optar: ou nos ocupamos de atenuar o desamparo ou buscamos a significância; ao menos como prioridade, como rota principal. E a experiência nos ensina que chegaram a uma terra mais fertil aqueles que foram atrás das relações humanas consistentes como escolha principal.

Usei a expressão "relações humanas consistentes" para poder englobar, além do amor, as relações que costumamos chamar de amizades. Este é outro tema desprezado pela psicologia e a ele ainda pretendo me dedicar no futuro. Acredito que a emoção contida neste tipo de relacionamento é extremamente parecida com o amor, ainda que talvez de intensidade menor; talvez porisso mesmo, livre dos ingredientes possessivos e exclusivistas do amor. Como regra, são relações onde o elemento sexual não existe ou é de intensidade menor. Nas reais amizades — o termo tem sido usado de um modo muito banalizado nos últimos tempos — a sinceridade da comunicação e as posturas despojadas de julgamento existem de modo similar ao que ocorre no amor. Em geral, se estabelecem entre pessoas semelhantes e porisso mesmo o componente invejoso não chega a comprometer a intimidade. Desta forma, é outro importante atenuador da dor do

desamparo. Pessoas que têm um relacionamento amoroso gratificante e alguns amigos verdadeiros podem, a meu ver, se considerar muito ricas; e é provável que destes convívios derivem gratificações muito maiores do que aqueles que acompanham a fama e a fortuna. Quando a companhia é agradável, prestamos pouca atenção aos "cenários e figurinos".

Não é pois, difícil imaginar como poderiamos agir no trabalho, no amor, nas questões financeiras e morais que tanto nos atormentam, se estivéssemos livres da vaidade como vício. Além disso, muitas são as pessoas que agem de modo racional e ponderado em relação a todos estes temas; infelizmente este não costuma ser o caso das criaturas mais bem dotadas de inteligência; é como se estas tivessem sido mais machucadas pelas dores de sua história pessoal, talvez porque tenham tido mais perspicácia para entendê-la ou porque compuseram interpretações — nem sempre verdadeiras — mais dramáticas a respeito do que lhes aconteceu. Por serem mais marcadas pelo passado, tendem a buscar mais ativamente os "remédios" neutralizadores das inseguranças e sentimentos de inferioridade; buscam o sucesso e depois se viciam nele.

O que me parece muito difícil é fazer conjecturas acerca de como poderíamos resolver a questão da sexualidade humana. O que seria uma vida sexual governada pelo bom senso? Não temos a menor idéia de como resolver os dilemas criados por este forte desejo; ele é indiscriminado e anárquico, no sentido de que não respeita nenhum tipo de regra. Ao mesmo tempo, não creio que seja possível, conforme já escrevi, qualquer tipo de vida em grupo sem alguma regulamentação da prática sexual. Uma pessoa, à medida em que amadurece emocionalmente, tende a se encantar sentimentalmente de uma forma cada vez mais coerente com sua racionalidade; com o passar da vida e o aprendizado que dela deriva, há uma clara tendência para o encantamento por pessoas afins e

isto leva a uma boa e estável solução para os desejos de aconchego e companheirismo. Mas com o desejo sexual não é assim: ele persiste na sua indiscriminação original; por mais gratificada sentimentalmente que uma pessoa esteja, ela permanece sensível a estes múltiplos desejos eróticos. Mulheres particularmente atraentes despertam o desejo de todos os homens, inclusive daqueles que estão felizes com seu par; mulheres realizadas do ponto de vista do amor continuam gostando de despertar o desejo de outros homens.

O jogo erótico de conquistas dificilmente deixará de ser o grande tema da subjetividade dos adolescentes, sedentos deste tipo de auto-afirmação. Não posso imaginar um mundo onde os rapazes não busquem a admiração das moças e onde elas não queiram ser admiradas e desejadas por muitos deles. Porisso mesmo, sempre me parece totalmente impossível cogitar de um grupo social onde não haja algum tipo de luta por destaque e poder: esta busca tem uma raiz sólida na nossa biologia, na natureza de nossa sexualidade.

Acredito que é justamente quando uma das peças do quebra-cabeças da nossa subjetividade não se encaixa do modo como gostaríamos, que cabe a nós refletir sobre a necessidade de aceitarmos como inevitável uma certa dose de frustração e de insatisfação. O exercício livre da sexualidade humana acirra a competição entre as pessoas, agrava a tendência para a vaidade se estabelecer como vício e dificulta sobremaneira a solução para os anseios amorosos. Se acreditamos, não como preconceito mas sim como convicção, que um arranjo adequado para estes aspectos sociais e individuais seja mais interessante para o ser humano do que a tentativa do pleno exercício do desejo sexual, então nos cabe estabelecer limites para a prática da vida erótica. É evidente também que, na vida real, algum tipo de frustração sexual existirá mesmo para

aqueles que tratam de viver ao máximo seus desejos, pois alguns não se realizarão.

Quando se diz da necessidade de se estabelecer limites para a vida sexual, se está pensando no plano concreto. No mundo do imaginário sempre existirão todos os tipos de fantasias; acredito mesmo que elas podem ser vivenciadas de modo muito agradável, pois há certas coisas mais atraentes enquanto sonhos do que quando concretizados (e no que diz respeito à nossa sexualidade não tenho dúvidas de que isto seja verdadeiro; quase todas as fantasias eróticas são mais excitantes do que suas realizações concretas). Também gostaria de deixar claro que a idéia de compor limitações não tem nada a ver com a criação de normas sociais rígidas que restrinjam a pessoa de fora para dentro. Tenho convicção absoluta de que este tempo já passou. Cada pessoa constituirá suas regras e estabelecerá seus padrões de comportamento. Cada pessoa saberá qual o tipo de equilíbrio que sua subjetividade requer em um dado período de sua vida; saberá o momento de buscar novos pontos de equilíbrio quando isto se fizer necessário; cuidará também de dar gratificações à sua vaidade, tratando apenas de não ser escravo dela. Se não creio que seja sábio ser radical nos assuntos humanos em geral, penso que seria mais grave ainda tentar sê-lo quando estamos pensando na questão da sexualidade.

Nossa cultura vinculou, ao longo de séculos, o exercício da vida sexual ao matrimônio; se sabe também que esta limitação sempre foi exigida das mulheres de modo radical e as regras reais eram mais permissivas para os homens — o que sempre implicou na necessidade de se separar um certo grupo de mulheres para servir ao ""prazer proibido" deles. Nos meus primeiros trabalhos, especialmente num dirigido para o público jovem ("Sexo e Amor"), eu propus a vinculação da vida sexual ao encantamento amoroso. Rapazes e moças têm, hoje em dia,

condições idênticas e não há mais sentido para a persistência de um duplo padrão de conduta sexual. Se trata de uma limitação, mas bastante mais frouxa do que a norma anterior; é evidente que é apenas uma sugestão e que está longe de ser a solução para os dilemas da sexualidade humana. Porém, ainda hoje me parece uma saída consistente, uma vez que acredito que é aquela que implica numa quota mínima de frustração.

Se pudermos pensar no encantamento amoroso como dependente da recíproca admiração derivada de se reconhecer no outro valores intrínsecos e não os da fama e da fortuna, podemos supor que os mesmos critérios de admiração poderão se estender para a vida sexual. Se as mulheres mais atraentes se impressionarem mais com a meiguice, a lealdade, a sinceridade, o companheirismo e a honestidade dos homens de que com sua capacidade de ser vencedor e ter sucesso a qualquer custo, então estaremos diante de um mundo novo. Acredito firmemente que aos rapazes interessa mais do que tudo impressionar às moças que lhes despertam o desejo sexual e os anseios de compor vínculos amorosos. Se os critérios femininos de admiração forem os reais valores do ser humano e não aqueles que derivam da intromissão da vaidade em nossa forma de raciocinar e de ver a vida, será atrás destes critérios que os homens irão. Se um vencedor, ainda que desleal, deixar de ser o "eleito" e a preferência sexual e sentimental das mulheres recair sobre uma pessoa mediana e de caráter íntegro e meigo — que, na prática, é muito melhor companheiro — estaremos vivendo a grande revolução possível para a nossa espécie. A admiração continuará a ser o fator decisório para as escolhas; mas seus critérios terão se alterado, terão se libertado da vaidade que exige destaques a qualquer preço.

Se isto acontecer, é fácil imaginarmos uma nova ordem social; estaremos a um passo da justiça social — dentro dos limites realistas que nos cabe pensar, uma vez

que algumas diferenças e desigualdades sempre existirão. Não existirá a luta desbragada pelo poder e pela acumulação de fortunas, que implicam na miséria de grandes segmentos da população, pois isto não impressionará a ninguém; numa sociedade onde o bom senso prevalecer, atitudes deste tipo serão tratadas como claras anomalias, totalmente irracionais e, porisso mesmo, nada admiráveis. Há alguns anos escrevi que seria lógico supor que um dia o capitalismo iria terminar em virtude da renúncia dos capitalistas ("Ser Livre"). Continuo a pensar da mesma maneira; acho mesmo que só assim é que poderá se dar a alteração da ordem social; só quando os seres humanos, especialmente os mais dotados, se recuperarem da sujeição total à vaidade, que é apenas um dos componentes da nossa sexualidade e não precisa se transformar no nosso motor principal. Se pessoas igualmente viciadas na vaidade tentarem construir outro tipo de ordem social, podem dar a ela o nome que desejarem; aos poucos, tudo ficará muito parecido com o capitalismo tal qual o conhecemos. O caráter selvagem deste tipo de organização social não é único que nossa espécie pode construir; ele é apenas o produto da nossa rendição à vaidade. Se conseguirmos nos curar deste vício dos vícios, poderemos vislumbrar muita coisa nova também quanto a este aspecto essencial que é o da organização da nossa vida coletiva.

Escrever este livro foi uma experiência pessoal muito forte e muito rica. Ele me ajudou muito e provocou uma grande sensação interior de apaziguamento. Acredito mesmo que a serenidade e a paz só podem nos chegar se conseguirmos ter o "dragão" da vaidade sob controle. Mesmo que estejamos ainda muito longe de conseguir todos os benefício de uma vida onde a vaidade não nos tiranize, para mim foi uma delícia poder imaginar de novo o homem como um animal que poderá encontrar caminhos mais sábios e gratificantes. Mais adorável ainda foi poder sonhar com uma ordem social mais justa, coisa

que eu não conseguia fazer há muitos anos; e não faz mal que seja apenas sonho por enquanto, desde que seja um projeto possível de se realizar um dia. E eu acredito nisto, principalmente pela paz interior que pode nos invadir se formos capazes de colocar a vaidade no devido lugar. Afinal de contas, todas as pessoas buscam mesmo é viver bem e com alegria; se até hoje buscamos as glórias é porque pensávamos que era este o caminho da felicidade; se mudarmos de rota e encontrarmos melhores resultados, é nesta nova direção que nos fixaremos.

Espero que a leitura deste livro tenha provocado em você as mesmas emoções que eu vivi ao escrevê-lo; a vergonha inicial da percepção dos infindáveis erros de encaminhamento da vida se diluiu em um grande bem estar e enorme otimismo em relação ao futuro. De todo o modo, obrigado pela companhia. E até breve.

Este livro foi impresso pela
artes gráficas guaru s/a.
Rod. Presidente Dutra, km 214
Fone: 912-1388 - Guarulhos

FOTO: Rosa Gauditano/Fotograma

Este livro, o décimo segundo escrito por Flávio Gikovate, trata da vaidade, emoção humana fundamental e que foi completamente esquecida pelos textos contemporâneos de psicologia.

O prazer de se exibir, chamar a atenção e se destacar — que é como a vaidade é definida pelo autor — participa de todas as ações do ser humano e é parte essencial em todo o tipo de interação social. Está presente na raiz de todos os vícios, e é daí que deriva o título deste estudo contundente sobre a nossa maneira de viver.

A tese fundamental defendida aqui é a de que a serenidade, a paz de espírito e a boa qualidade de vida só serão possíveis para aqueles que não se deixarem escravizar pela vaidade. Este trabalho também defende o ponto de vista de que uma ordem social mais estável e mais justa só será alcançada quando os homens se voltarem para as coisas mais essenciais da vida e abandonarem a obsessão pela superficialidade e pela ostentação de todo o tipo.

VÍCIO DOS VÍCIOS FLÁVIO GIKOVATE